

# AS MARAVILHOSAS HISTÓRIAS ESCOTEIRAS. Volume VI.



## *Chefe Osvaldo.*

Um novo dia...

Todo dia de ontem pode ter sido árduo. Muitas lutas vieram, deixando-te o cansaço. Provas inesperadas alteram-te os planos. Soma, porém, as bênçãos que Deus te entregou. Esquece qualquer sombra, não pares, serve e segue. Agora é novo dia, tempo de caminhar.



**Aqui estamos nós com o Volume VI das Histórias Maravilhosas Escoteiras. Os contos, histórias, lendas e poemas vão chegando e porque não deixar que aqueles contos gostoso do movimento Escoteiro sejam do conhecimento de todos para ler e apreciar. Como dizemos sempre quanto mais tivermos histórias para contar aos nossos jovens, quanto mais dermos a eles bons exemplos nossa missão de sede e campo se torna mais fácil. Faça seu escotismo com amor e vais ver que sua meta será mais fácil para atingir. Se possível faça cópias para seus amigos, para seus jovens, procure dar a eles uma nova visão de lendas ou mesmos histórias fantásticas para que o escotismo possa alcançar o sonho Escoteiro. Obrigado, e aguarde o Volume VII.**

**Muito obrigado por ser mais um de nós. Desejo a você um escotismo cheio de aventuras, de muitas atividades aventureiras. Sempre Alerta!**



## **“Escoteiro Sonhador”**

È bom demais acampar, Colocar a mochila as costas,  
De sentir o seu calor, ir por estradas sem fim.  
Parar para descansar, olhando as flores silvestres,  
Sentir o sol a queimar e seguir no horizonte,  
A procura das montanhas de marfim.

Ao lado de tantos amigos, colocar o pé na estrada.  
Sentir a poeira no rosto, cantar uma canção bem bolada,  
A patrulha marchando em fila, sentindo no rosto o suor,  
E esperar o "Chefe", Que vai dar a bela ordem:  
- Parando escoteirada! É hora de descansar.

É bom demais chegar lá. Onde vai ser o nosso lar,  
E ali nós vamos viver, amando a nossa patrulha.  
Vivendo com aquela turma, correria nas barracas,  
Construir um pórtico um fogão, todo ele feito de barro,  
Na mesa a quadrada e uma costura que vamos nos orgulhar.

E depois um banho gostoso e frio em um riacho qualquer.  
Deitar na relva ver o céu, acordar de madrugada,  
Ouvindo o cantar da passerada vendo o orvalho cair.  
È gostoso na barraca, descansando de uma luta,  
De um dia de labuta agora vamos dormir. E quando a hora chegar  
Vamos sonhar com tudo isto, passear na nuvem branca,

Quando a Patrulha se levanta, em busca do amanhecer.

É gostoso sentir a fumaça, do fogão à lenha queimando,  
Do alegre cozinheiro, com os seus olhos vermelhos,  
Como se fosse chorar, e sorrindo ele sabe,  
Que não é só amizade é pertencer à equipe,  
De meninos de estipe, fraternos e aventureiros.

E como é gostoso olhar as mãos, com muitos calos marcados,  
Pois o facão e o machado, o sisal e o cipó,  
Não perdoam a ninguém. Disso sabemos todos,  
Ali são bons mateiros, gente boa e escoteiros,  
Se no jogo cair ao chão, na grama do acampamento.  
Dar risadas com amigos, pois ali é união,  
Que seja um jogo qualquer. Ali somos fraternos,  
Seja hoje ou eterno, esperando o doce amanhã.

E quando a noite chegar, na porta de uma barraca,  
Fazer um pequeno fogo, sentir uma alegria, de ver,  
A Patrulha aproximando, um café quente e fervendo,  
Conversas jogadas fora, sentir saudades da escola,  
Da namorada amada, da mãe que não há momento,  
Alcançar o seu intento, beijar seu rosto e sorrir.

É gostoso é bom demais, sentir o cheiro do mato,  
Ouvir o som do regato, o cantar de um sabiá,  
Um vagalume perdido, o uivo de um lobo guará,  
Lá ao longe bem distante, nas montanhas verdejantes,  
Onde ele uiva errante, onde é o seu habitat.  
Gente que coisa boa, beber água da nascente,  
Tão fresca e tão brilhante, de olhos fechados sorrindo,  
Sentir o orvalho caindo, no rosto daquela manhã.  
Do som da passarinhada ao anunciar nos gritantes,  
Até o grilo falante, que canta ao alvorecer.

Como é linda a alvorada, ver a bandeira arvorada,  
Em um galho firme qualquer ao fazer à saudação,  
Sentir-se um patriota, saber que a maciota.  
Não faz parte do saber. Ver a Bandeira tão verde,  
O vento soprando forte, representando a nação.  
Dizem que somos meninos, que adoramos o escotismo,  
Que amamos as flores silvestres, olhar olho no olho.  
A formiga que não para, A coruja que não ri,  
O tatu que se esconde no seu buraco infernal.

E lembrando-se da verdade que sem fazer alarde,  
Seja na sede ou acampando, seu saber estás buscando,

Para ser alguém amanhã. Bom demais ser Escoteiro,  
Correr em busca do tudo, sentir no corpo o orgulho,  
De cumprir a promessa a lei. Está é nossa missão.  
E você lembre-se de sua promessa, e do que prometeu,  
Que seria homem honrado, do escotismo apaixonado,  
A correr montes e vales, em busca das aventuras,  
Que só podemos encontrar, no nosso escotismo amado.

Adeus, você que fica não chore, com nossa brusca partida,  
Mas se um dia quiser, encontre-nos em qualquer montanha.

Vá com sorriso nos lábios, coloque sua mochila,  
Aprume a sua bandeira, Cante uma bela canção,  
Um lindo sorriso no rosto, E venha nos encontrar.

Pois aqui na ventania, esperando com alegria,  
Olhando sempre o horizonte, esperamos por você,  
A surgir atrás dos montes e dizer com muito orgulho:

Meu irmão acredite, eu aprendi ser um mateiro,  
Agora eu tenho orgulho, eu também sou Escoteiro.

Chefe Osvaldo

## **A noite chegou mansa para nos dizer “Boa Noite”.**

O dia se foi, a noite chegou. Mais um dia como muitos que passam pela minha vida. Na minha varanda não vejo o céu, não vejo as estrelas. Saudades de onde morei, pois lá avistava um céu cheio de estrelas. Era gostoso sentir o cheiro do mato, o barulho da cascata, um galo que canta fora de hora. Mesmo assim eu olho para o céu e através da poluição imagino o céu estrelado. Sempre imagino. É como o escotismo. Imagino e faço minha parte para que ele seja alegre. Para que os participantes se sintam bem e que a fraternidade que tanto apreçoamos não seja apenas uma metáfora.

Gosto de matutar. Mineiro que não matuta não viveu no sertão. Sempre achei que aqueles que labutam no escotismo precisam de um amigo. Um amigo para dar um tapinha nas costas e dizer – Vamos juntos mudar o Brasil. Temos um manancial nas mãos. Todos contamos com você. E você sabe que pode contar comigo. Posso lhe dar um abraço de agradecimento? Um aperto de mão sincero? – Muito obrigado meu amigo. Uma medalha eu te daria e não podendo te dou uma palma escoteira. Estes Chefes, uns abnegados e não reconhecidos. São aqueles que são anônimos no seu trabalho de formação da juventude. Eles já fazem muito. Sacrificam horas e família. Acampam, tem alguns que várias vezes na semana fazem escotismo. Porque nossos dirigentes não compreendem que é a associação quem precisa deles e não o contrário? Porque não procuram mostrar agradecimento?



Muito sono. Minha mente hoje passeia por aí sem destino. Ainda escrevo contos e histórias. Elas são minha razão de viver. Preciso dormir, estou cansado. Corpo doendo querendo repousar. Quem sabe terei um belo sonho? Qual deles eu gostaria de ter? Não sei, meus olhos fecham aos poucos. Meu lar dorme, o silêncio faz parte do final da noite. Hoje não tem lua cheia, o céu cinzento, dizem que o frio vem aí. Não sei se ele vem a pé ou a cavalo. Mas vem. Juram que é o maior nos últimos trinta anos. Estou até pensando como fazer para os dias frios passarem rápidos.

## **Crônicas de um Velho Chefe Escoteiro. Não deixe o vento levar o seu sonho.**

Lá estava ele, altaneiro, cheio de vida, correndo com o vento amigo que o levava onde ele queria ir. Ele sabia de sua importância, sabia que todos sempre pensavam nele e não queria decepcionar ninguém. Afinal ele era um Sonho e fazer os sonhos dos que pensavam nele realizarem o fazia feliz muito feliz... Ele sabia que nem sempre conseguia seus intentos, sonhar e ele ver o a realização do sonhador. Tinha a experiência de ver tantos sonhos realizados, de ver a força de vontade em fazer lembrando sempre que sem isto nada poderia realizar. Ele gostava muito daquele que dizia gostar de sonhar mesmo sabendo que os sonhos são impossíveis. E quando ele os realizava, um sorriso enorme dava sentando na nuvem branca onde moram os sonhos. Nunca se importou quando o chamavam de utopia, aquele sonho que não existe. Para estes ele deixava que eles possam ver o sol sem cor, a lua sem brilho as estrelas tão longe de se tocar.

Ele sabia que o vento não tinha sonhos, nem a brisa da manhã ao nascer o sol. A nuvem branca que o levava para todo lugar agora estava atravessando um enorme oceano. Seus outros amigos sonhos diziam que era o oceano dos grandes amores, onde a felicidade existe e ali navegavam felizes para sempre. Ele se lembrou de Conchita. Linda menina sonhadora. Morava em uma cabana no alto da montanha Azul. Todas as tardes ela sentava em um pequeno banquinho e nem notava a cor púrpura do sol que se punha no horizonte. Sua mente viajava sem destino, ela nem se lembrava de que um dia alguém disse a ela que se podemos sonhar, também podemos tornar nossos sonhos realidade. É Conchita é bom acreditar, pois naquele dia o Sonho ali passou e ouviu o que ela queria. Não era impossível, não para ele. Ele viu seus olhos cheios de lágrimas por viver sozinha naquele canto da montanha sem ninguém. Tinha sua mãe e seu pai, mas não podia encontrar um príncipe para viver com ele para sempre?

Ah! O Sonho pensou que o sonho de Conchita podia se realizar. Não se sabe como uma manhã linda de sol vermelho, subindo a montanha vinha oito Escoteiros alegres e cantantes sob a luz do sol vermelho. Junto Miguelito o Chefe que adorava acampar. Solteiro quando viu Conchita na porta da cabana de madeira vermelha ele disse para si: Vais ser minha princesa, você terá tudo de mim. Farei de você a moça mais feliz do universo, darei a você de presente todas as estrelas no céu. À noite rezarei para você e quando a lua cheia surgir pedirei a ela para sempre iluminar seus caminhos por onde for. O Sonho sabia que meses depois eles se casaram e viveram felizes para sempre. O Sonho agora atravessava a majestosa floresta verde e formosa de um país tropical. O Sonho sentiu que precisava realizar o sonho de alguém, mas pensava o porquê de poucos agora deixavam de sonhar. Ele sabia que um sonho para ser realizado o sonhador tem de acreditar, tem de partir na estrada dos sonhos e alcançá-lo com suas forças e lutar para que ele seja real. Fácil é sonhar todas as noites. Difícil é lutar por um sonho impossível só porque não acreditou.

Viu um homem perdido nas matas verdes do país tropical, tropeçando, caminhando sem rumo, pensando que não ia sobreviver. Ele não sonhava, lutava pela vida, pois sabia que em poucos dias ia morrer. O Sonho sorriu, é hora de trabalhar. O homem que se chamava Molusco fora no passado um Escoteiro. Aprendeu a navegar, aprendeu onde o norte se encontrava com o sul, nunca precisou de bússola para achar o seu caminho. Tinha vivido em florestas, aproveitou muitas vezes quando menino o que ela poderia oferecer. Um brilho passou diante dos seus olhos. Afinal isto é um sonho? Sonho ou não eu posso vencer! – Ele pensou. Olhou para as árvores, as folhas amarelas lhe deram o rumo. Um resga do sol lhe mostrou o caminho a seguir. Enquanto caminhava pensava no seu filhinho que deixou na cidade, de Mariazinha sua amada tão pequenina. Um riacho encontrou, uma jangada ele fez. Dois dias depois uma cidade apareceu na curva do rio das almas perdidas. Molusco um Escoteiro estava salvo. Correu a encontrar seus amores, Picolino e Mariazinha sua amada ele foi abraçar.

Era hora de dormir para os humanos do mundo. O Sonho não dormia, mas se recolhia quando as noites quentes não deixavam ninguém sonhar. Ele imaginou que tantos poderiam sonhar sonhos lindo mesmo com aquele calor imenso. Ele sabia que poemas não são feitos para serem entendidos. Isso é utopia. Bastam aos poetas que seus poemas e sonhos sejam sentidos. Tiquinho não tinha dez anos. Insistia com seus pais em ser um escoteiro. Nunca foi e este era seu maior sonho. Dom Casmurro tinha um bigodão que todos temiam. A maior fábrica de tecidos era dele. Funcionários tremiam só em olhar para seus olhos. Tiquinho seu filho sabia que ele nunca iria deixar. Uma noite de verão todos os funcionários foram para casa. Ele mesmo fechou as portas e o portão. Altas horas da noite foram lhe chamar: - A fabrica começou a pegar fogo, mas um menino conseguiu apagar. O menino estava queimado deitado na cama do hospital.

- Como foi? Ele perguntou. Senhor ele é Juquinha Escoteiro filho de Filó das Mercês sua funcionária. Ele esperava sua mãe pelo fim do turno. Ela não sabia. Dormiu encostado no Varão da Sala Grande. Quando viu a fumaça, já treinado nos Escoteiros pelos bombeiros ele correu e conseguiu o fogo apagar. Um herói Dom Casmurro. Sem ele o senhor estaria pobre e sem sua fabrica querida. Tiquinho teve seu sonho realizado. Promessado com as vistas de seu pai. Uma alegria sem par. O Sonho ali a lembrar dos tempos dos acampamentos, das alegrias que Tiquinho passou a ter. Ah! Os sonhos. Eles tem um destino, um lugar para ficar, um lugar para realizar todas as vontades de quem acredita neles. O Sonho partiu rumo à além mar. Havia outros lugares para ir, encontrar meninos e meninas Escoteiras que sonham e ele na sua boa vontade, os sonhos deles faria realizar. E aqui encerro o sonho de um Sonho verdadeiro. Um sonho sonhado, amado por aqueles que um dia acreditaram. Como dizia Augusto dos Anjos a Esperança não murcha, ela não cansa, também como ela não sucumbe a Crença, Vão-se sonhos nas asas da Descrença, Voltam sonhos nas asas da Esperança.

## **Conversa do pé do fogo. O passado de todos nós.**

Todas as manhãs eu tiro um cochilo na poltrona da sala. A TV ligada. O telefone tocou – Atendi. – Preciso de você agora! – era Baependi, um Velho Escoteiro amigo meu. Preciso que me leve canal 10 urgente. – Cocei a cabeça e disse a ele: - Agora não dá, estou esperando uma visita. – Olhe, disse ele, eu estava lendo meu jornal e com a TV ligada. Comecei a cochilar quando o apresentador de um programa de auditório chamou alto: - Ladies And Gentlemans, com vocês! Orêia e Cotovelo! O auditório veio abaixo e eu fiquei ali em pé olhando espantado. Não havia dúvidas. Eram eles sim. Samuel e Pascoal, vulgo Orêia e Cotovelo. Que surpresa. Havia anos que eles desapareceram da face da terra. Mas tinha alguma coisa errada. Eu preciso ir lá não só para abraçá-los como saber o que ouve com o Espoleta, ou melhor, Baltazar. Eram três. Agora só dois? – Não tive saída, falei com Nininha minha mulher. Se o primo Basílio chegar dê uma desculpa. Preciso fazer um favor para o Baependi. Você sabe que não posso negar. – Peguei a Brasília e fui para a casa dele.

Ele me esperava na varanda de sua casa. De uniforme é claro. Calças curtas e chapelão. No caminho tentava explicar: - Todos os três foram da minha Patrulha. Eu era o Monitor da Leão quando eles vieram da Alcateia. Primeiro Samuel e dois meses depois o Pascoal. Baltazar veio seis meses mais tarde. Ainda não tinham estes apelidos. Nunca esqueci o dia. Estávamos acampados



em Santo Ângelo do Amarantes. Um grupo novo nos convidou. A cidade em festa. Na última noite a pequena emissora de radio sem nos consultar convidou toda a cidade para o Fogo de Conselho. Um sábado, sem cinemas e seus nove mil habitante nada tendo o que fazer o convite foi aceito por todo mundo. À noitinha lá foram todos para o Campinho Verde. Não longe da cidade. Ninguém esperava aquela multidão. Mandar embora? Cancelar o Fogo de Conselho? Nem pensar. Nosso Chefe Nestor nem admitia pensar nisto. – Chamou os monitores dos dois grupos e o Chefe deles. – Precisamos pensar em outro tipo de fogo. Sou todos ouvidos! – Surgiram ideias e ideias. – Chefe eu disse – Tem três Escoteiros da Patrulha que são superengraçados. Acho que tranquilamente podem fazer lindas apresentações e tenho certeza que todos irão morrer de rir.

Foi realmente uma apoteose. Nunca ri tanto em minha vida. Pela primeira vez surgiram os apelidos – Palmas para Orêia Cotovelo e Espoleta! Assim foram apresentados pela primeira vez. Sucesso absoluto. Diferente de muitos eles não se maquiaram de palhaços. Um silêncio enorme. Baependi não parava de falar. Eu sei como é isto, ser amigos por anos e anos e acampando juntos não dava para esquecer. Agora vendo seus sucessos ele voltava no tempo e queria abraçar a todos eles. Você precisa ver a apresentação deles. Foi sensacional. – Veja a primeira piada deles: - Orêia chegou correndo. Parou. Mãos no rosto como a procurar no horizonte. Mamãe! Gritou. Mamãe! Repetiu. Cotovelo chegou correndo – Que ouve meu filho? Mamãe minha Chefe disse que descendemos dos macacos, é verdade? Eu não quero ser um macaco – Calma meu filho, calma vamos perguntar ao seu pai, pois ele até hoje não me apresentou a família dele! – Foi à conta, o povo caiu na gargalhada. – Espoleta entrou pensativo – Atenção vocês! Conhecem a piada do não nem eu? O povo gritou naãao! Não mesmo? Então nem eu. E deitava no chão rolando de rir.

- Isto foi só o início, continuou o Velho Escoteiro. Nos fogos de conselho da Tropa eles dominavam. Quando era um fogo para o público quem os conhecia vinha de longe só para assistir. Era um estilo novo. Sem fazer caretas. Ficavam sérios quando contavam suas piadas e depois deitavam no chão rolando de rir. Quando fomos para os seniores às três patrulhas fizeram de tudo para eles participarem das suas. Ficamos separados pela primeira vez, mas na mesma Tropa. O melhor deles era que as piadas eles mesmo criavam. Uma facilidade incrível. – Logo chegamos ao prédio da emissora. Baependi foi entrando e barrado pelo guarda. Ele para minha surpresa segurou na mão do guarda com esquerda, fez a saudação em posição de sentido e disse – Sou irmão do Orêia. Mostre-me o camarim deles. O guarda não teve jeito e mostrou. A porta do camarim estava aberta. Lá dentro uma legião de fotógrafos e jornalistas. O produtor tentando organizar e não estava conseguindo. Baependi entrou e gritou – Reunião de Patrulha - Quem não for da Touro sai agora! – Ninguém estava entendendo nada. Orêia e Cotovelo quando o viu deram um grande grito de olé e correram para abraçá-lo. “Meu Monitor!” disseram. “Meu Monitor” você aqui? - Uma festa.

Conversaram mais de hora. Só então Baependi me apresentou. Os dois eram ótimos. A gente não sabia se eles estavam contando uma piada ou se estavam sérios chamando a atenção. Passava do meio dia quando disse a ele: - Preciso trabalhar. - Ligue. Não tem celular? Cotovelo se aproximou de mim e sério me disse - Sabe por que o português sempre deixa o celular em cima da máquina de lavar? E ele mesmo respondeu - Para não ficar fora da área de serviço. Deitou no chão e rolava de rir acompanhado de Orêia. Saímos os quatro dali e fomos para um barzinho próximo. Todos que estavam no bar saudaram efusivamente os dois comediantes. Foi então que Baependi perguntou onde andava Espoleta. Ninguém queria dizer nada. - É Baependi, uma maldade aconteceu com ele. Ele se apaixonou! - Conheceu Estrela em uma viagem nossa no interior de Minas. Ela não tirava os olhos dele. Morena rechonchuda, bonita, lábios grossos, grandes olhos castanhos, cabelos negros lisos até o ombro. Você sabe quando o amor chega não tem jeito. Mesmo amigos nós tínhamos um contrato. Nosso agente ficou receoso com aquela mudança em Espoleta. Não era mais o mesmo. Só queria ficar com ela o tempo todo.

Ela encheu sua cabeça de novas ideias. Que ele estava sendo prejudicado e podia até estar sendo roubado. Que desfizesse o contrato e fosse sozinho apresentar seus espetáculos pelo Brasil. - Você não precisa deles - ela dizia. Quantas vezes apresentou sozinho? - Tanto falou que desfizemos o contrato dos três. Cinco meses depois ficamos sabendo que ele estava internado em um hospital em Vila Verde. Paramos dois espetáculos programados e fomos lá. Dava pena. Se você o visse nunca iria reconhecer. Magro, ossos aparecendo na face. Cabelos sujos vestia um calção com uma camiseta suja. O hospital não dava roupas. Tiramo-lo dali. Fazia pena. Ele só chorava. Queria sua Estrela de volta. Um dia sumiu e nunca mais ouvimos falar dele até o mês passado. Ele mora em um bairro simples na cidade de Além Paraíba. Ainda não fomos lá. Mas as notícias não foram boas.

Ficamos conversando os quatro até às cinco da tarde. Baependi pediu o endereço de Espoleta. Tive que levá-lo até a casa do seu amigo. Espoleta se assustou - Não o reconheceu - Convidou-nos para entrar. Quando viu quem era bateu continência. "Meu Monitor"! Abraçaram-se. Risoleta ria e chorava ao mesmo tempo. Baependi insistiu com ele para irem almoçar em um restaurante qualquer. Ele indicaria. Espoleta ficou sério. - Monitor, eu não tenho como pagar. - Se abraçaram com Espoleta chorando. Vamos você é nosso convidado. Conversa vai conversa vem, ele falou sobre Estrela. Ligou para Orêia e Cotovelo para ir encontrarem com ele na Pizzaria do Afonso. - Espoleta receoso, tinha medo de encontrar seus dois amigos. Nunca vi tanta alegria e tantas lágrimas. Ficaram de frente todos os três e fizeram a promessa dizendo no final: - Ficaremos juntos agora até o fim dos nossos dias.

Perdi um dia de trabalho, mas ver a alegria de Baependi com seus amigos do passado valia a pena. Soube que eles estavam no México apresentando seus espetáculos. Orêia, Cotovelo e Espoleta cada dia mais

famosos. Os Escoteiros enchiam seus espetáculos em qualquer cidade que passavam. Eu fiquei esperando seu retorno ao Brasil. Farei questão de convidar a Tropa que colabore a ir conhecê-los. Exemplos de amor e fraternidade. E como dizia a velha Kaa – “Mowgly, não esqueça, somos irmãos de sangue. Tu e eu”.

## **Lendas Escoteiras.**

### **Lembranças gostosas do Escoteiro Chico Viola.**

Cheguei cedo à sede. Estavam todos reunidos no Canto de Patrulha da Morcego. Havíamos combinados antes para discutir sobre a excursão a Ponte Queimada no mês seguinte. Todos ficaram em pé, pois o Chefe Salomão chegava acompanhado de um menino. Ele nas costas tinha uma viola presa por um talabarte marron. – Morcegos! Disse o chefe – Este é o Chico. Todos os chamam de Chico Viola. Sei que vocês estão com seis e achei que ele poderia pertencer à patrulha de vocês! Ninguém disse nada, pois logo em seguida o Chefe chamou para a abertura no Cerimonial de Bandeira. A Tradição foi realizada. O Monitor antes da bandeira pediu licença o Chefe e se aproximou com o Chico. – Chefe! Ele falou alto, este é o jovem Chico, ele quer ser um de nós! – Aproxime-se Chico, disse o Chefe. Em breves palavras disse onde morava, nome dos seus pais e pediu às patrulhas que dessem o grito de boas vindas. A nossa ficou por ultimo. Rezava a tradição que o grito seria dado no meio da ferradura.

O primeiro dia de Chico Viola foi de perguntas. – Porque esta viola no ombro? Porque ela é minha vida, vai aonde eu for. – Todos se entreolharam. Chico não tirava nem mesmo na hora dos jogos. Alertado por Pitoco o Monitor que ele poderia quebrar ele fingiu não ouvir. No final da reunião a patrulha pediu a ele para tocar. Meu Deus! Como tocava a viola. Estávamos maravilhados e nem notamos que a maioria dos Escoteiros, das Escoteiras lobos seniores e guias fizeram uma roda em silêncio. Ele tocou Asa Branca, Casinha Pequeninha, Trem das Onze, As Rosas não falam, Chega de Saudade, Menino da Porteira, Carinhoso e quando assustamos eram mais de nove da noite. Ele ainda teve tempo para tocar Luar do Sertão. Fui para casa como se estive na rua pisando em flores. Apesar dos meus quatorze anos, naquela época eram as musicas que faziam sucesso nas rádios. Ele não tocou naquele dia musicas Escoteiras. Não conhecia nenhuma.

Chico Viola aos poucos foi conquistando a patrulha, a tropa a Alcateia e os seniores. Toda noite lá estamos apinhados em sua volta para ouvir as canções que ele tocava com maestria. Quando aprendeu o Rataplã fiquei boquiaberto, ele conseguiu dedilhar a viola e imitar uma caixa clara repicando. Mais tarde dominava todas as musicas Escoteiras. Encantava a escoteirada, mas fazia questão de aprender todas as técnicas Escoteiras. Nunca esqueci naquela jornada na Gruta do Morcego, que na estradinha o Chefe dividiu as patrulhas sendo que duas iam à frente e outras duas atrás seguindo a pista deles. Devíamos ficar de olho, pois eles esconderiam nas proximidades e tentariam tomar nossos escalpos. Em dado momento Chico Viola disse a Monitor – Pare. Eles estão escondidos atrás daquela Moita de Assapeixe. – Como sabes perguntou o Monitor – Eles pararam aqui, veja parte do mato mais baixa que os demais. Um deles foi à frente e fez os sinais a poucos metros daqui voltando de costas para que suas pegadas assim todos acreditassem que iam em frente. Meu conselho? Cada um vai voltando devagar até a Curva do Sino e lá quando todos estivermos juntos daremos a volta no bosque e os pegaremos de surpresa pelas costas!

Dito e feito. Ganhamos o jogo. Mas ele tinha um cuidado especial nos acampamentos. No primeiro eu o convidei para me ajudar na confecção da mesa Tripé. Ele já era bom em nós. Fazia um volta de fiel, um balso pelo seio, um aselha duplo, um direto ou escota ou mesmo um nó de pescador com os olhos fechados. Com uma só mão dava lição com um volta de fiel simples o duplo, com um arnês, lais de guia, volta da ribeira e muitos outros. Fazer uma costura de arremate ou uma amarrada diagonal ou paralela era maneiro para ele. Quando o chamei ele me olhou de soslaio foi até sua mochila e pegou uma luva de pelica. Achei uma frescura e falei para ele. – Vado, minhas mãos fazem parte de mim, sem ela não posso tocar minha viola. Calos ou corte só irão me prejudicar no futuro. Interessante que Chico Viola não tinha boa voz para cantar. Enrolava e como tocava muito bem todos acreditavam que ele seria um grande cantor e um bamba na viola.

Quando passei para os seniores ele foi também, pois tinha estourado a idade. Não chegou a primeira classe, mas conseguiu doze especialidades, dentre elas a de Sinaleiro, cozinheiro, acampador, socorrista e Construtor de Pioneirias. Ele ficou conosco por mais dois anos e um dia foi embora. Fez questão de dizer ao Chefe Salomão que precisava estudar música e só capital conseguira. Como as noites ele tocava sua viola na Cantina do Valdomiro um dia um cliente viu e gostou. Ofereceu sua casa e matriculá-lo na escola de musica. É muito triste a partida de alguém que amamos. Chico Viola fazia parte de nós. Até hoje aprendi a cantar e amar as musicas da minha terra que eu conhecia, mas não com tanta profundidade.

Lembro-me com surpresa doze anos depois encontrei Chico Viola em um Restaurante na Rua das Acácias na capital do estado. Ele era o Proprietário. Sorriu quando me viu e me abraçou a mim e a Célia. Sentou conosco por muito tempo. Contou sua história. Estudou musica, fez parte da

Sinfônica Estadual, mas um Maestro rancoroso e prepotente fez com que ele desistisse. O Maestro tinha poder e por onde procurava um emprego via seu pedido negado. – Vado, a vida me ensinou muitas coisas. Precisa sobreviver, o escotismo me ensinou muitas coisas a mais importante é não desistir. Eu ainda toco aqui no meu restaurante. Se ficar até mais tarde vais ver o restaurante encher de clientes que adoram me ver tocar. Era verdade, o restaurante lá pelas duas da manhã se encheu de gente. Os garçons se desdobravam para atender todo mundo, num palco pequeno, em uma pequena banqueta, sozinho e sua viola Chico sorria recebendo as palmas dos clientes.

Conheci muitos jovens no passado que poderiam ser grandes interpretes e adquirirem a fama merecida. Juvenal foi um deles. Um interprete de árias famosas que hoje mora na Itália fazendo muito sucesso. Jaqueline foi outra que tinha uma voz de ouro. Ela cantou a Canção do Clã quando fez sua investidura tão lindamente que fizeram muitos pioneiros chorarem. Hoje canta no Carnegie Hall em Nova Iorque. Dizem que quando aparece no palco é ovacionada por vários minutos. O destino de cada um depende de duas coisas: Do esforço pessoal e da ajuda de Deus. Sei que nem todos alcançam seus intentos, mas se aqueles que estiverem fazendo diferente do que gostariam de fazer e tiverem no coração as palavras de BP, então eles serão felizes. Como diz o Velho ditado, para vencer não basta ser bom, tem que ter disciplina e ser perseverante.

## **Conversa do pé do fogo. Coração Escoteiro.**

Para dizer a verdade eu até hoje não sei por que Tiago entrou para os Escoteiros. Até seus pais se entreolharam quando ele disse que iria participar e precisava da autorização deles. Que eu o saiba nunca se interessou. Olhe, eu confesso que muitas vezes o convidei e ele olhava de lado e não respondia. Bem, eu sei que Tiago era diferente de muitos meninos de sua idade. Caladão, nunca encarava ninguém, não discutia e pelo que me informaram não era um aluno com notas altas. Dava para o gasto diziam seus colegas de classe. Como todos os meninos naquela época ele trabalhava para ajudar sua família e comprar o que precisava. Dizem que era o melhor engraxate da cidade. Fazia horrores com a flanela e as duas escovas macias e ele com suas piruetas conquistava a todos seus fregueses, mas sempre de cara fechada. Na estação de trem era proibido engraxates, mas Tomazelli o Chefe da estação abriu para ele uma exceção. Lembro um dia que embarcamos todo o grupo Escoteiro para Nova Lima. Um grupo novo surgia na cidade e nos convidou para a festa de

abertura. Hora nenhuma vi Tiago nos olhando. Engraxava o sapato do Tenente Jairo e serio não dizia nada.

Isto não era comum pensei. Afinal éramos mais de cento e cinquenta jovens, lobos, Escoteiros, seniores e pioneiros zanzando para todo lado, bateria tocando. Foram dois vagões de primeira classe gentilmente cedido pela Vale do Rio Doce. Uma época que tínhamos regalias não só pela estrada de ferro como também na prefeitura, no Batalhão de Polícia e no Tiro de Guerra. Não esqueço aquele dia de reunião que um caminhão do Batalhão parou na porta da sede. Desceram o soldado Belarmino e o Cabo Zito. – O Capitão Barbosinha mandou entregar eles disseram. Mãos na massa para descarregar trinta barracas de duas lonas, duas de oficiais, cem mochilas, cem cantis, trinta facões, e marmitas usadas no exercito. Junto veio dois bumbos, quatro cornetas, cinco caixas claras, três tambores mor e oito tarois. Tudo em perfeito estado de conservação. Foi uma festa e para minha surpresa vi o Zito ajudando a descarregar. Foi só terminar e ele sumiu.

Se ele tinha algum amigo eu nunca vi. Eu morava na Rua Bem-te-vi e ele na Garça. Duas ruas atrás da minha. Quando ia para a escola ou para a sede sempre passava em frente a sua casa. Um dia tomei coragem e bati em sua porta. Sua Mãe dona Noca atendeu. – Queria falar com Tiago senhora. Ela o chamou e ele apareceu na porta de esguelha. Nada disse. – Estou indo ao Campo dos Afonsos. Acampamos lá na semana passava e dei falta de um canivete que preso muito. Quer ir comigo? Não queria ir sozinho. – Ele pensou, pensou e pulou na garupa de minha bicicleta. Gastamos quase cinco horas para ir e voltar. Ele achou o canivete. Olhou-me com um ponto de interrogação no rosto como a dizer: - Falta de atenção não é Vado! Bem, ele não disse nada. Tentei manter uma conversa com ele e nada. Lembro que um dia o Chefe Ventania comentou que nem todo mundo nasceu para ser Escoteiro. – Falou logo o Velho chavão até hoje conhecido e falado por muitos chefes no Brasil – Ser Escoteiro tem de ter sangue, tem de ter vontade, tem de ser homem para enfrentar as dificuldades.

O tempo passa, o tempo voa, e eu voei com ele nas andanças que fiz. Isto aconteceu em 1953 quando deixei a cidade de Porto Feliz. Em 1964, fui fazer um curto Básico de Lobo e quando a turma se formou um susto eu levei. Lá estava Tiago de uniforme do Ar. Olhou-me educadamente, mas não disse nada. Esperei a hora propícia. Quando perguntei, ele me deu um meio sorriso e entre os dentes disse baixinho: - A hora chegou. – Que hora pensei? Ele adivinhou meu pensamento. Entrei logo após você ter se mudado da cidade. - E gosta mesmo do escotismo? – Quer saber Vado, eu ate hoje me faço esta pergunta. Quando via você esbanjando alegria com seu uniforme, esbanjando vontade de vencer nas atividades Escoteiras eu perguntei a mim mesmo – Porque não? Vamos olhar e ver como é que fica! Faz onze anos que entrei e ainda estou na fase de duvidas e nem sei bem onde vou chegar.



Hoje me pergunto se o que disse o Chefe Ventania eram fatos ou somente pensamentos abstratos. Sei que Tiago ainda é Escoteiro. Se o seu coração mudou eu não sei. Sei sim que ele faz tudo pelo escotismo em sua cidade. Mudou muito isto é verdade, pois hoje é Prefeito e respeitado pela população. Já se comenta em fazer dele um deputado ou senador. Pelo menos é um homem Escoteiro que podemos acreditar. Eu brinco com muitos chefes que tive a honra de ter sua amizade quando falam que o escotismo não é para qualquer um. – Não é, mas qualquer um pode ser Escoteiro, basta querer. Se for ficar ou não é outra história. A vida nos leva a ver e reconhecer que nem sempre podemos afirmar o que pensamos como certeza de vida. Não podemos dizer simplesmente que Coração Escoteiro não é para qualquer um. Ainda acredito que tem muitas maneiras de ver o escotismo. Tem aqueles que veem e sorriem por ser um e tem aqueles que pensam em ser mais um, mas ainda não chegaram a lugar nenhum.

Sei que nós os Velhos Escoteiros acreditamos sem sombra de dúvidas que nosso coração é Escoteiro. Como interpretar isto faz parte da individualidade de cada um. Uma certeza eu tenho, conheci milhares de jovens e adultos que ingressaram no escotismo e hoje não estão mais. Conheci outros tantos que nunca foram Escoteiros e eu tinha certeza que seus corações tinham tudo para ser. É como entender o Espírito Escoteiro. O escotismo traz dentro de si uma verdade, se fizermos o caminho corretamente seria como se saltássemos vários obstáculos que a vida nos reserva. Mas acredite, não precisa ser Escoteiro para isto. Muitos nunca foram e tem uma norma de conduta a fazer inveja a qualquer um. Tiago mesmo antes de ser um de nós já tinha seu coração Escoteiro. Faltava um pequeno empurrão para ele se transformar em um verdadeiro homem de espírito que esperamos dos nossos rapazes e moças. Como dizia o célebre poeta, a vida é mesmo assim, tem começo, meio e fim.

## **Crônicas escoteiras.**

### **O adeus sem volta do Escoteiro.**

Pingo D'água e Varetinha estavam desanimados. Já estavam cansados de dizer a mesma coisa e sabiam que não estavam sozinhos. Tudo mudou da água para o vinho. O escotismo agora era outro e eles não sabiam o que fazer. Pedir conselhos? Comentar com alguém? Eles acreditavam que nenhum adulto iria dar razão a eles. Claro fizeram tentativas no Conselho de Patrulha, mas o próprio Monitor não via nada de errado, portanto suas opiniões nunca foram levadas em consideração na Corte de Honra. Pensaram em

comentar com o Diretor Técnico, mas ele e o Chefe Tavinho eram unha e carne. Eles não queriam sair do Grupo Escoteiro, mas tudo estava sendo levado para isto e o pior ninguém via nada. Ninguém enxergava que a tropa encolhia a cada mês e poucos procuravam agora se inscrever. Não dizem que o pior cego é o que não quer ver? Não iam a tanto, mas pensavam que tem gente que é cego e não por cegueira. Deve ser por falta de inteligência.

Pingo D'água e Varelinha eram amigos desde que se conheceram na tropa. Ambos eram de patrulhas diferentes. Ele da Patrulha Lobo e Varelinha da Patrulha Texugo, no entanto eram unidos como se fossem da mesma patrulha. Foram mais de dois anos de felicidade, fazendo acampamentos, excursões, grandes jogos, aventuras mil que agora escassearam e praticamente não existem mais. Lembravam-se do antigo Chefe Tornado com saudades. Ele sim era um Chefe que nunca deveria ter saído da tropa. Quando entrou a Lobo tinha seis patrulheiros. Ele foi o sétimo. Chefe Tornado era daqueles que dizia – Aprender é fazer. Quer aprender? Faça o nó na árvore ou no galho mais alto com uma só mão. Fazer no braço ou bastão na vai ajudar na hora do vamos ver! Ele lembrava que em vários acampamentos as patrulhas estavam completas e as atividades foram lindas. Eles não paravam. Era Morse à noite ou semáforas ou fumaça no dia, sinais de pista, seguir pista a moda índia, grandes pioneiras, dezenas de nós e amarras, barracas suspensas, artimanhas e engenhocas, nossa! Que saudades!

Tudo mudou com a mudança do Chefe Tornado para a Capital. Ele nunca teve um assistente uma pena, pois poderia ter dado continuidade à tropa. Chefe Lobão convidou o Chefe Tavinho para assumir a tropa. Chegou com ares de chefão. Sempre gritando falando com todo mundo e as patrulhas começaram a desanimar com as atividades. Jogos? Nem consultava ninguém. Muitas vezes dava uma bola e dizia - Se virem! Jogar futebol não era meu forte. Bastavam minhas atividades de educação física no colégio. Eu queria escotismo de campo, de luta, de aventuras e de desafios. Ele era cego mesmo, pois não percebia que as faltas aumentaram. Alguns desistiam e nem iam mais ao grupo para dizer que saíram e não iam mais voltar. De 32 escoteiros a tropa agora tinha 18 e muitas reuniões não passavam de 12.

Perna Fina o Monitor nem se incomodava. Ele sempre foi um bom gritador. Por ser maior e mais forte levava a patrulha no muque. Em tempo algum aprendeu que o bom líder é aquele que sabe liderar e ser liderado. Não ensinaram isto para ele. Esqueceu completamente que precisávamos ser consultados e ouvidos. Mesmo falando para ele entrava em um ouvido e saía por outro. E olhe que foi num tal Ponta de Flecha e voltou todo posado se achando o tal. Mostrou o certificado como se fosse o melhor Monitor do mundo, e só faltou dizer que agora o respeito a ele tinha de ser maior. Eu e Varelinha conversávamos muito sobre isto. A maioria dos patrulheiros que ainda frequentavam nada dizia. Eu conversei com meu pai. Ele nunca foi Escoteiro e seu conselho foi – Faça o que achar melhor e completou – Aprenda a tomar decisões. Achar melhor? Tomar decisões? Chamei Varelinha e disse a ele que

ia sair. Amava o escotismo. Sempre pensei que seria Escoteiro para sempre. A minha maneira aguentei por quase um ano as mudanças na tropa. Não dava mais. Nossa patrulha não tinha mais que três ou quatro frequentando. Ouve dias que éramos três.

No último acampamento, um dos poucos que fizemos não tivemos liberdade. Ele levou pais para cozinhar para nós. Disse que assim teríamos mais tempo para outras atividades. Deus do céu! Pensei que isto só com lobinhos. No nosso canto de patrulha ele não saía de lá. Sempre fazendo o que deveríamos fazer. O fogo do conselho foi o pior que participei. Só ele determinava só ele falava só ele dizia o que fazer. Esperei a reunião seguinte e procurei o Chefe Tavinho. Queria ser sincero e dizer por que estava saindo. Nunca devia ter feito isto. Ele me olhou e disse que ser Escoteiro não era para qualquer um. Para ficar e participar tinha de ser forte, aceitar sem reclamar. No escotismo não tem lugar para perdedores. Meu Deus! Nunca esperei isto dele. Eu era para ele um perdedor? Será isto mesmo? Será que ele estava certo e eu errado? Varetinha me disse que não ia falar com ele e lá não pisava mais. No sábado seguinte não fui. Por dois meses não apareci no Grupo Escoteiro. Ninguém nunca me procurou para saber o que houve. Nem o Monitor. Diversos outros meninos que saíram me procuraram para reclamar. Outros que nunca foram riam e diziam que lá nunca iriam aparecer. Ser Escoteiro? Nunca meu amigo. Nunca!

De vez em quando encontro com um e outro que ainda estão lá. Dizem que quase todos saíram e entraram outros. Nada tinha mudado. A tropa tinha 15 agora, mas com as meninas. Elas foram incorporadas por falta de chefia. O Chefe Tavinho continua. Não mudou nada. Labareda um Monitor da Tigre me contou em segredo – Olhe Pingo D'água, eu estive para sair. Fiquei por causa da patrulha, ou melhor, para dois deles, pois os demais saíram e entraram novos. Tudo continua como antes. É só apito, jogos repetidos, ele gritando para todos e sorrindo para as meninas. Elas agora são o xodó dele. Só tira foto com elas. Acampamentos? Poucos. Muito poucos. Dizem que ele vai substituir o Chefe Lobão que anda muito doente. Rezo que sim, pois quem sabe aparece um Chefe de verdade?

- Uma história fictícia. Dizem que não existe que é irreal. Nenhum Chefe vai se reconhecer nesta história. A tropa dele é diferente. Dizem que todos nós inclusive os jovens temos direitos e deveres, mas os jovens tem o que? Direitos? Você acredita mesmo que os jovens irão procurar o Chefe para explicar porque estão saindo? E onde eles podem reclamar? Afinal de quem é a culpa? Da patrulha, do Chefe ou do programa que foi oferecido a ele? Acho que você se for o Chefe deles é quem decide!

## **Lendas escoteiras.**

### **Chefe Falcão Maltês. Um perfeito cavalheiro.**

Não sei quem colocou o apelido. Nunca perguntei. Seu nome correto? Quem eu saiba ninguém sabia. Se for um segredo eu não sei, mas gostava do nome de dele como Chefe escoteiro. Foi um grande amigo enquanto estivemos juntos. Disse-me um dia que fora Chefe do Grupo Escoteiro Estrela Cadente. Nunca tinha ouvido falar. Mas não é disto que quero falar sobre ele. Chefe Falcão Maltês era um cavalheiro. Como se diz hoje uma figura que merece um lugar entre os homens de honra deste país. Nunca deixou alguém mais velho que ele em pé no ônibus. Ninguém sentava sem antes ele arrumar a cadeira e olhem, as chefes adoravam. Pagar despesas? Nem pensar. Se ele não pudesse pagar não iria. Dizia sempre que os homens devem ser boníssimos com as mulheres, pois são elas que carregam o fardo mais pesado.

O que eu admirava muito no Chefe Falcão Maltês era seu modo de falar e dar exemplos aos escoteiros. Lembro que uma vez estávamos em marcha de estrada indo acampar no Vale da Tartaruga, e caiu um pequeno papel de bala na trilha onde percorríamos. Ele parou toda a tropa. Chamou a todos. Disse – Sabem que somos invasores? A escoteirada não entendeu nada. – Porque Chefe? Disse um deles. Porque a relva, as árvores, os pássaros, o rio e as montanhas estavam aqui antes de nós. Portanto eles são os donos. Vocês são intrusos. Vocês gostariam que alguém entrasse em suas casas, sem pedir e jogassem papéis de bala na sala? Ninguém disse nada. Um Escoteiro foi até lá e pegou o papel e guardou na mochila. E nos acampamentos? Sua inspeção era rigorosa. Não perdoava nada. Nem fossa mal tampada. – Escoteiros! – dizia ele, porque deixar que a abelha os beija flores, os pássaros do céu sintam o mau cheiro? Não é certo, não é mesmo?

Um dia estávamos sentados na porta da barraca, um pequeno fogo crepitava e ele começou a cantar uma linda melodia. Todos acorreram para perto dele. Ele parou e os escoteiros ficaram intrigados. – Vou continuar, aguardem. Só quero aproveitar a oportunidade para dizer a vocês, que as músicas, canções tudo que existe é belo. Sabendo cantar e sabendo ouvir. Se um dia vocês ouvirem uma música Clássica, ou mesmo uma ópera seja em qualquer lugar podem até não gostar. Mas se assistirem a um concerto de uma Orquestra sinfônica ao vivo, ou mesmo a uma ópera em um teatro tenho certeza que irão adorar. A Música para se gostar tem de ter sentimento. Existem músicas e músicas para cada momento da vida. As clássicas relaxam e fazem sonhar, músicas romântica ou orquestrada são lindas dependendo onde estamos a ouvir. As românticas são ótimas para quando se tem um grande amor. Temos, continuou ele – Que aprender tudo que possamos absorver. As

músicas de hoje cantadas ou não desde que não tenham segundas intenções em suas letras, são válidas. Mas existem outras e um Escoteiro deve estar preparado para descobrir, ouvir e sonhar com todas elas. Não é o barulho estridente da música que nos toca o coração. Ouvir boa música faz parte de nós escoteiros que vivemos nas montanhas acampando.

Era assim o Chefe Falcão Maltês. Dizia sempre que podia que o Escoteiro é um cavalheiro, um fidalgo. – Lembra-se do que diziam da mulher de César? Assim somos nós, ele dizia. Não basta mostrar que somos, temos que se portar como tal. – Que tal dar a vez a um amigo? Abrir a porta para ele? Que tal dividir o doce, o farnel, seu cobertor, que tal dividir sua alegria, sua felicidade com quem não a tem? – Chefe Falcão Maltês deixou saudades. Sempre acreditei que todos nós chefes escoteiros devemos ser uma espécie de Chefe Falcão Maltês. Alguns dos nossos jovens precisam aprender boas maneiras. Claro, é função dos pais. Mas não estamos ali para colaborar? – Um dia ele me disse – Chefe Osvaldo, hoje muitos se apegam a entender o jovem como ele é e a justificar. Certo isto? Prefiro deixar para os que vivem ao seu lado dizer. Mas existem normas, direitos e deveres que são sagrados. Um pai nunca vai dizer ao filho se ele quer ir escola, se ele quer sentar a mesa para as refeições ou se ele pode escolher a hora para dormir. Isto faz parte da família. Da educação que ele transmite ao seu filho. Ele será cobrado pelo que fez. A formação é sagrada dentro do lar. Para mim isto não tem discussão.

Entendi perfeitamente seu recado. Não é porque os tempos mudaram que as boas maneiras, a educação, o cavalheirismo o dever e a honra devem ser deixadas de lado. O respeito aos mais velhos, o respeito ao meio ambiente, o respeito com as pessoas, o direito de um e o de outro nunca devem ser olvidados. Seria bom, seria bom mesmo que existem muitos chefes Falcão Maltês por aí. Acho que tem muitos jovens que se chamam de escoteiros e escoteiras que poderiam ouvir suas palavras e aprender. E porque não muitos adultos?

Já faz anos que não vi mais o Chefe Falcão Maltês. Soube que ele resolveu abrir um Grupo Escoteiro nos garimpos do Suriname. Um país perdido nas fronteiras do Brasil com a Guiana Francesa. Porque a escolha? Ninguém me disse. Quem sabe ele seria um novo Cavaleiro Andante, a ensinara naquelas plagas distantes, no meio da selva e para aqueles garimpeiros rústicos que não existe hora e nem lugar para ser educado e ter honra? Que ele seja feliz. Ensinou-me muito. Tem chefes que são e tem outros que dizem ser. Eu até hoje ainda não me situei. Que Deus me ajude a cumprir minha missão, claro se eu tiver uma para cumprir.

## **Lendas Escoteiras.**

### **Só o destino pode decidir o caminho a seguir.**

Eles se conheceram no Grupo Escoteiro Montanhas da Lua. No início quase não se falavam. Paulo era um Chefe entusiasta, vivia na tropa como se fosse um dos meninos de patrulha. Todos o adoravam. Ele fazia questão de dar o exemplo. Mesmo solteiro era homem honrado e trabalhador. Muitas vezes acreditou nas palavras dos meninos e nunca negou a nenhuma patrulha que fizessem atividade sem a presença do Chefe. Ele aprendeu a confiar. Sabia que quando fizesse um jogo onde não se poderia ver não precisava de venda. Se o Escoteiro ou a Escoteira disse que podia confiar e se completasse dizendo a palavra de Escoteiro ele sabia que ali tinha honra, tinha lealdade, tinha palavra. Ele fazia questão de aplicar o sistema de patrulhas corretamente. Quando começou viu a tropa com poucos jovens. Seis meninas, sete Escoteiros. Em menos de um ano as patrulhas estavam completas. Ele adorava isto, fazer atividades Escoteiras com uma tropa bem preparada, onde podia se dizer que não havia amadores era muito bom.

Marlene nem sabia por que entrou para a Alcateia. Não conhecia ninguém. Um dia passou pela sede rumo à padaria do bairro. Viu olhou, entrou e gostou. Resolveu participar. Foi aceita, pois tinham poucos voluntários. A Alcateia cresceu, ela adorava os lobinhos. Entraram mais duas assistentes. Não conhecia o movimento e agora aprendia depressa. Notou a presença de Paulo na tropa. Ficaram amigos, mas só dentro do escotismo. Ele era simpático e educado. Nonato o Diretor Técnico um dia convidou a todos os chefes para passarem em sua casa, beberem um refrigerante, e comerem um churrasco. Sua esposa fazia aniversário. Não eram muitos, mas com a diretoria havia pelo menos uns quinze participantes. Marlene e Paulo sem perceber ficaram horas conversando. Descobriram que tinham muito em comum. O namoro teve efeito duradouro. O noivado não demorou. Casaram-se numa tarde de sábado na igreja São Pedro com as bênçãos do Padre Wolflang. Um alemão abrigado que adorava os Escoteiros, pois foi um em Aldenhoven cidade em que nasceu na Alemanha.

Paulo amava Marlene que amava Paulo. Todos diziam que era difícil ter um casal assim. Iam para as reuniões de uniforme a pé de mãos dadas. A vizinhança adorava os dois. Quando Paulo pediu a Akelá para liberar Marlene para a tropa ouviu um susto, mas todos acharam que era direito. Afinal a Tropa Escoteira tinha dez meninas e só o Paulo como Chefe não era direito. Um belo dia Paulo chegou do trabalho e recebeu a notícia que sempre sonhou – Vamos ter um filho! Ele sorriu de orelha a orelha. Ser pai era seu sonho. Pediu para Marlene que não fizesse o exame para saber se seria menino ou menina. Ele



gostaria de saber quando nascesse. Ela concordou. Todo diziam que era menino e ou menina. Não havia unanimidade. Dizem que todo parto se culmina à noite ou de madrugada. Em Três Ranchos havia um pequeno posto de saúde com um medico. Ela fez o pré-natal em Valverde, oitenta quilômetros de estrada ruim e cheia de buracos. Ia lá duas vezes por mês. O Hospital Santa Cecilia tinha boas condições para parto.

Nos meses de espera, não se preocuparam com nomes. – Quando chegar a hora vamos escolher dizia Paulo. Dito e feito, duas da manhã de terça começaram as contrações. Dona Epifania parteira achou melhor ir imediatamente para Valverde. Paulo preparou o mais que pode seu fusquinha. Foram em quatro, ele Dona Epifania, José de Arimatéia seu vizinho e amigo. Nem saíram da cidade caiu um enorme temporal. Paulo dirigia devagar, preocupado e esperançoso. Sorria em pensar que poderia ser um menino. Devia ser bom ter um filho homem pensava. Marlene sonhava com uma menina, ela queria ter uma, pois em sua família só havia homens. O carro derrapou e bateu em uma árvore. Ninguém se machucou. Marlene viu suas contrações aumentarem. Dona Epifania disse que não dava para fazer o parto ali – “O menino tá virado Chefe”! Ela disse. Paulo fechou os olhos sem saber o que fazer. Ele era um Escoteiro, tinha iniciativa, mas e agora? O que fazer? O Fusca não ligava e ele não tinha ideia de como proceder.

Paulo começou a ficar desesperado. Rezava pedindo a Deus que não lhe tirasse seu filho e Marlene. José de Arimatéia disse que ele ia até a fazenda do Coronel Totonho. – Eu sei que ele tem uma charrete lonada. Vai me emprestar tenho certeza. Sumiu na trilha rumo à fazenda debaixo daquele mundaréu d’água. Duas horas depois chegou com a charrete. Ainda tinham mais de quarenta quilômetros a percorrer. A chuva caía aos borbotões. Marlene sofria, mas não dizia nada. Matinha um tênue sorriso e não reclamava dos solavancos da charrete na estrada. Menos de doze quilômetros para chegar e eis que a estrada estava fechada por um enorme barreira. Houve um desmoronamento. Não havia como passar. De novo José de Arimatéia pôs mãos à obra. Derrubou a cerca de arame farpado. Paulo o ajudou. Não foi fácil não tinham ferramentas. Uma hora depois e o dia clareando conseguiram atravessar o pasto cheio d’água e muitas vezes com a charrete atolando. Às seis da manhã chegaram ao hospital e não havia médicos!

Paulo carregou Marlene no colo, pois ela parecia ter desmaiado. Pediu o telefone a atendente e ela se negou. José de Arimatéia pulou o balcão e deu o telefone para Paulo que ligou para Adalberto, um Chefe Escoteiro de lá. Às nove da manhã a rua do hospital estava cheia de Escoteiros. Faixas e cartazes diziam – Onde está o medico? Onde está a prestação de serviço do hospital de nossa cidade? Uma patrulha Senior foi até a casa do prefeito. Outra atrás do delegado. Dez e meia chegou um medico correndo. Onze e meia o parto foi realizado. Paulo nervoso não sabia o que fazer. Junto a ele o seu grande amigo que o salvou José de Arimatéia o abraçava. Dezenas de chefes da cidade dando a força que ele precisa. Um médico chegou com cara de quem não quer

nada – Quem é o Senhor Paulo? – Sou eu, ele disse. Venha comigo, por favor. Precisamos conversar – Um silêncio enorme. Todos pensavam a mesma coisa. O pior aconteceu!

Um minuto depois Paulo entrou na recepção gritando. Nasceu! Nasceram gêmeos, um menino e uma menina, Marlene está sorrindo de felicidade! Os gêmeos foram batizados em maio na Igreja de São Pedro sob as bênçãos do Padre Wolflang. A história do nascimento dos gêmeos foi contada por muitos e muitos anos. José de Arimatéia foi padrinho dos dois, de Nany e Nando. Tem histórias de finais tristes e de finais felizes. Esta eu sei que a felicidade graças a Deus existiu. Uma viagem que acredito nenhuma jovem esperando um filho pode passar. Dizem que nos finais de todos os contos se diz que eles foram felizes para sempre. Foram mesmo. A família de Paulo e Marlene sempre foram o casal mais feliz de Três Ranchos. Pode haver outros, mas escoteiramente falando eles tinham o sorriso do tamanho do coração Escoteiro que possuíam.



**Lendas escoteiras.**  
**Era uma vez... Na Morada da**  
**felicidade...**

Era uma vez, em um país muito distante, havia um Grupo Escoteiro que se chamava a Morada da Felicidade. Era um grupo onde todos eram muito felizes. O sorriso ali era espontâneo. Uma prática que todos os membros do grupo faziam questão. Ser irmão um do outro era questão de honra. Os abraços, os apertos de mão, os elogios, e a vontade de servir fazia parte de todos os participantes daquele Grupo Escoteiro. Não havia tristezas e parecia que eles tinham alcançado o Caminho para o Sucesso, ou melhor, da felicidade.

Barbas Brancas era o "Chefe" Escoteiro deles. Um verdadeiro pai. Amigo, sincero e sempre junto para ajudar no que fosse necessário. Havia inúmeros chefes. Rosa Prateada a Aquelá, Esquilo Sorridente o Chefe da tropa, Lobo Vermelho o Chefe Sênior e tantos outros que se amavam e se respeitavam. Nos dias de reuniões, parecia que o céu ficava mais azul e o sol brilhava só para eles. As estrelas cintilantes escondidas naquela hora do dia ficavam aguardando ansiosas quando eles estiverem cantando em um fogo de conselho lá na mata verdejante, ou no bosque da Prosperidade onde sempre montavam suas barracas verdes e amarelas.

Um dia, porém o inevitável aconteceu. O pároco da igreja onde eles tinham a sede chamou Barbas Brancas e deu a notícia fatídica – Vocês infelizmente têm dois meses para desocupar. Recebi instruções de Vossa Eminência o Bispo Matusalém, que todas as paróquias devem ter uma sala própria para utilização das novas Congregações que estavam surgindo. Infelizmente – continuou – Só temos essa sala. Ninguém entendia ninguém compreendia. Estavam ali há anos. O pároco completou. Desculpem-me, mas não haverá acordo. Não haverá recuo, são ordens do Bispo. Dois meses e a sede deverá ser desocupada. Trinta anos ali, trinta anos formando cidadãos honestos na comunidade.

O coração de Barbas Brancas bateu forte. Seus olhos ficaram molhados das lágrimas que caíam. Um conselho de chefes tomou conhecimento de tudo. Planos, discussões foram postos em prática. Dois meses. Muito pouco tempo. Eles não sabiam como agir. Nunca tiveram ódio, rancores e nem sabiam como brigar pelos seus direitos. Em seus corações só habitavam o amor e o carinho. Na reunião da semana, no cerimonial de bandeira todos foram comunicados. De felizes agora só se ouviam lamentações, lágrimas, queixas e todos acreditavam que a Morada da Felicidade nunca mais iria existir. Águas cristalinas, uma guia chorou alto. Serra Alcantilada o Monitor Sênior começou a rezar. Até Ventos na Face um Pioneiro antigo não sabia o que dizer.

Olhos azuis um lobinho da matilha cinzenta e Sorriso Encantador uma lobinha sua amiga foram para um canto da sede e não choraram. Eles eram firmes nas suas palavras e ações. Diziam que deveria haver uma saída. Deixaram a reunião, subiram as escadas e procuraram o pároco. Este nem ligou. - Não falem comigo, disse, falem com o Bispo Matusalém. Foi ele quem

ordenou. Que seja, os dois lobos sem falar nada com ninguém pegaram o ônibus. Palácio Episcopal. O Secretário dizia que o bispo não podia atender. Por quê? Se ele viveu tanto, mais de mil anos deve ser um sábio. Afinal todos dizem que ele é um homem bom. Filho de Enoch, e agora não pode nos receber?

– O Bispo Matusalém passava ali na hora. Sorriu divertido. – Quem são vocês? Perguntou. – Eu sou Olhos Azuis, lobinho da matilha cinzenta. Sou segundo primo e tenho a segunda estrela, essa é minha amiga, Sorriso Encantador, também segunda estrela e da minha matilha. Sabemos a lei do lobinho de cor e sabemos que o senhor é o culpado da nossa infelicidade. Logo a seguir beijaram o anel pastoral e fizeram uma genuflexão diante dele. O Bispo Matusalém assustou. Por que eu sou o culpado? Disse – Porque Vossa Eminência tomou nossa sede, o pároco disse que temos de morar na rua! E agora? Pensou ele. Venham comigo disse. Foram até a sala de visitas. O Bispo Matusalém serviu chocolate e biscoitos amanteigados. Obrigado Eminência, mas não podemos. Na matilha ou todos comem ou não comem ninguém!

O Bispo mandou seu secretário preparar o carro. Foi até a sacristia e pegou duas latas de biscoitos e muitos chocolates. Olhos Azuis e Sorriso Encantador entraram no carro e foram com o bispo até a sede do Grupo Escoteiro Morada da Felicidade. Uma festa. Veio o pároco. Ordem do Bispo, a sede é de vocês por centenas de anos! O Bispo Matusalém distribuiu chocolate e biscoitos amanteigados a escoteirada. Ficou amigo de todos. Barbas Brancas sorria. Águas Cristalinas, Serra Alcantilada e Ventos na Face batiam palmas.

A paz voltou a reinar no Grupo Escoteiro Morada da Felicidade. O sorriso ali nunca deixaria de existir. Sempre teria alguém para encontrar o caminho do sucesso. Desta vez foi Olhos Azuis e Sorriso Encantador. Mas sabiam que nas dificuldades sempre temos alguém preparado para pular por cima. Já diziam os poetas que as dificuldades são como as montanhas, aplainam-se quando avançamos sobre elas e quanto maior a dificuldade, tanto maior é o mérito em superá-las. E eles, os escoteiros sonhadores da Morada da felicidade viveram felizes para sempre!

Moral da história – Nos Grupos Escoteiros onde existem diálogos, entendimentos, compreensão, sorrisos e fraternidade é claro que todos irão viver felizes para sempre!

**Conversa do pé do fogo.  
Hinos canções Ajuris e o escambal.**

**“No grande jogo da vida, a Lei do Escoteiro é a nossa Lei”.**  
**Chefe João Ribeiro dos santos.**

**Vimos do norte, do sul e do leste, viemos do oeste,  
de todo Brasil. Das praias, dos papas, Dos campos dos montes e  
Dos horizontes de todo Brasil. Das grandes cidades,  
Das vilas mais belas, Das casas singelas De todo Brasil.  
Mochila nas costas bandeiras ao vento.  
Para o acampamento de todo o Brasil**

**Eu gosto de cantar. Saudades de uma viola, uma harmônica a tocar em  
uma clareira em uma noite de luar. Ouvir sinfonias Escoteiras as mais belas no  
pisar das estrelas e junto a amigos queridos. Ninguém esquece as horas que  
passamos em volta de uma fogueira, vendo uma ave trigueira a passar por ali...  
E sorrir batendo suas asas ao sabor do vento e partir. O Escoteiro é rápido em  
entender os ruídos da noite, as fagulhas que dançam como fantasmas amigos e  
desaparecem no céu. – De onde é você? Sou do norte diz um escoteiro em alto  
e bom som. – E eu do Sul diz sorrindo um gaúcho qualquer. – Não se esqueçam  
de mim sou do leste e este é meu amigo do oeste. Vimos de longe de todos os  
horizontes do rincão brasileiro. Tem muitos de nós a voar por aí nas asas  
ligeiras da imaginação e dizer: - Nasci em grandes cidades, morei nas vilas  
mais belas, em casas singelas de meu Brasil brasileiro. Sou peão sou boiadeiro  
e hoje Escoteiro com minha bandeira solta ao vento, eu estou indo para o  
acampamento de todo Brasil!**

**Se ele é gaúcho. Você do Amazonas, De baixo da lona são todos irmãos  
Qualquer cor ou classe, Qualquer raça ou credo  
Despertam bem cedo são todos irmãos  
Fazendo a comida universitários Peões e operários  
São todos irmãos. Nascido em palácio, nascido em favela  
Lavando a panela, são todos irmãos.**

**Escotismo é assim, a gente dá as mãos, um sorriso, um sempre alerta  
gostoso, e se ele é gaúcho valente, ou se é um amazonense, não importa, pois  
debaixo das lonas são todos irmãos. Não importa quem você é, se é escoteiro é  
amigo sincero, e não importa sua classe ou cor, seja de que raça ou credo for.  
Esperamos alegre o amanhecer, agora somos todos irmãos, e quando formos  
fazer a comida, se eu sou peão de boiadeiro e você universitário brioso  
brasileiro não importa somos todos irmãos. Olhe ali aquele, nasceu em um  
palácio de ouro e o outro na favela dos anzóis, mas agora juntos cantando no  
riacho, lavando as panelas eles dão as mãos, pois são todos irmãos. Aqui não  
se chora, aqui se ama, corremos pelos campos, brincamos de farol, na praia do  
arrebol. É bonito demais, a Escoteirada jogando a laçada fazendo mais amigos  
seja de onde for.**

**O Ajuri Nacional, Do Rio de Janeiro,  
É o marco triunfal do ano escoteiro,**

Comemoramos o centenário de Baden-Powell o fundador,  
E do escotismo o cinqüentenário,  
Do acampamento da Ilha de Browsea,  
Na Ilha do Governador.

É uma epopeia que poucos puderam viver. Viver nas campinas, nas praias mais lindas, sentindo o sabor do vento, nos acampamentos de todo Brasil. Quem não foi viveu lá também. Se nasceu em outra era está lá também. Afinal esta toada, tocada em noite enluarada encantou os céus do Brasil. Não existe ninguém que se vestiu Escoteiro e cantou o ano inteiro não se lembre desta prosa, que de tão formosa ficou para sempre no coração de todos nós. Podemos um dia nesta terra querida aprender outra canção, mas igual a esta, desculpe eu não sei não!

Nota – Em comemoração ao centenário de nascimento de B-P e os 50 anos da fundação do Escotismo, a UEB realizou em fevereiro de 1957 no bairro de Tubiacanga, na Ilha do Governador Zona Norte do Rio de Janeiro, o II Ajuri Nacional, cuja Canção “AJURI NACIONAL” composta pelo Chefe João Ribeiro dos Santos, falecido em 19/03/1970, aos 59 anos, é lembrada até hoje nos cancionários escoteiros.

Uma pequena homenagem a mais linda canção ou hino que se fez neste rincão brasileiro. João Ribeiro um Escoteiro fez. Ficou conhecida cantada e admirada por todos que vieram depois. Não existe marcha de estrada, noite enluarada que alguém pega na viola e começa a cantar: Viemos do norte, do sul e do leste, viemos do oeste de todo Brasil!

## **Conversa do pé do fogo. Comentário de um amigo distante.**

O tema para mim estava encerrado. Eu só ria voltar nele alguns meses mais tarde. Sei que alguns politicamente corretos e os líderes da UEB costumam ler o que escrevo, mas não espero em nenhuma mudança na sua maneira de dirigir o escotismo conforme acreditam. Se um dia vão pensar melhor não sei. Após receber meu condensado dos quatro artigos sobre Eles estão saindo do Escotismo – Por quê? Ele educadamente me mandou um e-mail que faço questão de transcrever aqui. Tocou-me profundamente. Concordo com ele em muito, mas a nossa única diferença que sou uma espécie de Dom Quixote, lutado contra os moinhos de vento e não desisto fácil. Eu ainda acredito. E mesmo errando vou continuar a tentar mostrar qual seria o melhor caminho para que o escotismo seja conforme BP nos deixou. O nome do meu



amigo fica em OF. Não que ele pediu, mas achei melhor assim. Vejamos suas palavras:

Guaíba, Berço da Revolução Farrroupilha, 16 de maio de 2015.

Meu Caro Monitor,

Sempre Alerta! Nada de SAPS ou qualquer outro modismo inventado para “fazer diferente”. “Fazer a diferença” é o que devemos procurar. Somos uma família onde devemos nos destacar pela qualidade e não pela modicidade. Li os seus artigos sobre a evasão do Movimento Escoteiro e por mais que isso me doa sou obrigado a discordar do senhor. Não há evasão do Movimento Escoteiro no Brasil pela simples razão que o mesmo já está morto, e não se pode sair de algo que não existe mais. Não tenho tanto tempo de Escotismo como o senhor, mas sou do tempo do chapelão, da calça curta, do meião, do cabo solteiro, da moeda no bolso da Boa Ação diária. Sou do tempo em que existiam Escoteiros e Chefes Escoteiros, Patrulhas, Conselho de Tropa e Corte de Honra. Sou do tempo em que durante a semana do Dia do Escoteiro atazanávamos a vida do nosso pobre chefe pelos ofícios solicitando o dispensa do uso do uniforme da escola naquela semana, para podermos ir uniformizados para a sala de aula.

Sou do tempo da malfadada frase: “O Escoteiro é uma criança vestida de idiota, comandada por um idiota vestido de criança.” Mas também sou do tempo em que “Ser Escoteiro” era motivo de orgulho. Do tempo em que aprendia a fazer nós não apenas para trocar de classe, mas para saber na hora em precisar fazer um, e fazer o certo. Do tempo em que as patrulhas faziam atividades em dias diferentes das reuniões de Grupo, para treinar e se qualificar para as especialidades, na busca de sempre estar um passo a frente das outras patrulhas. Do tempo em que o “Sistema de Patrulhas” era aplicado e não apenas um nome no rol das lembranças, onde a Bandeirola de Patrulha era cuidada, honrada e respeitada e nunca era largada no chão.

Como escreveu o senhor, do tempo da B.O.I.A. nos hasteamentos e arreamentos. E para quem não conhece a sigla significa Bandeira, Oração, Inspeção e Avisos. Lembro como o nosso GE (pequeno e um dos poucos no Estado do Rio Grande do Sul que não era patrocinado por ninguém) buscava apoio na comunidade, participava de campanhas, guardava à Pira da Pátria, ajudava na organização do desfile cívico e era conhecido e conceituado na comunidade. Francisco Floriano de Paula e Caio Vianna Martins eram nomes conhecidos. Mas como se diz aqui na minha terra, era no tempo em que se amarrava cachorro com linguça. Hoje não vemos mais nada disso. Vemos jovens que não tem motivação, pois não existe mais com que motivá-los.

Escotistas (tenho horror dessa palavra) que não sabem o que é Escotismo. Cursos que são uma piada de mau gosto e taxas, taxas e mais taxas. Não se dá o devido valor aos antigos Escoteiros formando as chamadas Patrulhas Dinossauro nos GE. Não se convida os antigos membros para

participar ou mesmo visitar um acampamento. E sabe por quê? Pelo simples fato de que os Escotistas de hoje tem medo de ouvir: “No meu tempo de Escoteiro era diferente!” Tem medo de ter que dar explicação para os jovens dos motivos que levaram as mudanças. Culpa deles? Não, pois nem eles mesmos sabem dos motivos, guardados a sete chaves pelos medalhões. No Brasil o Escotismo criado por BP não existe mais. Temos um simulacro, militarizado ou completamente solto. Uma disciplina imposta ou ignorada e não mais aquela disciplina que vinha de “dentro para fora” na medida em que íamos aprendendo o que era o Movimento Escoteiro.

Tínhamos os “Escoteiros” e não como hoje “Escoteiro disso” ou “Escoteiro daquilo”. Nada contra, pois são tentativas de uma volta as origens, mas que (até onde consegui ver) não conseguiram descobrir a verdadeira origem do Escotismo ou são impedidas de praticá-lo. O senhor listou quatro pontos: - Programa, Apresentação pessoal, Formação/qualificação do Chefe e Ouvir sempre o ponto de vista do jovem. Todos são válidos, mas se não resgatarmos a “Tradição Escoteira” e o “Escotismo de B.P.” eles de nada valerão. Se não devolvermos ao jovem o “Orgulho de ser Escoteiro” ele continuará a buscar isso em outros locais nem sempre muito recomendado.

É inerente ao jovem participar de um agrupamento de iguais e buscar reconhecimento. B.P. identificou esse fato e criou um movimento voltado para aproveitar essa energia, esse sentimento de agregação, dando um norte e uma filosofia de vida baseada no caráter e na honra. E hoje, aqui no Brasil, foi realizado um excelente trabalho no sentido de dismantelar todo esse esforço e banalizar o termo Escoteiro a tal ponto que o jovem sente vergonha de ser identificado com Escoteiro e chegar à reunião com o seu uniforme ou aquele simulacro de uniforme adotado atualmente.

O senhor deve ter notado que não tenho participado muito das suas postagens. Mas isso não significa que não estou acompanhando-as, mas sim que sei que vou acabar em uma ou outra rusga com alguém. Sou chato demais nesse ponto e para mim, quando eu fiz a minha Promessa Escoteira foi para toda a vida. E a minha promessa não foi para o que se apresenta hoje como Escotismo, mas sim para o Escotismo de Baden Powell que estava em espírito representado na foto colorida sobre a mesa, entre o machado no tronco de Gilwell e a vela votiva com a promessa.

Deixo aqui o meu (considerado arcaico) Sempre Alerta e os meus votos de força e perseverança nessa sua jornada, a qual com certeza eu não escolheria por causa de meu pavio curto.

Um antigo Escoteiro que tem muito orgulho do seu passado.

Todos nós temos nossas máquinas do tempo. Algumas nos levam pra trás, são chamadas de memórias. Outras nos levam para frente, são chamadas sonhos. Este é apenas um e-mail de um amigo que ainda não tive a honra de apertar sua

mão. Sua resposta aos meus artigos – Porque eles estão saindo do escotismo? Acredito que vale a pena ler.

## ***Você já viu o outro lado da montanha?***

Tão fácil de dizer e tão difícil de fazer. Para que subir tão alto? Para que se tudo que está lá não tem serventia? Afinal temos um caminho porque escolher outro? Mas meu amigo eu lhe digo, nunca pare na subida da montanha. Prossiga. Você está apenas no início. Não queres ver o outro lado? Será que lá não tem coisas lindas para ver? Você é livre, livre para decidir sua vida. Corra atrás dos seus sonhos dos seus desejos. Deixe o vento levantar seus cabelos, deixe o aroma das flores perfumarem seu caminho. Do outro lado da montanha quem sabe seu espírito irá se libertar e não ficará preso nas adversidades da vida? Só porque você percorre um caminho não quer saber se tem outro melhor? Então prossiga subindo, pois do outro lado da montanha você irá descobrir coisas fantásticas!

Não fique parado no ponto morto da estrada. Olhe a frente, veja as estrelas no céu. Não podes contar quantas são. Podes imaginar. Olhe! Pense naquela estrela cadente! Para onde foi? Quem sabe depois da montanha você vai descobrir seu caminho para o sucesso? Vamos, de pé, coloque sua mochila às costas, solte sua bandeira e deixe a chuva cair na sua face. Ela vai refrescar sua jornada. Você é livre, caminhe com suas próprias pernas, veja o rumo, trace seu destino e vá... Lá depois da montanha quem sabe vais ver a beleza do universo vai sentir a brisa a lhe afagar o rosto, irás beber a água límpida da fonte que jorra. Ouvirá o canto do sabiá, e ao longe um arco íris colorido irás dizer a você que ali mora a felicidade. Afinal meu amigo ou minha amiga, você é um bravo do escotismo. Tens o Rataplã na mente e BP no coração.

Todo o fim é um recomeço. Das vitórias guardamos os momentos. Aquele olhar. Um abraço. Das derrotas resta-nos o sabor amargo na boca. E não, não ficamos mais fortes. Mas todo o fim é um recomeço, e sobra-nos a vontade. E à noite escura sucedem os dias. Cinzentos, ainda, mas a pedir um sopro de vento que remoça a chama. Avante Escoteiros! Do outro lado da montanha iremos ver um novo mundo, basta querer! Lembre-se um Escoteiro não desiste, insiste nos seus ideais. Caiu? De pé novamente. A vida é para ser vivida afinal não foi BP. Quem disse que os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda?

Não se acostume com o que não o faz feliz, Revolte-se quando julgar necessário.

Alague seu coração de esperanças, Mas não deixe que ele se afogue nelas. Se achar que precisa voltar, volte! Se perceber que precisa seguir, siga! Se estiver tudo errado, comece novamente. Se estiver tudo certo, continue. Se sentir saudades, mate-a. Se perder um amor, não se perca! Se o achar, segure-o! Fernando Pessoa

## **Lendas Escoteiras.**

### **O despertar para a vida da Tropa Escoteira Kerexu.**

J. Silva era bom ouvinte. Aprendeu com seu pai que um simples olhar dava para entender tudo o que se passava com ele. Era calmo, honesto e tinha o mais importante que considerava em sua vida. Honra! Dela não abria mão. Sua honra era a sua identidade, documento que lhe abre passagem para trilhar qualquer caminho do mundo. É um documento para toda a vida. Um bem imaterial incomparável, insubstituível. Nesta sexta feira J. Silva estava cansado, pensava em deixar para segunda a estante que prometeu a dona Naná. Mas ele prometeu e sua palavra para ele tinha enorme valor. Olhou de soslaio quando o Padre Jerry adentrou na sua marcenaria. Fazia seis anos que seu pai fora para o céu e ele prometeu não vender e nem fechar a marcenaria. Não era o que sonhava, pensava em ir para a capital e lá entrar em uma faculdade. Mas sonhos precisam de tempo para se realizar. O Padre Jerry foi direto ao assunto que o levava ali – J. Silva, o Conselho Paroquial aprovou em sua última reunião, o início de um Grupo Escoteiro aqui na cidade. Já fizeram varias reuniões e agora busca entre nossos cidadãos os que poderiam assumir como chefes.

J. Silva calado e calado ficou. Não demonstrou surpresa do assunto do Padre. – Olhe, continuou o Padre Jerry, ficamos sabendo que você já foi escoteiro. Um antigo morador de Monte Mor onde você nasceu, disse que lá havia um grupo e você ficou por muitos anos! – J. Silva sorriu de leve. Tempos idos, belos tempos pensou. O Padre Jerry começou a ficar incomodado com o silêncio dele. – Afinal, você gostaria de conversar sobre isto? Perguntou o Padre. – J. Silva se assentou em um banquinho e deu sua cadeira para o Padre não sem antes limpar a poeira da madeira. – Padre – Disse ele, o senhor sabe que não frequento a igreja, na verdade sou espiritualista. Nada contra a religião de ninguém, todas elas têm o caminho de Deus. Pense nisto antes de insistir no convite. Fui Escoteiro por seis anos e se um dia voltasse seria para

fazer o escotismo que aprendi. – O Padre sorriu. – Vamos conversar melhor na reunião deste sábado as nove na paróquia. Você aceita nosso convite?

J. Silva fechou a marcenaria e foi para casa. Morava sozinho. Tinha 25 anos e poucos amigos. Em Rio Corrente quando seus pais mudaram para ali ele se sentiu sozinho. Tinha dezoito anos e muitos planos. Todos deram errado. Há seis meses ficou noivo de Rosinha e achava que ao lado dela teria uma vida feliz. Nesta noite mesmo conversou com ela. Disse o que pensava. Rosinha sorriu e disse: - Você decide J. Silva, se acha que vai lhe dar alegria entre se não agradeça e continue sua vida. No sábado as nove em ponto ele estava lá. Nem todos haviam chegado. Pontualidade escoteira ali começa mal. Só às nove e meia à reunião começou. Doutor Bartomeu Presidente da Associação dos Lojistas falou por muito tempo. Sorria o tempo todo. Para ele o escotismo seria uma festa. Milhares de Escoteiros correndo pela cidade, limpando jardins, pintando e lavando monumentos, eles comprariam uma grande fanfarra, os desfiles seriam fantásticos. Enfim ele queria começar logo, fazer a promessa de todos no adro da Paróquia. Que festa! – ele dizia. A população em peso! Os vereadores já prometeram um decreto, o prefeito uma verba. Seria o maior acontecimento de todos os tempos que Rio Corrente já teve.

J. Silva não disse nada. Parecia que na reunião ele já estava contratado e deveria obedecer as ordens da diretoria. O Pior é que havia um dirigente do distrito presente para dar a Autorização Provisória e concordou com tudo. No final vieram cumprimentá-lo e J. Silva falou baixinho para o Padre Jerry. – Desculpe padre, mas não posso aceitar. O Padre surpreso quis saber o porquê. Podemos conversar outro dia? O tema é longo e eu não posso mudar minhas convicções. O Padre o convidou para uma conversa no dia seguinte. J. Silva não era de falar muito. Ele sabia o que era escotismo, como devia ser. No Salão Paroquial ele o Padre Jerry conversaram por horas. Foi difícil para J. Silva falar tanto. – Ele aceitaria dentro do método escoteiro. Ele não iria fazer festa, não iria comandar tantos mil Escoteiros. Seriam apenas oito no início e 28 a 32 quatro meses depois. Ele escolheria os oito. Futuros Monitores líderes, iria prepará-los, adestrá-los e então quando estivessem prontos chamariam os demais meninos inscritos por ordem de inscrição.

O Padre Jerry arregalou os olhos. Entendeu tudo que J. Silva explicou. Não existe educação em massa Padre. A educação tem de ser para cada indivíduo em especial. Seis dias depois o Padre Jerry voltou a sua marcenaria. – J. Silva, a diretoria em peso pediu demissão. Não concordavam, queriam uma festa, uma promessa de mil meninos jurando a bandeira. Você será nosso mentor, você dará as diretrizes para todas as sessões. Quando começamos? J. Silva riu. Mas aceitou o desafio. Nova diretoria foi eleita. Pessoas que entendiam de educação e formação. Pela primeira vez J. Silva sorriu e arregaçou as mangas. Rosinha deu todo apoio. Os oito jovens se tornaram seus amigos para sempre. Seriam os monitores e subs monitores. J. Silva explicou a eles que seriam o baluarte da tropa. Em um acampamento à noite em uma conversa ao pé do foto, os meninos Escoteiros escolheram em votação

individual o nome da nova tropa – Kerexu que significava em Guarani Lua crescente. Deixaram os nomes das patrulhas quando estivessem todos. Aí sim a patrulha poderia sugerir e votar no nome que gostassem. O grito foi da mesma maneira. Tudo democraticamente.

Em fins de setembro, os oito meninos fizeram o juramento a bandeira. Pais foram convidados, o Padre Jerry sorria, a diretoria participou. Houve sim uma festa, uma mesa farta de comes e bebes festejando o nascer de uma nova era, um novo grupo uma nova tropa. O Padre sentiu um orgulho próprio daqueles oitos jovens já tão pequerruchos elevados à líder de patrulha. Mas ele tinha ouvido de J. Silva que eram líderes para liderarem e serem liderados. Seriam o irmão mais vivido que os demais. J. Silva estava orgulhoso, agora sim teremos um Grupo Escoteiro que sabe onde pisa. Sem desmerecer a ninguém a festa é deles, dos jovens promessados. O orgulho de ser mais um na grande fraternidade mundial eram marcantes. J. Silva sabia o que estava fazendo. Sabia que ele não era o único, todos ali tinham direitos e deveres. Nada seria feito sem o consentimento deles e nenhum programa deixaria de ter a participação de todos.

Passaram-se cinquenta anos. J. Silva com seus setenta e três nos finais de semana ficava em sua varanda conversando com Rosinha e esperando chegar seus dois filhos homens já casados e que iam visitá-lo toda semana. Netinho ainda era Chefe Escoteiro. O foi por todo o tempo da sua juventude e nunca abandonou. Waltinho quando adulto não quis continuar. J. Silva sabia que o escotismo não foi feito para formar chefes, foi feito para formar cidadãos dignos na sua trilha perfeita que é a lei e a promessa. Que respeitem suas convicções religiosas, que aprendessem que honra e palavra não são simples palavras. É algum que se aprende e levar dentro do peito e na mente por toda a vida. Não era mais Chefe de tropa. Agora só um Velho Chefe Escoteiro. Ia ao Grupo Escoteiro vez ou outra, se orgulhava das três Alcateias, das três tropas, das duas tropas seniores e do Clã pioneiro. Sorria orgulhoso com as moças que vieram dar nova fisionomia ao escotismo. Bem vindas. Assim é a vida Escoteira, saber começar com poucos para ter um futuro promissor!

"Nosso método de treinamento é o de educar a partir de dentro, em vez de instruir a partir do exterior, oferecendo jogos e atividades também atraentes para o rapaz. Educação moral, mental e física". - "Escoteiros aprendem a se fortalecer ao ar livre. Como exploradores, realizam os seus próprios trabalhos e 'Remam sua própria canoa.' BP.

## **Lendas escoteiras. Os heróis não tem idade.**

Mariel não sabia mais o que fazer. Tentou de tudo e nunca foi sequer ouvida pelos seus pais. Mariel tinha um sonho, dizem que meninas de sete anos não sonham, mas não é verdade. Podia até ser um sonho novo que substituiu a boneca Modelmuse 2013. Seus pais diziam que era muito cara e ela estava crescendo muito depressa. – O que você quer de Papai Noel perguntou seu pai? Ela abaixou a cabeça e disse – Quero ser escoteira! Ela já sabia a resposta. Desde o dia que pediu para participar que seu pai foi contra. Sua mãe também. – Nem pensar, diziam. – Não vou deixar você ir para o mato, dormir na barraca, pode aparecer uma cobra ou um bicho qualquer. E se forem para longe? Não sabe que sumiu um Escoteiro no Pico do Roncador e até hoje ele não apareceu? – Agora eles perguntavam o que ela queria de natal pensando que ela mudou de ideia. Nunca há deixariam entrar naquela turma. Eles eram esquisitos, vestiam um uniforme e se achavam os tais. Ninguém sabia, mas o Pai de Mariel quando jovem queria ser um e não foi. Motivos? Ele nunca contou.

Mariel em seu pequeno computador leu sobre tudo o que era os Escoteiros, o que eles faziam, leu as histórias dos acampamentos, aprendeu as provas e se ela entrasse hoje já sabia de tudo. Havia meses que ela insistia com seus pais e eles sempre negando. Chegaram ao ponto de dizer que se ela falasse mais no assunto eles a poriam de castigo. Sua mãe foi mais amiga, explicou para ela que ela era nova, eles não conheciam os responsáveis e se alguém a raptasse? Afinal eles moravam em um bairro nobre, seu pai era Presidente de uma Grande Empresa e ela seria presa fácil para sequestradores. Dizer para sua mãe que havia outras crianças iguais a ela não adiantava. Ela sempre dizia que os pais delas eram irresponsáveis.

Uma tarde de sábado sua mãe foi com seu pai ao Mercado fazer compras. Dona Nana a cozinheira ficou responsável por ela. Mariel não perdeu tempo. Que seja o que Deus quiser pensou. Sei que é errado e estou desobedecendo meus pais, mas tenho que ir - pensou. Se pelo menos eu pudesse ver o que eles estavam fazendo já seria uma alegria para mim. Pé ante pé abriu a porta da Mansão e passou sorrateiramente pela portaria do Condomínio. Sabia que não era perto. Ficava a duas quadras do seu colégio. Foram mais de uma hora a pé. Ela não sabia pegar ônibus. Não foi fácil. Com seus sete anos ela era uma menina frágil. Seus pais não deixavam nem ela participar de atividades recreativas mais pesadas no colégio. Chegou ao Grupo Escoteiro bem na hora que estavam hasteando a bandeira. Ela ficou de longe olhando. Que belo espetáculo! Seus olhos se encheram de lágrimas. Era bonito demais. E os lobinhos e lobinhas correndo para formar? Que ordem, que disciplina. Ela já sabia que iriam fazer do Grande Uivo. Quem dera eu fosse uma delas. Sei tudo de cor! Disse.

Esqueceu-se das horas. Quando viu estava escurecendo. Ficou olhando para eles até o final. Correu rua fora e quase foi atropelada. Chegou a sua casa já noite escura. Na porta carros de policia e de parentes. Entrou pelos fundos. – Quem foi papai? Ela perguntou. – Meu Deus! Você está aqui. A mãe e o pai correram para abraçá-la. Eles choravam de emoção. Pensavam que tinha sido raptada. Mariel sabia que o lobinho diz sempre a verdade e contou tudo para eles. Contou com lágrimas nos olhos. Sabia que o castigo viria. E veio mesmo. Mais de dois meses sem computador e sem TV. Mariel não se incomodou. Sim ficou chateada por ter feito tudo sem avisar, mas sabia que nunca eles deixariam ir. Todos os meses do castigo ela não parava de lembrar-se do que viu e sentiu. Ah! Se fosse verdade e eu fosse um deles sonhava.

Paolo, Billy e Eddy Mário iam para a reunião dos seniores. Todos eles antigos no grupo. Foram lobinhos e agora estavam se preparando para conseguir o Escoteiro da Pátria. Eram amigos desde a Tropa Escoteira. Uma amizade que perdurou por anos. Pararam no farol na esquina da Rua dos Tamoios com a Avenida Campos Gerais. Esperou o farol abrir. Era um local perigoso e já ouve muitas batidas. Da avenida viram quando um Audi em disparada não obedeceu ao sinal e avançou a toda velocidade. Da Rua dos Tamoios um Utilitário azul da Toyota em velocidade normal viu o farol aberto e entrou. A batida foi forte. Uma verdadeira explosão. O Audi ficou completamente destruído. O Toyota rodopiou sobre si mesmo e quando parou uma pequena explosão no motor. O fogo começou. Não havia o que discutir e nem pensar. Os três correram para o Toyota que pegava fogo. O Audi não estava em chamas. Paolo com se bastão quebrou o vidro da porta do motorista e tentou tirá-lo. Não conseguiu.

Nada é impossível para escoteiros. Eles não deixariam o homem morrer. Alguém gritou da calçada que o Toyota ia explodir. Corram daí se querem viver! Gritaram. Billy pegou o bastão e foi para a outra porta. Quebrou o vidro e passou por ele, pois a porta estava emperrada. Cortou o cinto que estava preso com sua faca. Paolo e Eddy do outro lado arrastaram o homem para fora. O fogo aumentou. Billy sentiu seu uniforme pegando fogo. Pulou para fora do carro e se jogou ao chão rolando de um lado para outro. Conseguiu apagar, mas seu corpo teve diversas queimaduras. A Toyota explodiu a seguir. Graças a Deus ninguém morreu. O socorro chegou em seguida. O homem da Toyota estava desmaiado. No hospital Billy ficou internado por três semanas e saiu direto para a reunião de tropa. Sentia uma falta tremenda. Nunca faltou. Que chovesse canivete, mas ele estava lá na sua Patrulha Pico da Neblina.

Quando Billy chegou uma salva de palmas e todos correram para abraçá-lo e ele dizendo que não. As queimaduras não haviam sarado ainda. Aceitou aperto de mão, mas fez questão de dizer que ele e os amigos fizeram o que era certo. Todos eles a sua maneira agiram como Escoteiros. A formatura estava em andamento. Billy tomou seu lugar na patrulha. Notou que chegaram um homem, uma mulher e uma menina pequena e frágil. Eles tomaram lugar na



bandeira. Após a cerimonia o homem pediu a palavra. Ele era a vitima do Toyota. Ele chorava. Quase não conseguia falar. Ainda não conseguia andar direito, pois sofrera uma fratura no braço e na perna. Foi até onde Billy, Paolo e Eddy estavam e lhes deu um grande abraço. – Nunca vou me esquecer de vocês! Ele disse chorando. Eu pensava que Escoteiros eram uma turma de arruaceiros, de jovens sem ter uma forma de vida e me enganei. Por anos neguei que minha filha fosse uma, pois ela sempre o desejou.

Mariel mudou. Agora era um lobinha alegre e cheia de vida. Como era bom saber que seus pais também ajudavam o Grupo Escoteiro. Mariel no final do primeiro dia de reunião se ajoelhou quando os lobinhos e lobinhas faziam o Grande Uivo e mesmo sabendo que ela só iria participar depois da promessa, Mariel rezou. – Obrigado meu Deus! Consegui! Meu sonho se concretizou. – Todos olharam para ela espantados. Ela levantou, sorriu e gritou bem alto – “Melhor Possível”! Agora sou uma lobinha, e prometo a mim mesma que serei escoteira por toda a vida.



**Lendas Escoteiras.**

**Marina Morena.**

¶ Marina morena, Marina, você se pintou  
Marina, você faça tudo, mas faça um favor  
Não pinte esse rosto que eu gosto que eu gosto e que é só meu  
Marina, você já é bonita com o que Deus lhe deu.

Dava gosto de ver quando ela toda serelepe descia a Rua dos Coqueiros com aquele rebolado sensacional! Ah! Marina Morena moça linda de morrer. Um pedaço de mau caminho. Olhos verdes que Fernão dias Paes poderia pensar ter achado suas esmeraldas tão procuradas nas Minas Gerais. E os cabelos? Caramba! Da cor do mel. Solto nos ombros com ondas fazendo cócegas no mar. Os lábios? Carnudos, vermelhos deliciosos. Olhos grandes, jabuticabas em flor. Negros enormes pareciam saracotear nos sorrisos escondidos como há dizer: Sou sim, boa demais! Quando andava todo mundo esquecia-se de Vera Verão, na sua saínia curta, a propagandear sua cerveja para os sortudos do mar. Todos saíam às portas, as filhas de Maria olhando na greta da janela, as mães com uma inveja danada a excomungar Marina Morena. Que culpa ela tinha de ser deliciosa? Mulher formosa, gostosa, mulher nota mil? Depois que ela passava, as comadres se juntavam nos portões embranquecidos: - Você viu? Para mim uma rapariga! Mulher de programa, metida a bacana, dizem que dormiu com todo mundo do lugar! Não era verdade, ninguém sabia como ela vivia, ela se escondia num quartinho alugado na casa de Dona Verônica.

Padre! – Tome uma providência! Ela é uma indecência para o povo deste lugar! – Senhor prefeito, se quer ficar satisfeito e nossos votos ganhar, suma com ela. O prefeito coitado, barrigudo o danado só pensava: - Carne de primeira prá cachorro nenhum botar defeito. Mas quem tomava efeito, se ela não tinha defeito todos queriam enxergar. Aonde ela vai? O que faz? Como vive? Dona Verônica era um túmulo. Não dizia nada. Um dia um susto dos Escoteiros, em reunião correndo a jogar, lobinhos a cantar, eis que adentra no portão, nada mais nada menos que Marina Morena feitiço ao luar. O jogo parou, a canção terminou a meninada correndo e dizendo: Chefe! Ela vai ser uma de nós? – Tenente Bossalto tomou de assalto em nome dos bons costumes e da galhardia escoteira. Diretor Técnico famoso era um homem brioso e perguntou? Moça! (queria dizer linda e gostosa, mas não disse) o que queres aqui?

¶ Me aborreci, me zanguei, já não posso falar,  
E quando eu me zango Marina, não sei perdoar  
Eu já desculpei muita coisa, você não arranjava outro igual.

- Tenente Chefinho, eu queria ser lobinha, e na Jângal aprender. Não tenho idade, mas que saudade de meus tempos de criança. Quem sabe uma Escoteira, valente faceira e contigo acampar? Também não, isto vejo pelo seu olhar. Pioneira Valente, alguém que nunca mente? Certo também não posso. E Chefe Escoteira, sem bagaceira meu caro Tenente, será que tem vaga prá mim? Tenente Bossalto, tomou de assalto seu coração explodiu e amou aquela

mulher. Esqueceu Tereza sua mulher com certeza e com um amor enorme falou - Se queres aqui ajudar, por favor não seja rameira, pode ser faxineira e a limpeza fazer. E ela sorriu, encantando a meninada, fez cantar a passarada e seu ninho fez ali. Todos adoraram o arranjo, que muitos chefes marmanjos voltaram a escoteirar. Até Dulcineia sem dente, uma Akela de repente, falou prá Chefe Toninha – Olha, deixa prá lá. Um dia a casa torna, ela não é de bigorna e vai sumir sem voltar. Menino! Nem lhe conto, a sede ganhou um trinco, a limpeza era um brinco, ninguém esquecia a moça mulher. Um dois três seis meses ela ficou. Aos Escoteiros ela amou, nem uniforme pode ter. Queria voltar de Odessa e fazer sua promessa, mas o malvado Chefe Tenente que tinha amor ardente... Não deixou! A meninada escoteira corria, gritava com galhardia; - Viva Marina Morena, nossa musa nosso amor!

Um sábado não apareceu. Desapareceu sem dizer Sempre Alerta. A escoteirada chorava, Tenente Bossalto cantava sua saudade danada uma bela canção de amor. Mas as chefes feiosas sorriam. Pensaram ser coisa-feita e agora satisfeitas, brindavam com água benta, chupando bala de menta diziam: - Ela se foi teremos enfim a paz. Um mês, dois três, quatro cinco, as saudades aumentando, o sonho de ela voltar acabando, lembranças se apagando. O tempo dizem apaga o tempo, mas existe contratempo e mesmo alguns esquecendo no sábado a bomba explodiu. Dulcineia a Akela sem dente, aquela que nunca mente, se assustou quando viu: Que mundo louco, será que ela voltou? Cena nunca antes imaginada, Marina Morena a danada, adentrou sede adentro dizendo que voltou para ficar. Que dia passado ditosos, um dia que ninguém esqueceu. Um dia da benção do Senhor, alguém tirou do penhor e eis que ela surgiu no portão! Um susto, alguém gritou – É ela meu Deus! Seja bem vinda!. Era Geraldo Magrão. Ela Bonita a danada, até eu levei um baque, ela vestida de caqui, Chapelão e lenço azul. Ficou linda demais, sainha curtinha com pregas, meião cinzento a puxar. Não é que a moça perfeita, moça demais arteira, estava com a Insígnia da Madeira? – Voltei ela disse, voltei para de novo partir e dizer adeus mas um dia vou voltar. Aqui não posso ficar, Meus lideres queridos disseram que sempre me querem lá, disseram-me que nunca levarei tabefe, pois serei Escoteira Chefe. Deram-me tantas medalhas, que agora não saio de lá. Sou do CAN, do DEN sou de todos, Escoteira honrosa querida, lá eu farei guarida e ao escotismo ajudar.

¶ Desculpe, Marina morena, mas eu estou de mal  
De mal de você, de mal de você!

E assim termina a história, ainda trago na memória esta história infernal. Hoje estou de bem com a vida. Se Marina Morena foi um blefe, e se tornou Escoteira-Chefe não sou capaz de jurar. Só sei que ainda gostosa, agora ficou famosa e eleita Chefe internacional. Por unanimidade, foi eleita e sorridente, agora Secretária Presidente, da WOSM. Dizem que manda em tudo. Dizem ainda enternecido, que Baden-Powell foi esquecido, ela sim falada em todo mundo, a nova Escoteira Chefe Secretária Presidente do escotismo

Mundial! Risos. E se quer acreditar, saiba que boi não é vaca, e feijão não é arroz, e se quiser meu amigo, que conte até dois!

Marina Morena é uma canção interpretada por Emilio Santiago.

## **Lendas Escoteiras.**

### **A Gata Borralheira do Reino das Folhas Rosa.**

(uma história baseada no conto da Gata Borralheira).

Era uma vez um Duende que vivia na floresta encantada, e gostava de contar uma antiga lenda, de dois escravos fugitivos de um Faraó do Antigo Egito sem coração. Eles fugiram em uma pequena canoa com uma vela pelo Rio Nilo até o oceano. Anos depois aportaram no Brasil e aproveitando a maré baixa adentrou no Rio Amazonas, até o Rio Negro aonde navegando por vinte luas chegaram a um grande lago azul. Por mais cinco luas velejaram até descobrir uma nascente de um belo rio e ali resolveram dormir. O belo sonho que tiveram os incentivou a entrar selva adentro e lutando contra as adversidades da floresta, abriram picadas por anos e anos. Um dia chegaram a um lindo e enorme vale, florido, cheio de lindas nascentes, onde havia uma grande floresta de árvores de folhas rosa. Conta-se a lenda que ali surgiu um belo reino, e que durante séculos sobreviveu graças à fraternidade existente e também porque nenhum ser humano civilizado pode colocar os pés. Uma enorme nuvem verde pairava sobre o vale, impedindo que aeroplanos pudessem ver aquele reino, onde a Deusa Isis, aquela que nasceu de si mesmo considerada a deusa da fertilidade e do amor fraternal protegia todos habitantes do reino.

Nos tempos da lua nova os habitantes corriam em todas as casas para desejar a todos um novo ano de muita felicidade e prosperidade. Eram recebidos com flores, quitutes deliciosos, e abraços fraternais. Iasmim uma linda menina amava esta época onde podia conhecer muitas meninas e meninos e aumentar seu número de amigos. Seu Professor um bom homem sempre dizia quando a aula terminava: - Mais vale ser pobre e honrar ao Senhor, que ser rico e viver angustiado. Todas as manhãs ela corria pelos montes, brincava com as borboletas, sorria para os Pica paus amarelos e abraçava Cloe uma raposa cinzenta sua amiga. Por maior que seja todo deserto um dia ele se acaba e a vida de Iasmim quase acabou. Sua mãe começou a tossir e foi embora para o reino de Isis para nunca mais voltar.

lasmim chorou por varias luas. Para sua surpresa um dia sua tia Aurora que morava do outro lado do reino veio lhe buscar. Um brilho correu pelo olhar de lasmim. Agora teria de novo uma familia para amar.

Nem tudo foram flores para lasmim. A Tia Aurora era exigente, gritava muito com ela e mesmo querendo ser amigas de Flora e Ruana suas primas quase nunca tinha tempo para brincar. Mal podia ir para a escola, pois cuidava da casa, lavava tudo, passava, e ainda tirava um tempo para cuidar do seu canteiro de flores, violetas que ela plantou para lembrar-se de sua mãe querida. Quando Javé o mascate chegava à cidade ela escondido da Tia Aurora se punha na janela para olhar os lindos vestidos, as lindas sedas coloridas e ela sonhava em fazer um belo vestido para quem sabe um dia ser convidada para um Baile de Gala no Castelo do Rei Thor. Era somente um sonho e para ela impossível. Nunca iria conhecer o salão enorme onde centenas de convidados ouviam cantores famosos, orquestras inesquecíveis e valsas incríveis para dançar. Naquele domingo frei Amon no Templo de Isis contou à novidade que deixou a todos espantados: Um Grupo de Meninos e meninas Escoteiras iria se formar no reino das Folhas Rosa.

O que seriam estes meninos e meninas Escoteiras? Quem participaria? Será que sua Tia Aurora iria a deixar participar? Não. Ela sabia que não. Suas primas sorridentes trouxeram as primeiras novidades. Contavam para sua mãe que elas iriam excursionar acampar e dormir sob barracas, ver melhor as estrelas no céu que no reino era impossível de ver. Eram tantas coisas bonitas que elas contavam que lasmim ficou com os olhos cheios de lágrimas por não poder entrar. Mesmo lembrando quando sua mãe dizia que melhor é o pão, quando o coração está ditoso, que riquezas com pesar ela chorava baixinho. Ela não entendia o que isto queria dizer. No aniversário do reino, os Escoteiros do Rei desfilaram. Que coisa bonita! Bonita demais pensou lasmim. Na frente de todos escoteiros, o Príncipe Apolo com seu cavalo branco e de uniforme com um enorme Chapelão e lenço verde e amarelo no pescoço, desfila garbosamente para seus súditos do Reino. Seu pai se orgulhava de seu filho. Um dia ele seria rei.

Muitos foram convidados para o Baile da Primavera, onde o rei iria cumprimentar todos os Escoteiros e Escoteiras com a mão esquerda e depois a Orquestra Sinfônica do Maestro Baltazar iria tocar a noite toda. – Posso ir Tia Aurora? Ela olhou com desdém para lasmim. Porque você deveria ir? É feia, tem uma voz escarnecida, não tem vestido e ainda tem duas trouxas de roupa para passar. lasmim quando viu suas primas com lindos vestidos indo para o baile chorou. Foi para um canto da casa, sentou e chorou lágrimas doídas. Por quê? Perguntava. Por quê? O que eu fiz? Assustou quando olhou pela janela e viu a Maga Julia de Avelã sorrindo para ela. A cidade inteira dizia que ela era uma fada má, que poderia encantar alguém e transformar em vento e soltar na montanha do adeus para sempre. lasmim olhou para ela com medo – Não fique linda mocinha, ela disse. Você não quer ir para a festa? Pois então, você vai!

Com uma varinha mágica de condão, vestiu nela o mais lindo vestido que o Reino já tinha visto. Na porta de sua casa uma linda limusine branca com um chofer vestido de Chefe Escoteiro esperava. Lindas joias cobriu seu corpo e Iasmim sem acreditar no que estava acontecendo partiu para o castelo. Quando saiu a Maga Julia de Avelã disse: - Volte antes da meia noite. Depois todo o encanto desaparecerá. Na entrada um coro de trombetas anunciou sua chegada. Todos olharam espantados. Tia Aurora, Flora e Ruana não acreditavam no que viam. O Príncipe Apolo, agora vestido com seu lindo traje de gala Escoteiro a viu e se apaixonou. – Mas ela é apenas uma menina de treze anos pensou! Mas ele sabia que ia esperar ela crescer. Sabia que ela seria sua rainha um dia e disto ele nunca abriu mão. Foi até ela, fez uma mesura e a tirou para dançar. A Valsa dos Sonhos perdidos ecoou pelo salão. Todos embasbacados com o que viam. Quem era ela? De onde veio? Era linda e todos concordavam que fora destinada ao Príncipe que ela um dia seria a Rainha do Reino das Folhas Rosa.

Iasmim vivia seu sonho. Nunca pensou que isto iria acontecer. Mas tudo que é bom tem que terminar e nem sempre a felicidade dura para sempre. As doze badaladas da meia noite se fez ouvir. Ela saiu correndo e desapareceu na noite escura do reino. O Rei ficou abismado, o Príncipe apaixonado não sabia o que fazer. Viu que ela deixou um lindo sapatinho de cristal na porta do castelo. No dia seguinte, com um séquito de soldados do reino foi de porta em porta. Mandou que viesse todas as moças que moravam ali. O sapatinho de cristal não serviu em ninguém. Na casa de Iasmim, sua tia a prendeu no porão e levou suas filhas sorrindo para calçar o sapatinho. Nada, o príncipe choroso queria desistir. Um Velho Chefe Escoteiro de barbas brancas que era um antigo Escoteiro do mundo passava por lá disse para ele: - No porão vais encontrar sua amada. O casamento se realizou cinco anos depois. Escoteiros e Escoteiras de todo o mundo estavam presente. Durante o tempo que o príncipe a esperou crescer Iasmim foi Escoteira, acampou, amou o escotismo como amava o Príncipe Apolo.

E o Reino das Folhas Rosa até hoje está lá muito feliz com seu rei e sua rainha. Dizem que até hoje no alto Amazonas ninguém consegue achar sua trilha. Diz à lenda que eles viveram felizes para sempre e hoje seus oitos filhos dirigem oito Grupos Escoteiros que faz de toda a juventude do reino, perfeitos Escoteiros e Escoteiras para servir a Deus a Deusa Isis e ao Rei Apolo.

## **Crônica de um Velho Chefe Escoteiro. O mundo escoteiro enlouqueceu!**

Não sabia o que dizer. Era incrível a notícia. De novo não. Não podia ficar tendo pesadelos assim. Pelo amor de Deus! Já estou "Velho" demais para isto. A continuar deste jeito, terei que buscar meu velho bastão escoteiro no fundo do baú ir para minha varanda e ficar fazendo continência para os passantes. Que eles me julgassem loucos, pois se não era estava ficando. Estava uma maneira de ficar sem dormir por muitas noites. Deste jeito em vez de dormir com pesadelos assim o melhor ficar de sentinela na minha varanda velando os mosquitos infernais que ter estes pesadelos absurdos! – Mas estava lá, em letras garrafais nos principais jornais do país. As televisões não sessavam de propagar aos quatros ventos: - A Presidenta Dilma, demite toda cúpula da Petrobrás! Não sobrou ninguém. Ela quer um choque de gestão em tudo. Sem consultar ninguém convidou a cúpula da UEB para assumir! Pode! Meu Deus! Onde estamos?

Perguntada a Presidenta respondeu – Temos que mudar. Se for para melhor não sei. Mas os diretores e presidentes da UEB tem muita experiência. Já mudaram tudo lá na organização deles. Os relatórios dizem maravilhas do que fizeram. Estão crescendo igual caranguejo de praia suja. Nós precisamos de credibilidade e nada melhor que os Escoteiros. Agora precisamos de um choque de gestão aqui. Quem me aconselhou foi o Presidente Lula. Até o Ex Presidente Fernando Henrique foi a favor. O Aécio foi contra. Pediu para ser deportado para o Cazaquistão como prisioneiro político. O Serra berrou alto que ele é quem deveria assumir. O Vaccari mesmo preso consultou a cúpula do PT se os novos dirigentes dariam alguns trocados a eles. Pobre Vaccari, não sabe onde meteu sua cumbuca! - Claro, sei que haverá uma grita geral disse ela. O Renan com uma inveja lascada por não ter tido esta ideia foi na imprensa e abriu o jogo: Se não tiver alguém meu lá dentro da diretoria a barra vai pesar! Eduardo Cunha, sua excelência, Presidente da Câmara legislativo e o Sarney estão a ver se tem amigos Escoteiros. Dizem que encontram cinco e estão batendo palmas!

Na coluna do José Simão ele escreveu – Buemba! Buemba! Macaco Simão urgente! O esculhambador-geral da Republica! Direto do planeta da piada pronta: Escoteiros vão ganhar a taça do marreco! Vem aí uma nova presidência para a Petrobras. Os Diretores que estão presos serão substituídos pelos Presidentes e diretores das regiões escoteiras! A dúvida é se o Juiz Moro vai montar uma nova operação lava Escoteiro. Sei não. Eles pregam ter uma só palavra e serem honestos. O tempo dirá. Haverá uma grande reunião dos maiores partidos do congresso para analisar se a escoteirada está pronta para assumir tanta responsabilidade. PSDB, Democratas, PT, PSB PTB PSOL e outros, chamaram a CUT e outros sindicatos para opinar. João Pedro Stédile jurou que não iria aceitar. Prometeu colocar trinta mil sem terras na frente da sede nacional em Curitiba.

A repercussão era enorme. Eliane Cantanhede escreveu no Estadão dizendo que era o fim do mundo. Clovis Rossi disse – Danou-se! E Josias de Souza colocou uma tarja preta na sua coluna diária. A folha de São Paulo e o Globo montaram barraca em frente à sede da UEB em Curitiba. O DEN e o CAN se reuniam sem parar em portas fechadas. Ricardo Boechat jornalista da Bandnews e Rede Bandeirantes de Televisão e William Bonner apresentador do Jornal Nacional da Rede Globo, Celso Freitas da Record e Hermano Henning junto a Karym Bravo do SBT davam manchetes de última hora sem parar. Em todas as regiões escoteiras os Diretores e presidentes Escoteiros das Regiões queriam participar. E-mails eram enviados a cada cinco minutos para a sede da UEB. Em Belo Horizonte um distrito montou logo um Ajuri distrital e desfilaram em carro aberto dos bombeiros pela Avenida Afonso Pena. Em Porto Alegre A Região sorriu de orelha a orelha. No Rio de Janeiro só um distrito concordou. Eles tinham histórias escoteiras para contar. Em São Paulo nunca se viu tantos distritais, presidentes, assessor, Diretor Técnico, em fila na porta da região. Ninguém queria perder a “boquinha”.

Em Curitiba um suspense: - Alguém da UEB saiu à porta da sede nacional. Silêncio completo, todos queriam ouvir: – Primeiro ato ele disse – Vamos mudar o uniforme dos funcionários da Petrobras. Será copia fiel da nossa vestimenta escoteira. Serão 3.000 tipos a escolher. Em alto mar, em terra, no pré-sal, nas refinarias, nos escritórios, e um especial para a refinaria de Pasadena no Estados Unidos. Gisele Bündchen será contratada como a nova modelo para apresentar as vestimentas dos petroleiros e das petroleiras. Estamos convocando o novo Presidente da WOSM que irá fazer centenas de pesquisas virtuais sobre petróleo e normas escoteiras. Segundo ato, continuou – Não queremos mais nenhum contato com os federais, com o Ministério Público e com o Juiz Moro e outros que só veem a Petrobras como um antro de ladroagem. Passado para nós não vale agora só o presente. Acreditem: - Nós vamos mudar a Petrobrás e o Brasil! E assim foram anunciando as mudanças. De norte a sul os chefes se dividiam. Em Brasília a escoteirada foi às ruas gritando “Viva Baden-Powell”, o petróleo é nosso! Um pandemônio. Os Grupos Escoteiros fizeram reuniões as pressas. Queriam saber quem era bom entendedor de gasolina e o escambal entre seus associados. Meu Deus!

Acordei gritando e chamando por BP! Celia chegou correndo e me trouxe um copo d’água com açúcar. Melhor veneno mulher. Melhor veneno. Não posso ficar sonhando assim! Não dormi mais. Peguei meu Velho violão e fui cantar a canção da despedida na varanda de minha casa. Depois desta sabia que não iria aguentar outra. Melhor me despedir. A Bandeira nacional eu hasteei em meio pau em frente a minha residência. Fiquei no portão por minutos em posição de sentido e dando Sempre Alerta a todos vizinhos que passavam!

Uma sátira gostosa de um pesadelo que ninguém quer ter. O Petróleo é nosso? Então vamos nadar com a escoteirada no pré-sal! E viva Baden-Powell!



## **Não aprendi a dizer adeus!**

O apelido dele era Bocalarga. Nunca soube o porquê, pois ele não tinha uma boca grande. Quem pôs o apelido nele saiu do grupo e foi embora para o Grotão da Bahia. Era uma espécie de norma ter um apelido. Chamavam-me de Vado ou Valente. Valente eu? Risos. Nunca fui, pois o medo sempre foi meu companheiro por toda a minha vida. Ele sempre chegava à sede sorrindo. Que belo sorriso. Era olhar para ele e a gente se sentia bem e logo estava sorrindo como ele. Um bálsamo para a tropa. Nos fogos de conselho bastava ele olhar para todos e sorrir e logo a tropa estava gargalhando. Ninguém nunca o viu triste. Seu rosto não demonstrava. A gente tinha uma admiração por ele, pois além de amigo fazia questão do oitavo artigo da lei. Bocalarga morava no coração de todos. Um dia ele me contou que seu rosto era assim, mas ele chorava e sofria muito com isto. Não dava para mudar sua expressão.

Lembro que ele um dia me procurou sorrindo. Mas quando falou seus olhos encheram-se de lágrimas. Um paradoxo, ele sorria e os olhos encharcados. - Monitor, ele dizia. Meu pai foi preso. Dizem que ele era assassino, matava por dinheiro. Eu nunca soube disto Monitor. O pai dele foi condenado a dezenove anos de prisão. Bocalarga continuou no grupo. Não havia motivo para afastá-lo. Éramos um grupo de amigos e irmãos. O que aconteciam com os parentes para nós não tinha valor. O lema de um por todos e todos por um para nós era questão de honra. Lembro quando fomos acampar na Pedra do Mosquito. Bocalarga era da patrulha touro e eu da Raposa. Como era uma subida íngreme sempre amarrávamos um cabo em uma corda comprida para segurar quem escorregasse e não caísse no despenhadeiro. Bocalarga não amarrou bem o cabo. Escorregou e caiu de uma altura de mais de quarenta metros. Não foi em queda livre. Foi batendo o corpo nos arbusto até que se estatelou no fundo.

Todos correram para ajudar. A corda serviu para chegar até ele. Ele gemia de dor, mas sua face sorria. Que coisa gente. Que coisa! Fizemos um Balso pelo Seio e ele foi içado. Mais dores ele sentia e sorria. Levado ao hospital teve fratura exposta no joelho e em uma costela. Época que não sabíamos ainda como carregar feridos nestes casos. Eu mesmo o levei nas costas por um quilometro até a Fazenda do seu Damião. Usou muleta por

muitos anos. Sempre sorrindo. Sua mãe era costureira e resolveu ir embora para Monte Azul. Tinha lá uma tia e duas sobrinhas. Na estação esperando o rápido da manhã eu Bocalarga e mais de uma dezena de escoteiros estávamos calados. Não sabíamos o que dizer. Bocalarga sorria. Penso que ele dizia para si – Maldito sorriso. Meu coração sangra e eu fico a sorrir.

O trem chegou e na plataforma fizemos um círculo. Cantamos a Canção da Despedida. Nunca dei um aperto de mão como aquele. Todos chorando e Bocalarga sorrindo. O trem partiu. Ele na janela sorrindo. Vi nos seus olhos as lágrimas caírem. Ficamos parados na plataforma até que o trem sumiu na curva do Boi Marinho. Voltamos tristes para casa. É muito difícil dizer adeus a quem está sorrindo, mas que sabemos estar chorando. Oito anos depois o vi em Caratinga. Falamos por pouco tempo. Ele estava com alguns cavaleiros e pensei que trabalhava em alguma fazenda próxima. Ele balançou a mão dizendo adeus, eu fiz o mesmo. O sorriso estava lá. Nunca mais o vi, mas guardei dentro de mim o seu sorriso de fel. Um sorriso que não era dele. Ninguém nunca soube que ele chorava ninguém. É, é mesmo difícil dizer adeus a quem está sorrindo por fora e sofrendo por dentro.

**Se choras porque não consegues ver o sol, as tuas lágrimas impedir-te-ão de ver as estrelas. Durmam com Deus!**

Ele acenou com a mão dizendo adeus com os olhos marejados de lágrimas. Eu fiz o mesmo. O sorriso continuava firme em seu rosto. Nunca mais o vi, mas guardei dentro de mim o seu sorriso de fel. Um sorriso que não era dele. Ninguém nunca soube que ele chorava ninguém. É, é mesmo difícil dizer adeus a quem está sorrindo por fora e sofrendo por dentro.

## ***Crônicas de um Velho Chefe Escoteiro. Meu reino por um tãco!***

Nick Drops Takoman não tinha muita simpatia por minha pessoa. Juro que ria dele não pela sua figura, mas pela sua mania e ambição de poder e subir “na vida Escoteira” como ele mesmo dizia. Bem eu sou assim mesmo. Vivido e calejado no escotismo. Dizem que minha língua não tem tamanho. Pode ser mesmo. Eu sempre brincava com ele comentando aquela célebre frase dita no conto de Willian Shakespeare na sua peça Ricardo III, Ao perder seu cavalo em plena luta e desesperado, Ricardo III exclama a frase que ficou na história – “Meu reino por um cavalo”. Para ele eu falava baixinho: “Meu reino

por um taco”! Nick Drops fechava a cara e sai bufando. Confesso que me sentia culpado, mas estava cansado de tais tipos que sonham em ser grandes chefes, ter poder, quem sabe ser mais um dos famosos da UEB. Jeremias Toca Fogo Chefe do Grupo “Moro no Mato” um dia me contou que ele mandou fazer vinte tacos na marcenaria do Avelar Ponto Morto. Garantiu-me que ele quase todas as noites vestia o seu uniforme, e colocava o colar onde todas as contas se espremiavam para caber em um colar que ele mesmo trançou. Já pensou Vinte delas? Para mim era demais e até não acreditei em Jeremias Toca Fogo.

Mas no seu Grupo Escoteiro ninguém gostava dele. Era mandão, se achava o tal e nas últimas eleições chegou a ir de casa em casa dos pais dos Escoteiros pedindo voto. Ele queria ser eleito o Diretor Técnico do Grupo. Muitos dos chefes juraram que se isto acontecesse eles sairiam na hora. O pior de tudo é que Nick Drops era um desleixado na sua apresentação. Quando a UEB apresentou a vestimenta ele correu a comprar várias. Tinha a calça curta, a comprida, tinha a camisa de manga comprida, manga curta, e adorava sair de chininho com a camisa para fora da calça pensando que estava abafando. Um dia viu um figurão Escoteiro com um chapéu texano e comprou logo quatro. Nick Drops adorava um figurão Escoteiro. Fazia todos os cursos que apareciam, gastava horrores para estar presente em todas as assembleias nacionais e regionais. Não perdia um Jamboree e em todos estes lugares lá estava ele com aquele sorriso próprio que só os puxa sacos tem, junto aos figurões presentes. O que ele não entendia é porque não havia ainda recebido sua comenda da Insígnia de Madeira. Afinal tinha feito todos os cursos e ninguém sabia explicar o porquê. Diziam que seu intelecto não era lá estas coisas.

Nick Drops tinha esposa e filho. Em sua casa era um tirano. Sua esposa submissa e seu filho tinham enorme medo dele. Trabalhava como vendedor nas Lojas Catamarreco, uma das maiores da cidade de Vento Parado. Os chefes que tentavam se aproximar sempre diziam a ele: - Nick Drops seu estilo em dirigir sua família é errado. Você como Escoteiro os trata como se eles fossem seus empregados. Você só sabe mandar. – Nick Drops olhava de lado não dizia nada, mas no fundo mandava o Chefe ir para as conchichinas. Vendo que em seu estado natal não conseguia sua Insígnia e que mesmo chefes de outros estados não tinham interesse em ajudá-lo, tomou uma resolução. Tomou emprestado no Banco Me Paga que eu Gosto a juros estratosféricos uma enorme quantia. Se o Brasil não resolve, a Inglaterra resolve pensou! Na terra de BP quem tem um olho é rei! Só falou no grupo que iria faltar alguns dias, mas logo estaria de volta. Nick Drops ria de orelha a orelha. Londres! Aqui vou eu, dizia e partiu em uma manhã em um Avião da Aerolinas Me Segura que eu Caio. Ninguém sabia seu destino. Muitos diziam que ele foi a serviço da à empresa, mas foi para onde?

Ele achava que em Londres, mais precisamente em Gilwell Park ele iria fazer um curso rápido e receberia sua tão sonhada Insígnia. Na viagem da classe econômica ele andava prá lá e prá cá se exibindo. Estava com sua

vestimenta número quatro, conforme ele mesmo havia numerado. Os passageiros não sabiam que uniforme era aquele e outros riam dele, afinal estes tipos foram feitos para a gente rir. No aeroporto de Heathrow começou seu suplício. Não entendia nada de inglês. Achou um carregador de malas que se dizia boy scout e o levou até um taxi. Ainda bem que não foi assaltado. Os ingleses gostam de rir dos caipiras, mas são honestos. Nisto eu tiro o chapéu para eles. O taxi parou em frente ao campo de Giwell. Ele sorrindo com a mochila nas costas cantava: - ¶ Eu era um bom touro um bom touro de lei, não estou mais toureando o que fazer não sei! Risos. O diabo é que ele nunca foi um touro!

Viu a entrada. Adorou o pórtico que já vira em fotos no Google. Viu o edifício atrás. Logo estava no hall de entrada. Um jovem sério, com um sorriso de cavalheiro inglês deu as boas vindas em inglês. Nick Drops não entendia nada. Tentava explicar na sua maneira de mandão que tinha vindo fazer um curso da Insígnia de Madeira. Preciso da Insígnia de Madeira! – Ele gritou! - Pago qualquer preço! E jogou várias notas de libras esterlinas na mesa. O Mané gritava a mais não poder. Daqui não saio daqui ninguém me tira! - Enquanto não me deram o lenço de Gilwell fico aqui. Sou vou embora com ela no pescoço! O que fazer? O jovem Escoteiro cavalheiro inglês que não entendia bulhufas de português tentou de tudo. Chamou seu Chefe Mister Jonny Pulla Pulga. Nada. Com muito custo conseguiram através de um guia de viagem de Belo Horizonte que passava por lá traduzir o que o Chefe Idiota e puxa saco queria. – Explicou, mas as inscrições não são assim. Tem que ter o chamegão da UEB. Sem ela – necas! O Chefe de BH ria a valer. Ele também era um Escoteiro e conhecia bem tais tipos. Pediu humildemente que ele passasse uma noite lá, só para observar e contar para seus amigos no Brasil. Nick Drops dormiu no mato sem barraca, sem cobertura em um frio de rachar!

Voltou ao Brasil no outro dia. Procurou o Formador Chefe na sua cidade. – Contou mentiras e mentiras. O formador não disse nada, conhecia o puxa-saquismo do Chefe. – Vou ver, vou ver o que posso fazer disse ele. Em casa sua esposa orgulhosa, seus filhos imaginando o pai cheio de tacos. Era um sonho que passou para toda a família. Ele naquela noite sonhou que estava recebendo sua Insígnia. Veio BP e colocou nele o colar de contas zulu, tinha dez tacos! E olhe que BP tinha cinco porque era o Escoteiro Chefe do Mundo. Veio a Rainha da Inglaterra e colocou outro colar com mais trinta tacos. Veio O Barack Obama e mais oitenta tacos. Ele não conseguia ficar de pé. Era taco que não acaba mais! Por fim a Dilma com seu sorriso de quem adora um panelaço mandou trazer um avião dela cheio de taco. Ele tremeu com o peso. Caiu e foi enterrado por tacos e tacos junto a Baden-Powell na sua morada no Quênia. Acordou suando e chorando. Pediu perdão a Tikititas sua esposa, pediu perdão ao seu filho Talpaitalfilho e prometeu mudar.

Olhe, eu mesmo não acreditei quando soube. Mas Nick Drops mudou. Virou um grande Chefe e amado por muitos que o odiavam. Esqueceu os tacos, esqueceu a IM e agora se dedicava somente aos seus jovens e refazer

os amigos que perdeu. Um dia um distrital foi lá na sede e entregou a ele a Insígnia de Madeira. Ele sorriu agradecido, mas agora diferente. Um sorriso de quem sabe que tem de dar mais aos jovens, pois se ele era um Bom Lobo e um Bom Lobo de lei tinha que mostrar que o escotismo tem tudo para nos fazer feliz e nos ensinar qual o melhor caminho a seguir!

Uma paródia de um Chefe que sonhava com tacos. Ele não podia ver um que seus olhos ficavam vidrados. Sua mania de grandeza era demais. Divirtam-se, mas lembrem-se, Sempre há males na vida que vem para o bem!

## **Conversa do pé do fogo. Um cafezinho, por favor!**

Final da década de cinquenta. Dezenove anos. Desempregado. Precisava trabalhar. Consegui um emprego. Não sabia onde estava me metendo. Queria trabalhar e outros queriam me matar. Isto mesmo. Apontador de horas na Techint. Uma empresa de Engenharia e Construção. Renovando e asfaltando a Rio Bahia. Um mês de trabalho. Ninguém me avisou nada. Horas pagas erroneamente o apontador era o culpado. Serviço do Pessoal inocente. Antes de mim dois foram para o hospital e quatro sumiram para nunca mais voltar. Todos me olhavam de esquelha. Escoteiro que era achei que me achavam interessante. Putz! Sai pagamento. Eu recebi o meu. Você podia pegar tudo e por no bolso. Não havia roubos. O acampamento nosso era próximo a Alpercatas. O dia amanheceu e eu de pé para iniciar o trabalho. Uns oito ali na porta do alojamento me esperando – Mocinho! Tá faltando dinheiro! – No meu também! Um por um foram reclamando. O Encarregado me falou baixinho – Corra o mais que puder e se esconda. Se não conseguir é um homem morto. Era bom nisto. Não me pegaram. Corri até Alpercata e lá peguei carona para minha cidade. Juntei-me aos quatro que nunca mais voltaram para juntar sua tralha nem para dar baixa na carteira profissional. Risos.

Seis meses depois viajava de trem para Dom Silvério interior de Minas. Época que a Estrada de Ferro Leopoldina cortava quase todo o Brasil. Agora era promotor de vendas. Melhor, um reles vendedor de livros. Uma serra ligava uma cidade à outra. Em linha reta se fazia a pé em uma hora e meia, mas de trem era três horas. Paramos em uma estação. Não ia descer. Na janela uma morena de olhos verdes e cabelos negros ondulantes me ofereceu cafezinho em um copo de vidro. – Só um real moço! Caramba, era linda demais. Precisava

ver de corpo inteiro. Desci do trem. Era mestre para subir com ele andando. Ela sorriu para mim. Que corpinho lindo! Quinze? Dezesesseis? Por aí. – tomei um café, depois outro, brincando disse – Te dou cinco reais por um beijo! – Ela fez beicinho. O trem ia saindo. Dei um breve beijinho no rosto dela e sai correndo. Peguei o trem e pensei que seria o beijo mais lindo que tinha dado. Fui sonhando até a próxima estação.

O trem apitou. Encostou-se à plataforma. A garotada gritando – Goiaba, banana manga! Pão com Carne, Pastelzinho, churrasco! Olhei pela janela e lá estava ela de novo. Como? Ela voava? – Cafezinho moço? Ou um beijinho? – Surgiu na janela um garoto forte, alto com uma garrucha na mão. – Beije aqui moço! É de graça! – Nossa Senhora! O que é isto? O trem foi saindo de mansinho. Um tiro ecoou e bateu no vidro da janela do outro lado. Um túnel e uma descida. Mãe de Deus! Salvei-me desta. Um velho ao meu lado explicou que era só atravessar uma garganta, menos de cinco minutos e passava de uma estação a outra. De trem um volta enorme. Aprendi. Nunca mais comprei um beijinho viajando. O pior é que nunca fiz isto! Foi a primeira e única vez em minha vida. Única? Risos. Não sei não...

## **Lendas escoteiras.**

### **Rosas brancas e perfumadas para Dona Noêmia.**

Ela morava bem no final da minha rua. Sua casa tinha fundos para o Rio Mimoso. Lembro que no final da cerca havia um belo pesqueiro. Mas ninguém tinha coragem para pescar ali. No quintal havia pés de manga, goiaba e chumaços de pés de cana Caiana. Na frente de sua casa centenas de rosas brancas. Só rosas brancas. Porque não outras cores ninguém sabia. Enfrentar o olhar de Dona Noêmia? Nunca. Um medo danado. Não era só eu e sim a cidade inteira. Morava sozinha, acho que tinha mais de setenta anos, não sei. Diziam que era viúva, mas ninguém conheceu seu marido. No Grupo Escolar Mascarenhas de Moraes ela era a diretora. Ali ninguém dava um pio. Respeito é bom e eu gosto ela dizia. Todos entravam em silêncio e saiam calados. Onde ela passava se fazia silêncio. Alguns adultos diziam – Boa tarde Dona Noêmia. Ela olhava e seus olhos pareciam sair chamas de fogo.

A escoteirada passava longe. Os lobos endiabrados ouviam sempre da Akelá Maísa – Querem que chame Dona Noêmia? Era uma maneira de

assustar a lobada indisciplinada. Quem fala muito paga pecado, assim dizia minha mãe. Chefe Onofre naquele sábado disse que infelizmente ia mudar de cidade. Estava tentando achar alguém para ficar no seu lugar. A tropa ficou chorosa. Todos gostavam dele. A semana inteira o comentário correu em todas as patrulhas. Fazia-se reunião na Touro, nos Morcegos, na Águia e durante o dia na loja do Martinho. Seu filho da Raposa trabalhava com ele. – Quem seria o novo Chefe? Será o Nonato pipoqueiro? O Sacristão Isaias? Ou o Professor Clementino? Ninguém sequer imaginava. O jeito era esperar o sábado.

Interessante, uma hora antes todos estavam na sede. Nem nos cantos de Patrulha foram. Estavam a espreita na porta da sede, no portão e vi dois apinhados em um abacateiro enorme olhando a rua da sede. Chefe Onofre chegou sozinho dez minutos antes do horário. Chamou para a bandeira. Ninguém com ele. Um frenesi corria de um para o outro. Depois do cerimonial fizemos um jogo estupendo. E assim a rotina da reunião continuou. Até esquecemo-nos do Chefe novo. Quem sabe ele desistiu e vai ficar conosco? A surpresa veio no arreamento. – Chefe Onofre assumiu uma pose de “pobre coitado” e apresentou o novo chefe. Ou melhor, a nova Chefe. Dona Noêmia! Incrível! Ninguém estava acreditando. Ela chegou séria com seu cabelo branco amarrado em um coque, um chalé em cima de uma blusa de manga comprida marrom, uma saia azul simples abaixo do joelho e um sapato aberto em cima de uma meia fina que parecia tirada do fundo do baú. Nunca em minha vida olhei para Dona Noêmia. Aquele foi à primeira vez. Um medo danado. Era magra. Magra mesmo. Um palito em pé. Alta pelo seu porte. Nariz afilado pontiagudo, uma boca pequena e entre o nariz e a boca um bigode ralo.

A cidade em peso não acreditou. Ninguém acreditava. Ela só disse oi e que nos veríamos na próxima reunião. Bragg! Que medo. Achei que ninguém ia aparecer na reunião. Até “sapo de fora” estava lá para ver. Ela chegou. Deus do céu! De uniforme caqui calça curta acima das canelas secas, sem o lenço e um chapéu que parecia ser maior que sua cabeça. Dirigiu o cerimonial com perfeição. Depois foi até ao meio da ferradura, fez a saudação, disse a Promessa colocou o lenço e virou para tropa dizendo – Confiam em mim como eu irei confiar em vocês. Foi o início. Chamou os Monitores. Falou com eles por cinco minutos. Vou dizer uma verdade foi a melhor reunião de tropa Escoteira que já participei. Onde ela aprendeu? Era Escoteira? Onde? As mulheres não só eram autorizadas na Alcatéia? Um mistério.

Dois anos com a Chefe Dona Noêmia. Ninguém tirava o dona. Um medo danado. Mas aos poucos fomos aprendendo a admirá-la, a gostar dela. Uma noite em um Fogo de Conselho ela nos contou uma bela história. De uma menina perdida cuja mãe morrera e ela não tinha ninguém. Sua luta, sua vontade em acertar, criou em redor de si uma aureola de rigidez, para que ninguém pudesse aproveitar dela. Uma história linda e triste. Só mais tarde é que a história se explicou para mim, era a história dela. A tropa passou a amar a Chefe Dona Noêmia. Todos tinham a maior admiração. Antes poucos sorrisos agora em profusão. A cidade não entendeu nada. Ainda no Grupo Escolar e

entre seus alunos hoje crescidos o medo existia. Na tropa adorada pelos escoteiros.

Dois anos e quatros meses de felicidade na tropa Escoteira. Cheguei a tirar minha Primeira Classe. Pensava triste quando fosse passar para os seniores. Não queria. Mas sabia que não podia continuar com quinze anos. Um sábado a Chefe Dona Noêmia não apareceu. Preocupação geral. Nunca faltou. Toda a tropa resolveu ir ver o que houve. Fomos juntos a sua casa. Vinte e oito meninos Escoteiros singrando a Rua Dom Pepino. Medo de bater na porta. Mas eu fui. A porta estava encostada. Tremendo abri. Chefe Dona Noêmia caída no chão. Ainda respirava. Pedimos ajuda. Levada ao hospital foi constatado ataque cardíaco. Ficou entre a vida e a morte dois meses. Na tropa não sabíamos o que fazer. A Corte de Honra se declarou em sessão todos os sábados. Numa quinta Chefe Dona Noêmia se foi.

O escotismo para mim nunca mais foi o mesmo. Mesmo nos seniores uma saudade “danada” de Chefe Dona Noêmia. Ainda lembro até hoje o mutirão que fizemos a procura de rosas brancas em toda a cidade para suas exéquias. Nunca vi tantas em seu tumulo. Todos os escoteiros acharam que eram suas preferidas. Até hoje uma vez por mês ainda vou lá. Em frente ao seu tumulo coloco um buquê de rosas brancas. Em minha mente vem à frase do poeta: - “O que sinto por você é tão delicado como pétala de rosa branca desabrochando ao luar”. Dou um sorriso. Na minha mente faço uma oração. A única que aprendi e que me disseram ser Escoteira.

"Senhor, ensina-me a ser generoso, a servir-te como mereces, a combater sem temor das feridas, a dar sem contar, a trabalhar sem descanso. A sacrificar-me sem esperar. Outra recompensa, que há de saber que faço a tua santa vontade”.

Ela nunca seria escolhida para ser nossa Chefe. O destino mudou tudo e lá estava ela elegantemente vestida à Escoteira. Para muitos até aquele sábado o escotismo era um e depois dele se transformou em outro. Rosas Brancas e perfumadas para Dona Noêmia me traz belas recordações.

## ***Conversa ao pé do fogo. A última Estação de trem.***

Tempos são passados. As lembranças não. Tempos bons que não voltam mais. Época de jornadas, acampamentos a “escoteira”, era bom, bom



demais. Nunca esqueci nenhum. Andava por aí sozinho pelos campos acompanhado pelo Senhor. Era um apaixonado por ficar só. Quem sabe egoísta? Só eu sentindo o vento no rosto, descansar a sombra de uma pitangueira, nadar em um remanso frio de um riacho? Francamente não me achava um egoísta. Afinal quantas centenas de lindos acampamentos eu fiz com amigos de todas as idades? Quantas excursões? Quantas atividades aventureiras? Eu sabia que todas elas tinham um lugarzinho em minha memória. Eu sempre tive problemas e todos eles eu resolvia assim. Uma mochila, um bernal, uma forquilha, ração escoteira, uma rota e pé na estrada. Adorava. Muitas vezes sem barracas. Montar uma cabana, um banquinho, um fogo estrela, um local privilegiado onde a vista pudesse deslumbrar o inatingível. Quantas vezes? Muitas. Paradas longínquas, picos saudosos, vales queridos, uma jangada balançando nas águas caudalosas de um rio desconhecido.

Quantos acampamentos a “Escoteira”? Vários que eu nunca esqueci. Uma ficou marcado para sempre. Não dá para esquecer. Faz tempo, muito tempo. Tempo da Maria Fumaça, do trem esbravejando seu cantar ao lado de um rio, o sorriso do maquinista a puxar o seu apito, a menina bonita na beira da linha acenando. É bom correr por aí, bandeiras ao vento e acampar. Diziam ser uma floresta virgem onde poucos entraram. Meu habitat. Um trem chispando, uma trilha, e a floresta linda a me convidar. Três dias. Animais amigos, pássaros floridos e cantantes aos milhares, corujas buraqueiras espantadas com meu cantar noturno a beira de um pequeno fogo naquela clareira perdida por aí. Os ruídos da noite a estalar na audição de um Velho mateiro. Vida sublime. Sonhos refeitos, alegre e satisfeito hora de voltar. Um retorno simplório, um banho em um riacho que jorrava cascatas com suas águas nas pedras brancas que criava espumas gostosas para afundar e levantar sentindo o sabor de águas que nunca foram tocadas.

Nada que é bom dura para sempre. Deixar tudo para trás e partir para o retorno da vida que me esperava. Dizem que o retorno sempre é tristonho. Uma pequena estação. Ali não era uma cidade, quem sabe um arraial. Meia dúzia de casas. Só o trem expresso não para. O noturno encostava na plataforma soltando a fumaça gostosa, na chaminé de uma Baldwin que nunca se cansava. Cheguei cedo. Gostava de ver o andar do Chefe da Estação. Educado. - Boa tarde! E tirava o quepe fazendo uma mesura como a me saudar sem me conhecer. Ao lado uma mesa com a parafernália eletromagnética que Morse um dia inventou. As mensagens enviadas pelo telegrafista percorriam como correio eletrônico os milhares de quilômetros daquela ferrovia sem fim. Diziam eu não sei que as mensagens davam a volta até ao fim do mundo! Eu podia ouvir os sinais curtos e longos, um “tatatá” gostoso, um chiado alegre, ah! Boas lembranças quando fui Sinaleiro. Ali sentado no banco da estação, calmamente eu esperava o trem noturno que ia me levar de volta ao meu habitat. Não tinha pressa. Nunca tive. Aquele matraquear, a chegada de passageiros, um trem de carga a passar solene com o Chefe de trem dizendo adeus. Tudo corria a minha frente mais rápido que um raio no céu. A vista

sentia lá ao longe o rio caudaloso que sorria com a estrada Escoteira esperando um trem qualquer passar.

A plataforma continuava vazia. O trem que subia o rio chegou mansamente. Não era o meu. Eu iria descer o rio. O Chefe da Estação com seu arco dava suas instruções ao maquinista que treinado não teve dúvidas para enlaçar. O barulho quieto da fornalha soltando fumaça quente no ar. Eu adorava aquilo. Ali sentado, me sentia hipnotizado com a beleza de uma trem de ferro que dentro em breve iria sumir nas esquinas da estrada sem fim. Foi então que avistei um casal. Jovens. Parados em frente à entrada do vagão de primeira classe. Um olhando para o outro. Não diziam nada. Ela só tinha olhos para ele. Encharcados de lágrimas de amor. Ele tristonho também não tirava os olhos dela. – Eu volto para te buscar falou tristonho. Ela chorava baixinho. – Nunca vou te esquecer meu amor. O último apito, um beijo simples, um roçar de lábios sedentos que não queriam se separar.

O trem deslizando sobre os trilhos se despedia da estação sorrindo, pois sabia que um amanhã qualquer ia voltar. Um último adeus. Ele correu e subiu nos degraus de seu vagão. Ficou ali de mãos estendidas como a dizer um adeus para sempre. Ela sabia disto. Sabia que ele não iria voltar. Em pé olhava com um tremor no corpo, as mãos tremendo querendo dizer: - Leve o meu sonho com você! Ela tristonha não tirava a vista do trem que partia apitando e sumindo da vista na curva do rio para quem sabe nunca mais voltar. Um silêncio tomou conta da plataforma. Eu só ouvia o tic tac do telegrafo e os soluços da bela moça que havia perdido seu amor. Eu nada dizia. Não tinha nada para dizer. Ela estática não saía do lugar. Perdida em uma estação de trem o mundo dela desmoronava. O meu chorava com ela. Ela se virou e me viu. Seus olhos estavam marejados de lágrimas. Eu de calças curtas com meu chapelão fiquei em pé. Queria me solidarizar. Não sabia como fazer. Ela deu um pequeno sorriso levantando o braço dizendo baixinho “Sempre Alerta”. Respondi do mesmo modo em posição de sentido tirando o meu chapéu. Lentamente ela se foi para seu destino.

De novo a estação vazia. O sol já tinha ido para dar lugar à lua rechonchuda que se escondia no outro lado montanha. Não havia vento, nem uma leve brisa para trazer alguma notícia do meu trem. Sentei novamente e deixei minha mente vagar por este mundo de Deus. O Chefe do Trem se aproximou. – Um atraso de quatro horas. O Trem que subia desencarrilhou. Muitos feridos outros mortos. O Trem que iria descer não tinha como passar. Não disse nada. Não tinha pressa. Minha mente corria sobre os trilhos a procurar o trem perdido que se foi. - Será que ele sobreviveu? Sem resposta. E ela? Como avisar que seu amor poderia ter ido para uma morada qualquer nas estrelas? – Não tinha como dizer. Ela já tinha ido para sua casa sonhando com seu amor e sabendo que ele nunca mais iria voltar. Quem sabe seria melhor assim. Dormitei no banco da estação. A noite viajava procurando o dia. Na plataforma escura deu para ver trovões no céu. A chuva chegou de mansinho. Eu gosto do som da chuva. Ela me trás lembranças e uma paz que revigora. Ao

longe um apito do trem. Era o meu que chegava. Como um pássaro gigante sobre trilhos adentrou na estação perdida de um trecho qualquer daquela saudosa estrada de ferro.

Um retorno sem consequências. Na minha morada meu amor dormia. Entrei de mansinho. Fui olhar meus filhos que adormecidos sonhavam com anjos do céu. Abracei minha amada de muitas vidas e deitei ao seu lado. Ela sorriu. Pensei no amor da outra que tinha ido e nunca mais ia voltar. Sina marcada. Destino escrito no livro da vida. Nada do que se tem a gente pode manter por toda a vida. Sonhos que não foram vividos. Estrelas piscantes que se mantêm no universo através dos tempos. Esperanças que nunca se acabam. Ainda deitado ao lado da minha amada, com as mãos entrelaçadas no peito eu chorava baixinho. Mais um dia que se foi. A dor da saudade de alguém que achou que teria e nunca teve ninguém.

Sua partida foi um destino escrito no livro da vida. Nada do que se tem a gente pode manter para sempre. Foram sonhos que não foram vividos. Estrelas piscantes no céu. Esperanças que nunca se acabam. Ainda deitado ao lado da minha amada, com as mãos entrelaçadas no peito eu chorava baixinho. Mais um dia que se foi. A dor da saudade de alguém que achou que teria e nunca teve ninguém.

## **Lendas Escoteiras.**

### **As sombras de um destino.**

Chico Preto morava em baixo do Viaduto Monterrey. Alguém perguntou para ele se ele sabia o que era Monterrey. Chico Preto não sabia. Achou que podia ser um famoso brasileiro do qual nunca ouviu falar. Tamanduá seu amigo sorrindo lhe disse: Chico, Monterrey era a capital de um país chamado México! – Não era, mas Chico Preto deu de ombros e sorriu para seu amigo. Com 32 anos nas costas Chico era um ingênuo. Não lembrava porque morava ali, muitos o chamavam de sem teto, mas ora bolas, ele tinha um teto, o viaduto era sua casa seu lar. Ganhou de uma moça da prefeitura uma carrocinha. Era seu pedaço de chão. Rodava bairros, ruas e todos lhe davam um pouco do seu lixo especial. Chico Preto sorria, ajoelhava e dizia: Dona, que Deus more sempre em seu coração. Chico Preto tinha um sonho, ele sorria e sonhava mesmo sabendo que nunca iria se realizar. Ele queria ser Chefe Escoteiro, ser como o Doutor Jonny no seu uniforme novinho, fazendo a meninada correr prá todo lado. Todo sábado Chico Preto com sua carroça ia correndo até o Colégio

Santo Ângelo. Bom demais. Ficava lá, olhando, sorrindo e pensando que um dia poderia ser um deles.

Ralph Nelson era Escoteiro. Um escoteirinho de nada. Pequeno magro, mas que belo sorriso ele tinha. Seus amigos e conhecidos o admiravam pelo sorriso. Sua mãe sempre lhe dizia que não existe problema que não possa ser solucionado pela paciência. Cada dia que amanhece assemelha-se a uma página em branco, na qual gravamos os nossos pensamentos, ações e atitudes. Na essência, cada dia é a preparação de nosso próprio amanhã. Ralph acreditava demais em sua mãe. Não eram ricos, mas remediados. Conseguiu uma bolsa no Colégio Santo Ângelo pelo seu enorme saber. Ser lobinho foi um pulo. Todos o adoravam pela sua ingenuidade, pela facilidade em fazer amigos e pelo seu belo sorriso. Ele dizia sempre para si que devia sempre deixar um pouco de alegria por onde passasse. Na Patrulha Esquilo, era bombeiro lenhador. Adorava acampar. Não perdia uma reunião e era o primeiro a chegar e o último a sair. As palavras de sua mãe não lhe saiam da mente: - Meu filho a caridade é um exercício espiritual... Quem pratica o bem, coloca em movimento as forças da alma. Um dia Ralph notou um homem pobre, negro, aboletado no muro do Colégio a olhar para eles e sorrir, Ralph pensou: - Que belo sorriso!

Chefe Lontra, ou melhor, Doutor Jonny era aristocrático. Sempre foi Escoteiro, mas mantinha seu porte altivo sabedor de sua importância. Conversava, mas sem se expor demais. De família rica e importante na cidade aprendeu desde pequeno a não se misturar com a plebe, e nunca foi um homem bom com os simples, os pobres e os remediados. Aprendeu que em um dia de crise, não devia se perturbar seguir em frente, e se possível servir e orar esperando que suceda o melhor. Havia mais nesta frase que dizia: Queixas, gritos e mágoas são golpes em ti mesmo. Silência e abençoa, a verdade tem voz. Mas ele só dizia a primeira parte. Achava que como Chefe era um bom cristão. Formou-se em Medicina e como bom clínico tinha fama entre os abastados. Nunca deu uma consulta de graça e os que o procuram pagavam com alegria seus conselhos. Tinha bons contatos com a alta cúpula Escoteira. Fora convidado muitas vezes para interagir com eles ou mesmo ser um deles. A falta de tempo o impedia. Já tinha conquistado a Insígnia e se achava satisfeito com sua tarefa atual.

Dizem os historiadores que a tragédia nunca foi bem explicada. Ralph o Escoteiro feliz fez amizade com Chico Preto, se tornaram bons amigos. Ensinou a ele as Leis Escoteiras e Chico decorou. Ensinou sinais de pista, nós e orientação. Disse que um dia iria tomar a sua promessa. Chico Preto se sentia o homem mais feliz do mundo ali na companhia daquele escoteirinho a quem passou a amar como um amigo fiel que nunca teve. Pensou para si mesmo que era hora de largar qualquer sombra do passado no chão do tempo, qual a árvore que lança de si as folhas mortas. Iria ser outro. Iria estudar, ser alguém e com a ajuda de Ralph seria um Chefe Escoteiro. Afinal aquela frase não o abençoava? – Infelizmente a felicidade dura pouco e cada um tem de viver seu

destino. Completando seu pensamento que Deus permita a todos serem como quiserem, e a mim como devo ser.

Chefe Lontra no seu Mustang vermelho estava indo para ver sua noiva Isadora. Ele não sabia se amava aquela mulher. Mas ela lhe fazia bem e lhe dava paz e alegria. A sabedoria superior tolera, a inferior julga; a superior perdoa, a inferior condena. Tem coisas que o coração só fala para quem sabe escutar! Ele não acreditava no que via na Rua do Perdão. – Sentado na calçada Ralph e aquele pobretão! Como o chamavam mesmo? Chico Preto um sem teto sem eira e nem beira. Isto não podia acontecer. Um rancor enorme em seu coração. Um Escoteiro puro com alma de criança sendo seduzido por um negro bandido e sujo! Ele nem se lembrou das lindas palavras que um dia ouviu: - Perdoa agora, hoje e amanhã, incondicionalmente. Recorda que todas as criaturas trazem consigo as imperfeições e fraquezas que lhe são peculiares, tanto quanto, ainda desajustados, trazemos também as nossas. Não ia interferir. Não ia sujar suas mãos naquele negro imundo. Ligou para Belzebu. Ele lhe devia favores e sabia com fazer.

Que eu não perca a vontade de doar este enorme amor que existe em meu coração, mesmo sabendo que muitas vezes ele será submetido a provas e até rejeitado. Chico Preto sorria pensando que amar a todos era o mais sublime dos artigos Escoteiros. Sonhava em fazer uma promessa. Iria prometer mesmo com uma vontade enorme de doar seu coração a toda à fraternidade Escoteira. Ele aprendeu que ninguém quer saber o que fomos o que possuíamos que cargo ocupávamos no mundo; o que conta é a luz que cada um já tenha conseguido fazer brilhar em si mesmo. Foram cinco estampidos. Todos atingiram seu alvo. O coração de Chico Preto. Ele sorrindo caiu no asfalto ensanguentado. Ele sabia que tinha morrido. O que viu não o assustou. O céu azul, nuvens lindas indo em sua direção. A canção da Despedida que Ralph um dia ensinou a ele era cantada maravilhosamente por muitos meninos e meninas Escoteiras. Alguém de Barbas Brancas lhe deu a mão e subiram aos céus para o reino de Jesus.

A história conta que Ralph nunca mais sorriu. Só voltou a sorrir no dia que foi encontrar Chico Preto em uma estrela cadente no céu. Doutor Jonny dizem morreu de desgosto. Não pela morte de Chico Preto, mas pela tristeza de Ralph. Viu seu escoteirinho definhando até que um dia partiu deste mundo e pela primeira vez sua mãe, seus amigos de patrulha e todos do Grupo Escoteiro o viram sorrir. Nada como terminar dizendo: - Gostaria de dizer para você que viva como quem sabe que vai morrer um dia, e que morra como quem soube viver direito. A caridade é um exercício espiritual... Quem pratica o bem, coloca em movimento as forças da alma.

Nota – Muitas das frases aqui citadas foram escritas por Chico Xavier.

## **Sonhos de um Velho Escoteiro. O sementeiro de felicidade.**

Eu gostaria de ser um mágico. Um mágico de ilusões reais. Onde minhas mãos tocassem tudo se transformaria. Poder tocar em você e fazer seu sonho transformar em realidade. Não seriam ilusões de riquezas e poder. Seriam ilusões onde a vida se transforma na natureza levando um frescor da primavera as mentes mais saudosas do desejo de mudar. Flutuar sobre as ondas do mar até onde a vista possa alcançar só para sentir o barulho das ondas sem embarcação no meio do oceano. Eu gostaria mesmo de semear a felicidade por onde eu passasse. Fizesse sorrir aqueles olhos tristes de alguém que se foi e o trouxesse de volta. Semear um novo sorriso a quem acha que o mundo não merece um doce sorriso ao amanhecer e ao entardecer.

Eu gostaria de ser um mágico. Com uma varinha de condão trazer o colorido do arco íris a criança que sonha em ir até ele. Dar a ele o pote de ouro que ele acreditou que teria lá. Levar um lago azul com montanhas brancas e geladas aos sonhadores do mundo. Mostrar que cada um de nós consegue conduzir um rumo a esta felicidade não alcançada se tivermos fé. Fé que remove montanhas. Ah! Como eu gostaria de ser um sementeiro de felicidades. Semear a brisa do outono para trazer de volta o perfume das flores que se esqueceram de florir. Semear em uma estrada belas canções que pudesse levar a todos a alegria de cantar nesta jornada da vida que estamos a passar. Levar um sorriso de uma criança a todas as criaturas que se esqueceram de sorrir. Fazer aquele que chora esquecer sua tristeza. Eu faria isto e muitos mais se fosse um sementeiro de ilusões reais.

Eu gostaria mesmo de ser um mágico. Para dizer que valores são preciosos quando conquistamos com um sorriso. Quando um aperto de mão verdadeiro tem valores que poucos podem medir. Eu queria com minha varinha mágica criar uma bela montanha verdejante no topo do mundo e colocar lá toda a humanidade dando as mãos num gesto de fraternidade. Eu gostaria com sementeiro de felicidade, fazer as árvores sorriem quando uma Tropa arvorou sua bandeira. Com um simples gesto deixar que aqueles jovens Escoteiros pudessem ver como a natureza é linda, como é fácil com um simples toque da imaginação alcançar um mundo colorido que todos nós sonhamos. Que a noite as estrelas piscassem seus brilhos em cores faiscantes para iluminar a trilha e o caminho de cada um no seu amanhã que vai nascer.

Um semeador de ilusões reais com um simples toque de mão. Tentar mudar as dores do mundo para os que acreditam que elas podem acabar. Com minhas mãos criar um banco dourado para que os sofredores pudessem sentar em frente a um lago azul esperando um nascer do sol... E com um simples aceno de mão, fazer tudo mudar. Gravar em um som inimaginável um bando de andorinhas voando pelo sol vermelho do horizonte que semeiam lindas canções de amor. Mãos mágicas que eu não tenho. Semear felicidade eu gostaria, mas não posso. Nem sempre palavras atingem aqueles que mais precisam. Mas eu não desisto. Nunca desisti. Contra ou a favor procuro sempre ser um semeador de felicidade. Que bom seria se em todas as dificuldades qualquer um fosse um mágico e dissesse – Abre-te Sésamo! E as tristezas seriam guardadas para sempre na caverna da vida e assim viveríamos felizes para sempre!

" Gosto de gente que tem tempo para sorrir; bondade para semear; perdão para repartir; ternura para compartilhar e emoções dentro de si." Ziza Simões

## **Conversa do pé do fogo. O valor de um sorriso.**

Não custa nada e rende muito. Enriquece quem o recebe, sem empobrecer quem o dá. Dura somente um instante, mas seus efeitos perduram para sempre. Ninguém é tão rico que dele não precise. Ninguém é tão pobre que não o possa dar a todos. Leva a felicidade a todos e a toda parte. É o símbolo da amizade, da boa vontade. É alento para os desanimados, repouso para os cansados, raio de sol para os tristes, consolo para os desesperados. Não se compra nem se empresta. Nenhuma moeda do mundo pode pagar seu valor. Você já sabe do que se trata?

- Trata-se de um sorriso. E não há ninguém que precise tanto de um sorriso como aqueles que não sabem mais sorrir. Aquelos que perderam a esperança. Os que vagueiam sem rumo. Os que não acreditam mais que a felicidade é algo possível. É tão fácil sorrir! Tudo fica mais agradável se em nossos lábios há um sorriso. Tudo fica mais fácil se houver nos lábios dos que convivem conosco um sorriso sincero. Alguns de nós pensamos que só devemos sorrir para as pessoas com as quais simpatizamos.

- São tantas as que cruzam nosso caminho diariamente. Algumas com o cenho carregado por levar no íntimo as amarguras da caminhada áspera. Poderemos colaborar com um sorriso aberto, no mínimo para que essa pessoa se detenha e perceba que alguém lhe sorri, já que o sorriso é um alento. Sorrir ao atender os pequeninos que acorrem nos semáforos à procura de moedas. É tão triste ter que mendigar e mais triste ainda é receber palavras e gestos agressivos como resposta.

- Se for verdade que essa situação nos incomoda, não é menos verdade que não gostaríamos de estar no lugar deles. Eles são tão pequeninos! - Se tiverem a malícia dos adultos é porque os adultos os induzem a isso. Mas no íntimo são inocentes treinados para parecer espertos, em meio às situações mais adversas. O sorriso é uma arma poderosa, da qual nos podemos servir em todas as situações. Se, ao levantarmos pela manhã, cumprimentarmos os familiares com um largo sorriso, nosso dia certamente será melhor, mais alegre.

- Se, quando chegamos ao Grupo Escoteiro, saudarmos com um sorriso os que seguem conosco, ao invés de fecharmos o rosto e olharmos para cima ou para baixo, na tentativa de desviar os olhares, com certeza o nosso dia será mais feliz. Porque todos nos verão com simpatia e nos endereçarão energias salutares. O sorriso é sempre bom para quem sorri e melhor ainda para quem o recebe. O sorriso tem o poder de fazer mais amena a nossa caminhada. Dessa forma, se não temos o hábito de levar a vida sorrindo, comecemos a cultivá-lo, e veremos que sem que mude a situação à nossa volta, nós, intimamente, nos sentiremos mais felizes.

- Tentem sorrir sempre. Se não sorriem para você, sorri para eles. Precisamos muito de sorrir no nosso escotismo maravilhoso. Esquecer os que não gostam de sorrir, esquecer os de mal com a vida, e se aquele que você ama, que você admira chegar olhar para você e dizer: Todos os dias eu só penso em uma coisa... Em seu sorriso. Do seu rosto poucas lembranças eu tenho. Mas o seu sorriso maroto, infantil não sai dos meus pensamentos... Não é bom demais?

- O cenho carregado, ou seja, a *cara amarrada*, como se costuma dizer, traz ao corpo um desgaste maior que o promovido pelo sorriso. Isto quer dizer que, quando sorrimos, utilizamos menos músculos e fazemos menos esforços. Assim sendo, até por uma questão de economia, é mais vantajoso sorrir.

- Ele traz felicidade em todos os lugares é um sinal de amizade e boa vontade é força para os desencorajados, um raio de sol para os tristes, esperança para os desesperados não se pode comprá-lo, não se pode emprestá-lo. Nenhum dinheiro tem o valor que possa pagar o seu valor, ninguém precisa mais de um sorriso, do que aquele que não sabe mais sorrir.

**Sorria meu amigo, pois agora eu estou sorrindo também! Sempre Alerta!**



Os teus atos, e não os teus conhecimentos, é que determinam o teu valor. Por favor, sorria, quem sabe você está sendo filmado?

## **Conversa do pé do fogo. O lobinho o Lobo e o Cordeiro.**

(baseado na fábula de Jean de Lá Fontaine O lobo e o cordeiro).

Um acantonamento. Raulzinho sorria. Era o seu primeiro. Estava amando tudo que acontecia. Uma casinha, dois quartos, uma pequena cozinha, e lá fora seis barracas armadas. Ele ajudou – Se não chover, vocês poderão dormir nelas! Disse a Akelá. Raulzinho não cabia em si de contente. Fizeram pela manhã vários jogos. Ele no cerimonial foi escolhido para a Bandeira Nacional. Que orgulho ele sentia. Quando cantaram - ¶ “Mowgly está caçando, Mowgly está caçando, matou o Shery Kaan” Raulzinho vibrou. Ele adorava esta canção. Se um dia encontrasse o tigre mau ele iria ver quem era Raulzinho, ele pensou. Todos foram tomar banho em um riacho próximo. Foi então que Raulzinho viu um cordeiro bebendo água num riacho. O terreno era inclinado e por isso havia uma correnteza forte. Quando ele olhou para o lado viu também um lobo chegando para beber água.

Ele ouviu o lobo dizer: - Como é que você tem a coragem de sujar a água que eu bebo? Disse o lobo, que estava alguns dias sem comer e procurava algum animal apetitoso para matar a fome. - Senhor - respondeu o cordeiro - não precisa ficar com raiva porque eu não estou sujando nada. Bebo aqui, uns vinte passos mais abaixo, é impossível acontecer o que o senhor está falando. Raulzinho que era um lobinho não gostou do lobo. E ele continuou: - Você agita a água - continuou o lobo ameaçador - e sei que você andou falando mal de mim no ano passado. - Não pode - respondeu o cordeiro - no ano passado eu ainda não tinha nascido. O lobo pensou um pouco e disse: - Se não foi você foi seu irmão, o que dá no mesmo. - Eu não tenho irmão - disse o cordeiro - sou filho único.

Raulzinho ficou com raiva do lobo. Viu que ele mentia e fazia tudo para amedrontar o cordeiro. – O lobo continuou: - Alguém que você conhece algum outro cordeiro, um pastor ou um dos cães que cuidam do rebanho, e é

preciso que eu me vingue. Então ali, dentro do riacho, no fundo da floresta, o lobo saltou sobre o cordeiro, a agarrou-o com os dentes e o levou para comer num lugar mais sossegado. Raulzinho correu atrás, não ia deixar. Mas a Akelá viu e disse a ele: - Deixa prá lá Raulzinho infelizmente a razão do mais forte pode não ser a melhor, mas não há como impedir. Não foi o que disse o contador de histórias? Foi então que Raulzinho se lembrou da história. Sua mãe contava sempre para ele, e ele disse que se um dia visse um lobo fazendo isto, ele iria brigar, não iria aceitar.

A Akelá riu - Eu sei Raulzinho. Todos nós não gostamos de dizer que o mais forte tem razão. Eu também não gosto. Mas é uma história somente. Você só se lembrou dela. Lembre-se no riacho não havia nenhum lobo e nenhum cordeiro. A gente sempre imagina e faz viver uma história que nunca esquecemos. Lembre-se sempre que a "A força é um interesse e a justiça; a lei do mais forte.". Acredite na justiça mesmo que ela veja você de olhos vendados. A vida nos ensina muitas coisas. Muitas vezes em uma espécie não são os mais fortes e nem os mais inteligentes que sobrevivem e sim aqueles que têm a melhor capacidade de pensar e saber como resolver.

Foi uma lição que Raulzinho aprendeu para o resto de sua vida. Um homem de bem não precisa ser o mais forte, precisa sim de acreditar que pode vencer sem usar a violência.

Uma história para lobinhos e lobinhas. Simples baseada na fábula de Jean de Lá Fontaine O lobo e o cordeiro. Se acharem valido, copiem para um dia qualquer contar para sua Alcateia. Obrigado.

## **Crônicas de um Velho Escoteiro Melinda, eu ontem pensei em você...**

Pensei mesmo, não duvides afinal você sabe que minha palavra meu caráter e minha honra nunca me deixam mentir. Eu ontem pensei em você. Você sabe, sempre digo isto, mas não é bom? Afinal lembranças são lembranças e elas estão presas no coração da gente, e nunca podem partir. As

vezes que voltamos no tempo, através de um pensamento, as lembranças estão aí presentes, e isto é que nos faz nunca esquecer você. Eu mesmo já tentei muitas vezes te olvidar, não queria que me visse chorar... Por você! Mas hoje meu amor eu já desisti de tentar. Pensei até em fugir e seguir por aí. Eu fazia de tudo para não lembrar-me de você só para não sentir aquelas doídas saudades. Desculpe. Perdoe-me, mas até pensei em sumir, desaparecer, despistar, fugir. Só para não me lembrar de você. Tudo bem eu sei que sou culpado e você sabe sem nossas lembranças e esperanças somos mortos vivos pensando que ainda vivemos. Temos que andar prá frente, você mesma me disse naquele dia tão longe que já se foi, que enquanto estivemos juntos valeu por toda uma vida. Você se lembra? Eu tentei fazer uma poesia para você, linhas bem feitas, palavras bonitas. Não consegui.

Hoje quando estava anoitecendo e a chuva começou a cair eu de novo pensei em você. Pensei no que fizemos no que andamos o que marchamos, nas belas noites enluaradas, no seu olhar de apaixonada a olhar para mim... E pelos demais. Ciúme? Eu não tinha. Não podia ter. Você nunca foi minha eu sabia disto. Você era de todos. Eu sei que o tempo passou, mas qual tempo que não passa? O tempo você sabe não pede passagem, ele não nos dá a chance de dizer não. Eu sei que amanhã é seu aniversário. Fiquei matutando que presente te dar. Mas cadê você? Eu poderia te dar o céu, mas ele é tão grande que não ia caber em você. Quem sabe abraçar um punhado de estrelas e apresentar você? Liguei para os outros e poucos ainda se lembram dos belos tempos de outrora que juntos corremos pelas trilhas das montanhas a cantar o Rataplã. Eu, eles e você. Nesta última noite não dormi. Virava na cama prá lá e prá cá. Deveras impaciente. Até me sentei no escuro e pensei: - Não é a posição que ficava quando ao seu lado eu dormia só pensando em você.

Não há saudades que sustente, não há lembranças que aumente todo o amor que eu tinha por você. Aceitava que todos estivessem apaixonados, afinal os direitos são iguais. Sei que você nunca decidiu a quem dar seu coração. Eu sabia que era de todos e nunca foste só minha. Que saudades quando no silêncio da madrugada, em teu nome eu pensava, era uma saudade danada e ia ver se tudo estava bem com você. Sentava na grama ao seu lado, com meu olhar apaixonado eu cantava músicas românticas, me lembrava de momentos inesquecíveis, das peripécias marcadas, de uma vida que Deus nos reservou. Que coisa boa era acordar, o lusco fusco do sol saudando belos momentos, a gente sem argumentos tentar fazer você acordar. Sorria como sorri na ponte do adeus que atravessamos, e eu ainda a vejo a sorrir alma linda sorridente, momentos inesquecíveis que ficaram para sempre em todos nós. Quando penso, faço um silêncio que penetra fundo em meu coração. Eu e os outros sabíamos que você era nosso sentido da vida. Você foi nosso amor ontem, hoje amanhã e sempre.

Quando nasceu te chamamos de Melinda, Deus que coisa linda era chamar você. – Em frente, Melindaaa! - Nos acompanhou por toda a vida, sempre nos deu guarida por onde pusemos nossos pés. Hoje aqui sozinho, a

pensar por um momento, que você minha linda carrocinha dos leopardos, que sempre nos deu alento, viajando com ou sem o vento, subindo serras sem fins. Melinda, você nunca nos decepcionou. Por onde fomos quantos caminhos cruzados e foi você, sim, foi você mesmo quem sempre nos ajudou. E quando no campo armado, você sempre ao nosso lado, com sua capa faceira, duas rodas na algibeira, mostrando ser boa Escoteira, a gente sempre pensava, que naqueles belos momentos, momentos que podiam ser infinitos, você era como uma gostosa música tocada pelos ventos. E agora eu entendo, pois isto explica tudo, só que ninguém entende. Seis jovens meninos Escoteiros, que um dia fizeram você e se apaixonaram por uma linda carrocinha verde e amarela a rodar por longas estradas da vida. Dizem que escoteiro não desiste de quem ama. Ele sabe o amor que tem, pois ser Escoteiro não exige perfeição. Você minha amiga Melinda, nossa linda carrocinha da patrulha Leopardo, nos trouxe a paz e o amor. Mas hoje com minha idade, eu sinto uma enorme saudade... De você!

Melinda! Onde está você?

Um dia uma criança chegou diante de um pensador e perguntou-lhe: “Que tamanho tem o universo?” – Acariciando a cabeça da criança, ele olhou para o infinito e respondeu: - “O universo tem o tamanho do seu mundo”. Perturbada, ela novamente indagou: - “Que tamanho tem meu mundo?” – O pensador respondeu: - “Tem o tamanho dos seus sonhos”.

## **Balada do vento amigo. Deixa o vento seguir o caminho do mar...**

Os ventos que às vezes tiram algo que amamos, são os mesmos que trazem algo que aprendemos a amar...  
Por isso não devemos chorar pelo que nos foi tirado e sim, aprender a amar o que nos foi dado. Pois tudo aquilo que é realmente nosso, nunca se vai para sempre...

[Bob Marley](#)

Eu já ouvi o vento soprar, forte e viçoso nas montanhas douradas do Baependi. Ele rasgava o dia e as noites através das folhagens como se

estivesse reclamando da invasão dos seus domínios. Eu já ouvi o vento soprar, nas imensas planícies do Vale Feliz. Ele procurava espantar as borboletas coloridas que ali estavam à procura do mel escondido nas flores que caíam no outono. Quando eu olho para o oeste, seguindo o sol que busca se esconder nos vales verdejantes, eu ouço o vento soprar. Ela canta suavemente para me entreter na busca do infinito. Dentro de uma barraca que parece sair voando, o vento sul açoita sem pedir permissão. As vozes das tempestades são enfurecidas por ele. Ele o vento não pede passagem, ele vai onde quer e ninguém ousa interromper.

Eu gosto do vento. Não importa de onde vem e para onde vai. Já estive com os ventos da primavera, que traziam o doce perfume das flores, das matas, das florestas distante. Eu já estive com os ventos do verão, com as bravias chuvas espicaçadas por ele. Ele mandava trovões, raios inimagináveis e depois da chuva ele trazia a bonança com ventos calmos, pacíficos e o cheiro da terra, o perfume das folhas molhadas, nos mais altos galhos a passarada a cantar toadas maravilhosas ao sabor do vento cuja chuva o vento levou. Eu já vi passar os ventos do norte nos picos gelados das Agulhas Negras, ela parecia sorrir com a vasta imensidão a perder de vista. Eu já vi os ventos das ventanias que jogavam tudo ao chão. Eu já vi os ventos das borrascas cinzentas no mar gelado. Era bom olhar o infinito e ver as gaivotas na sua eterna luta com os ventos. Elas sabiam que iam perder por isto aprenderam a voar com os ventos.

Quando em marcha de estrada e o sol a pino, eu me entregava sempre aos ventos para me dizerem o melhor caminho. Beber a água da fonte, em uma sombra e os ventos soprando é indescritível. Eu já ouvi os ventos. Muitos. Os que se transformavam em arco íris, os que se transformavam em brisas, gostosas, sopradas de uma cascata borbulhante ou na madrugada a nos apanhar sem barracas tendo o céu de estrelas como casas, elas molhavam nossos rostos ao luar. Ventos do norte e sul, ventos do oeste e este, que eles soprem sempre trazendo a todos nós a alegria que merecemos. Um dia alguém me falou do vento – Sabes Escoteiro, se tens vento e depois água, deixe andar que não faz magoa, mas olhe se tens água e depois vento, põe-te em guarda e toma tento! É eu já ouvi o vento passar...

Deixa passar o vento  
Sem lhe perguntar nada.  
Seu sentido é apenas  
Ser o vento que passa...  
Consegui que desta hora  
O sacrificial fumo  
Subisse até ao Olimpo.  
E escrevi estes versos  
Pra que os deuses voltassem.  
Ricardo Reis.

## **Lendas Escoteiras.**

### **O misterioso chefe Jonny Hidalgo.**

(Uma adaptação do poema “quadrilha” de Carlos Drummond de Andrade).

Jonny amava Silvana, que amava Danilo  
que amava Gisele que amava Salviano que amava Dorita  
que não amava ninguém.

Jonny foi para a cadeia, Silvana para o convento,  
Danilo foi para o Suriname, Gisele é Escoteira da Pátria,  
Salviano ficou maluco e Dorita se casou com Geninho que se tornou  
Presidente do Brasil e  
não tinha entrado na história.

Se eles eram unidos ninguém duvidava. Felizes também e todos tinham um grande amor entre si. Diziam os pais que um dia eles iriam se casar e seriam as famílias mais felizes de Vale Encantado. Não eram muitos quem sabe um punhado de jovens que se diziam ser um batalhão. Duas patrulhas, seis moços sorridentes e cinco mocinhas sonhadoras e pelo menos duas vezes por semana se encontravam para conversar, comer um lanche, beber um refrigerante, jogar conversa fora. Afinal era uma cidade pequena, onde todos se conheciam e sabiam que muitos ali nasceram e ali iriam partir para alguma estrela quando chegasse o tempo e a hora certa. Sem contar as reuniões de sábado ou as atividades mateiras de um domingo ou feriado prolongado, a vida era preenchida para aquela galera Escoteira como uma história de faz de conta. O nome de todos não importa na história, ficarei com Jonny, Silvana, Danilo, Gisele, Salviano e Dorita. Se havia jovens seniores e guias que se orgulhavam do que eram, tira-se o chapéu para todos eles principalmente os personagens desta história.

Jonny chegou em um dia de céu azul a Vale do Encantado. Um amor de pessoa. Um visual alegre, um sorriso incrivelmente belo, um andar que mesmo com tudo que aconteceu foi copiado por muitos e muitos anos. Apareceu assim do nada na Tropa Senior naquele sábado de sol vermelho na reunião. Todos ficaram embasbacados. As moçoilas guias sentiram o coração batendo, os jovens seniores meio enciumados, mas a figura do Chefe era incrivelmente bela. Fez uma bela saudação Escoteira, sua voz entoou o mais lindo Sempre Alerta que a Tropa tinha ouvido. Seu porte era fenomenal. Ninguém tinha visto nada igual. Um uniforme perfeito. Um chapéu de abas largas perfeito, um lenço bem dobrado, sua camisa e calça curta com vinco era demais. O meião bem colocado conforme mandavam as normas. Não tinha medalhas, nem estrelas para dizer quanto tempo, só seu distintivo de promessa que pela cor todos entenderam que tinha tempos de uso. Foi direto a Chefe

Norma e a saudou brilhantemente. Norma esposa do Chefe Jamil não cabia em si de contente. Quase derreteu em frente aquele Chefe soberbo.

Apresentado a tropa pediu que todos ficassem a vontade. Perguntas mil começaram a se ouvir. De onde? A passeio? Qual Grupo? Quanto tempo? Ele respondeu a todas de maneira vaga. Entrou como lobo e nunca mais saiu. Silvana não se entusiasmou muito. Olhava para Danilo que não percebia seu olhar e olhava para Gisele. Mas ninguém sabia que naquele dia Silvana passou a morar no coração de Jonny. Foi convidado para o sarau que iriam realizar no salão nobre da escola naquela noite. Outras dezenas de moçoilas não Escoteiras acorreram para a festa. Souberam de Jonny e suspiros apaixonados eram jogados no ar. A vida depois da chegada de Jonny Hidalgo nunca mais foi à mesma em Vale Encantado. Ninguém perguntou quem era ele, sua família, qual cidade, pois suas respostas eram vagas e sem sentido. Uma semana, duas um mês e o tempo corria sem perguntar se podia parar.

Acampamentos, excursões belas toadas ao luar. Noites de lua cheia, de céu estrelado, de cometas riscando a plataforma do universo sabendo que nunca mais iriam voltar naquelas plagas do universo. Jonny Hidalgo era mais um sem ser de todos. Os amores vividos, os amores esquecidos para aqueles jovens Seniores e Guias sonhadoras continuavam como se ainda não houvesse vida depois da vida para sentir e viver. Só Gisele sonhava. Sem nada para fazer, o que restava a ela era lembrar de você que era apenas uma fagulha perdida entre mil. Chorar de saudades, recordar das lembranças e perguntar o porquê disso tudo. Ela queria amar e sentia que não amava, ela queria sonhar e seu sonho se perdia como as andorinhas que se escondiam no verão. Tudo era como os vagalumes brilhantes em volta da fogueira que riscavam o noturno da noite nos acampamentos inesquecíveis. O tempo sem perdoar enviou a primavera, passou pelo verão e o inverno chegou. Um vento frio soprava de norte a sul. Engastalhados em seu capotes os jovens seniores e guias não se assustavam com o amanhecer nas montanhas de poucos graus acima de zero.

Chico Capeta apareceu do nada. Apenas um tiro, mas que se resvalou no cinto escoteiro de Jonny Hidalgo. Tudo foi mostrado ao vivo e a cores para o populacho de Vale Encantado. Jonny estava armado e ninguém sabia. Outro tiro e Chico Capeta foi dançar com seus irmãos no inferno. Que ouve? Por quê? Quem era Jonny Hidalgo? Ele não era o Don Juan Escoteiro que conquistou a cidade? Uma tropa inocente, meninas e meninos sonhadores, um lindo jovem intrépido que foi amado por muitos era um matador? Ninguém nunca soube. Naquela tarde um homem alto, com um bigode enorme, um chapéu Escoteiro torto e um uniforme amarrotado, um lenço mal enrolado chegou à cidade. Apeou do seu cavalo como o fazem os caubóis dos filmes famosos. Entrou na delegacia e saiu de lá com Jonny Hidalgo algemado. Amarrou as mãos de Jonny em uma corda, passou em volta da cela e montou no seu cavalo partindo sem dizer adeus. Jonny ergueu os olhos para a cidade, olhou seus amigos seniores e guias, não sorriu. O cavalo do homem alto o puxou para longe de Vale Encantado. Para onde foi ninguém sabe, ninguém viu!

Jonny amava Silvana, que amava Danilo que amava Gisele que amava Salviano que amava Dorita que não amava ninguém. Jonny foi para a cadeia, Silvana para o convento, Danilo foi para o Suriname, Gisele é Escoteira da Pátria, Salviano ficou maluco e Dorita se casou com Geninho que se tornou Presidente do Brasil e que não tinha entrado na história.

Não ame pela beleza, pois um dia ela acaba. Não ame por admiração, pois um dia você se decepciona. Ame apenas, pois o tempo nunca pode acabar com um amor sem explicação. Madre Teresa de Calcutá.

## **Crônicas de um Velho Escoteiro. Mil beijos para você...**

Ouvia gabar os beijos. Dizer deles tão bem.  
Que me nasceram desejos. De provar alguns também.  
Essa fruta não é rara. Mas nem toda tem valor.  
A melhor é muito cara. E a barata é sem sabor. "  
Júlio Diniz.

O Beijo. Isto mesmo, hoje resolvi mudar meus contos e falar sobre o Beijo. Dizem maravilhas sobre ele e sem perceber me tornei um expert beijoqueiro. (onde será que ele anda?). Calma, muita calma, não sou um especialista. Francamente sou ruim de beijo. Pelo menos acredito nisto pois tenho uma dificuldade enorme de beijar. No entanto se vou falar sobre o beijo, preciso aprender e definir em tese o que ele é. Comentam que é uma demonstração de afeto entre pessoas e que existem diversos tipos de beijos. O beijo na orelha por exemplo é mais dado entre casais, mas existe o beijo no nariz, no olho, no queixo e muitos outros lugares. Arre! Dizem os enamorados que se estamos apaixonados o beijo é um termômetro de uma relação. Já comentamos do beijo na orelha e no pescoço. Dizem ser as preliminares de uma entrega maior, não entendo muito disto. Risos. O beijo no nariz é conhecido como o beijo dos esquimós, isto porque consiste em esfregar os narizes um no outro. Se o nariz estiver gripado valha-me Deus!

O beijo no olho ou nos olhos, significa ternura, carinho, dedicação, amor. Geralmente é um beijo que os pais costumam dar em seus filhos a noite quando já estão na cama e pedem o beijo de boa noite. Este eu conheço bem. Tem o beijo no ombro, significa que o parceiro está sempre pensando no outro, lembrando e com desejo de estar sempre perto. Risos, nunca ouvi falar. Já o



beijo no queixo significa desejo pela mulher amada. Necessidade de estar junto  
necessidade de compartilhar todos os momentos. Agora dizem que o maior dos  
beijos é aquele na boca. Um grande gesto de demonstração de carinho, amor e  
paixão. Então aquele mais intenso e apaixonado é demais. O encontro da  
saliva, da língua, de passear na boca do companheiro dizem que é o máximo.  
Putz grila! Se é banguelo não vale. Risos. E acreditem, dizem que o beijo na  
boca traz muitos benefícios para a saúde. Estimulam o cérebro a liberar  
endorfina, uma substância responsável pela sensação de prazer e bem-estar.

Aqui em nosso país hoje em dia é comum beijar. Se beija na rua, na  
esquina, no ponto de ônibus, dentro do ônibus, no cinema ou melhor, se beija  
em todo lugar. No passado se beijava diferente. Sempre no escurinho. Beijar  
em público? Nem pensar. Quando a gente via alguém dando um selinho no  
rosto era uma surpresa geral. – Você viu? Tico beijou Teca no rosto! Teca que  
se cuidasse ou ficaria falada para sempre. No passado se beijava nos lábios,  
um roçar somente. Alguns mais “indecentes” forçavam os lábios com lábios. O  
beijo de Scarlet O’Hara em Rett Butler no filme o Vento Levou deixou casais  
apaixonados a sonhar com um beijo assim. E o beijo no filme Ghost – Do outro  
lado da Vida? Sam Wheat e Molly Jensen deram um beijo tão lindo que o  
espírito de Sam não queria ir para outro plano e ficar ali beijando sua amada  
para sempre.

Muitos beijos ficaram na história. Prefiro contar os mais simples,  
aqueles que eu dei quando era menino. Beijos que deixaram saudades. Já  
noivo da Célia, cortejando-a na sala de sua casa, sua mãe ali em frente nada  
poderia acontecer. Um dia ela saiu para experimentar um vestido na vizinha.  
Me olhou com olhos de onça e não disse nada. Olhou para a Celia e o mesmo  
olhar. Quando ela saiu sorratamente dei nela um beijinho, um simples  
beijinho que foi o primeiro em minha vida e da dela. Que delícia! Fui para casa  
sonhando apaixonado. Como somos mestres em copiar o que se passa do outro  
lado do oceano, logo surgiu o beijo de língua. Era cuspe para todo lado. Risos.  
Pelo menos já se sabe que o beijo assim movimenta vinte e nove músculos,  
queima doze calorias por beijo, mantém o rosto mais jovem e dizem que o  
trabalho muscular da língua dá firmeza a pele.

Valha-me Deus! É beijo que não acaba mais. Vou esperar outra  
geração quando voltar aqui na terra e quem sabe beijar como eles estarão  
beijando. Podemos imaginar? Não quero nem pensar como será. Fico vermelho  
imaginando. Como dizem que o Escoteiro é puro nos seus pensamentos  
palavras e ações, prefiro voltar no tempo e dar um simples selinho, daqueles  
que um dia me faziam sonhar que era o homem mais feliz do mundo!

O beijo do matuto mineiro.  
Se arguém tá duente, quando você beija ele,  
Ele cumeça a miorá, e ocê miora junto tamém...  
Muita gente importante e letrada,  
Já tentô dá um jeito de sabê.

Pruquê qui é qui um beijo tem tanta tiquilonogia,  
Mas ninguém inda discubriu...  
Mas, iêu sei! Foi um ispirto bão de Deus qui mi contô...  
lêu vô cuntá procêis um qui foi quel mi falô:  
Meu fio, um beijo é bão pur causa do coração...

“Eu quero a sina de um artista de cinema. Eu quero a cena onde eu possa brilhar. Um brilho intenso, um desejo, eu quero um beijo Um beijo imenso, onde eu possa me afogar”!

## **Lendas Escoteiras.**

### **Zezito Sansão... Você é um ladrão!**

ZeZito Sansão, você é um ladrão! - O Delegado Paredes olhava-o com um olhar sem piedade e sem compaixão. Já não sabia mais o que fazer, pois não era e nem seria a última vez que Zezito Sansão iria parar em sua delegacia. O que fazer com este menino? Ele pensou. Olhou novamente para Zezito Sansão. Doze anos, magro, pele morena curtida por viver a maior parte de sua meninice na rua a espera de alguém para roubar. Se pudesse o colocaria por uns dias atrás das grades, mas sabia que não podia fazer isto. Ligou para Nonato Praxedes o responsável do Conselho Tutelar. Já sabia a cara de enfado que ele faria. – Delegado! – Porque o senhor mesmo não o leva para sua casa? O senhor sabe que não tem outro jeito, disse Nonato. Não tinha mesmo. Sempre a mesma ladainha. A mãe dele dona Tiana vivia em uma cadeira de rodas, enxergava mal e o pior estava ficando surda. Conseguia aos trancos e barrancos lavar a roupa deles, passar e cozinhar, isto quando Zezito Sansão trazia algum alimento para casa.

O delegado Paredes o pegou pelo braço, apertou e disse: - É a última vez. Na próxima vou levar você para a capital. Lá eles sabem o que fazer com você. Dona Tiana estava acostumada. Ouvia tudo que o delegado disse. Ela sabia que também não podia fazer nada. Esperou o delegado sair e olhou com olhos rasos d'água para seu filho. Não disse nada, fez um sinal e o ele chegou mais perto. Ela o beijou no rosto. Ela sabia que se ele fosse para a capital ela iria morrer em dois dias. Não tinha o que comer e nem como comprar. Se não fosse seu filho ela já teria morrido há tempos. Chefe Enzo chegou à casa cansado. Um dia difícil no trabalho e queria um banho, jantar e descansar. Priscilla sua esposa sorriu para ele. Ao tirar a roupa no quarto deu falta de sua carteira. Onde foi que deixei? No serviço não foi, pois se lembrou de ter pagado a passagem do ônibus. Refez o trajeto. Lembrou-se de esbarrar em Zezito Sansão. Poxa! Só podia ter sido ele. Conhecido ladrãozinho por todo mundo.

Contou para Priscilla. Vou lá a casa dele. Tem documentos que não posso perder. Era perto, três quarteirões. Ao chegar viu a porta aberta. Entrou sem bater. Iria dar uma carraspatana no menino ladrão. Na cozinha viu Zezito Sansão dar comida a sua mãe. Ela não podia mexer os braços. Ele paciente colocava uma colher de sopa em sua boca, e sorria e ela sorria também. Em cima da pequena mesa viu sua carteira. Zezito Sansão fechou a cara. Encolheu-se de medo. Muitos entraram ali e batiam nele a valer. Chefe Enzo se desarmou. A cena era demais para ele. Sabia que o menino era ladrão, mas fazer o que? Na carteira faltava dez reais. O resto estava intacto. Chefe Enzo olhou para ele, olhou para ela e viu as sombras do medo nos olhares dos dois. Sabia que não podia fazer nada. Uma ideia surgiu do nada e ele falou – Zezito Sansão quero você na reunião do Grupo Escoteiro neste sábado. As duas em ponto. Se não for vou falar para o delegado.

Priscilla o abraçou e disse que ele não tinha outro caminho. Se o Escoteiro é amigo de todos e faz todos os dias uma boa ação, era sua vez como Chefe fazer uma também. Mas e os resultados? Afinal era um menino ladrão. Roubou todo mundo na cidade e até mesmo o Juiz Juvenal não escapou e nem o Padre Antonino. Que seja, se ele não ajudasse quem iria ajudar? – Sábado, às duas da tarde Chefe Enzo chegou à sede. Todos parados olhando para Zezito Sansão. Ninguém sabia por que ele estava ali. Ronaldinho o Diretor Técnico veio correndo – Ele disse que foi você quem mandou, é verdade? Ele não disse nada. Não havia o que dizer. Sabia que toda a chefia não ia entender. Ele se lembrou das palavras de São Francisco de Assis: - Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível. Iria até as últimas consequências para ajudar Zezito Sansão o ladrão de Santa Helena.

Zezito Sansão sabia que ele tinha três oportunidades. Se ele roubasse três vezes seria defenestrado do grupo. Ninguém dos Escoteiros jamais o ajudariam. Nunca ninguém se entregou ao escotismo como Zezito Sansão. Um amor enorme, uma vontade de morar ali com eles, viver com eles, respirar o mesmo ar que eles diziam ser sagrado em um acampamento. Mas e sua mãe? Como iria viver? Onde iria comer? Sem perceber roubou o relógio de Monserato o monitor. Vendeu barato e comprou mantimentos para sua casa. No sábado seguinte Chefe Enzo o olhou. – Uma vez se foi Zezito. Dei um relógio para Monserato o Monitor. Você tem mais duas oportunidades. Só duas lembre-se bem. Zezito chorou muito aquela noite em sua casa. Pensou que seu amor aos Escoteiros nunca seria como estava sendo. Mas não teve jeito. Roubou uma barraca da Patrulha Tigre e não achou ninguém que a comprasse. Mesmo assim foi um roubo. Devolveu. Sabia que só teria uma só oportunidade. Ele sabia disto.

Chefe Enzo me olhou com os olhos cheios de lágrimas. Chefe Vado, ele nunca mais roubou. Ajoelhou aos meus pés e disse que nunca mais faria isto, mas sabia que sua mãe iria morrer. Ela não tinha o que comer! – E você

Chefe Enzo, o que fez? Chamei a tropa, expliquei sem humilhar Zezito Sansão. Cada um tinha obrigação de ajudar. Por muitos anos todos os meses uma campanha do quilo se fez para Zezito Sansão. Ele entrou para a escola. A diretora queria recusar, mas a insistência minha foi grande. Responsabilizei-me. Se ele roubar eu substituo ou pago. Fã de São Francisco eu sabia que ele disse um dia que ninguém é suficientemente perfeito, que não possa aprender com o outro e, ninguém é totalmente destituído de valores que não possa ensinar algo ao seu irmão. Consegui com meu Chefe o colocar como ajudante na área de transporte. Doze anos Enzo? Não podemos. – Eu me responsabilizo e pago seu salário. Não foi preciso. Ele surpreendeu a todos.

Zezito Sansão nunca mais roubou. Não sei se foi o escotismo, se foi o dia que jurou a bandeira ser um homem de bem, que iria cumprir a lei, que seria um exemplo para todos e que nada é difícil quando se quer vencer. Não me considero um Chefe herói, pois não sou melhor que ninguém. Sou um simples ser humano que um dia resolveu ajudar alguém. - A vida nada mais é que, um grande livro de onde nos são apresentadas lições diárias. Agradeço por tê-las. Eu sei que onde há amor e sabedoria, não tem temor e nem ignorância e isto é um fato. Chefe Vado, nunca me esqueço das palavras de São Francisco de Assis: - “Faço tudo o que posso, tento fazer o possível e lá na frente quando olhar pra trás vou ver que fiz o impossível”.

Chefe, só para terminar, Zezito Sansão, cresceu se formou e hoje tem uma esposa, três lindos filhos que são a alegria de quem um dia nada teve e nunca pensou em ter.

E Zezito Sansão, o ladrão se transformou no melhor escoteiro do mundo! Senhor dai-me força para mudar o que pode ser mudado... Resignação para aceitar o que não pode ser mudado... E sabedoria para distinguir uma coisa da outra. São Francisco de Assis.

## **Na beira do caminho tinha uma flor, tinha uma flor na beira do caminho.**

Era um sol do meio dia. Quente, fervendo o sangue do Escoteiro caminhante. Mal dava para olhar a frente de tão quente... O chapéu de abas largas tentava segurar os raios solares. A camisa ensopada. Ele pensou em tirar o lenço e a camisa. Ficar com a camiseta que estava por baixo. Mas esqueceu desta vontade. Aprendeu a andar uniformizado onde fosse. Não importa se tinha alguém a vê-lo ou não. Há horas esperava encontrar uma

árvore frondosa, a beira do caminho. Nada. A estrada era de terra e quase não cabiam dois veículos passando um pelo outro. Ele sabia que ainda tinha chão para percorrer. Não fora com sua patrulha pela manhã. Prova de matemática. Um mais dois cinco mais oito e ele aprendeu a tabuada assim nas jornadas da vida. Agora não. Não calculava a soma divisão ou a multiplicação. Precisava parar para descansar, mas e a árvore frondosa que não aparecia?

Tirou seu cantil e bebeu dois goles. Não mais. Ele não sabia quanto tempo de caminhada ainda tinha para encontrar um riacho. Ali era impossível. Tudo estava seco, nem o verde do campo se via. O chão do caminho era terra pura e vermelha. Se chovesse valha-me Deus o barro que formaria. Um, dois, quatro seis quilômetros de pé no chão. Sua mochila pesava. Ele estava acostumado. Bastava encontrar uma árvore frondosa, apenas um cochilo e ele andaria outros seis se necessário. E os pássaros? Ele não via nenhum. Naquele sol escaldante nem pássaro se arriscaria a voar pelos céus. Ele passou por ela. Na beira do caminho. Nem reparou. O sol não deixava. O chapéu quebrando a testa para esconder o calor e a claridade escondia as belezas que não existiam na beira do caminho.

Andou alguns passos e parou. Sua mente tinha gravado a flor na beira do caminho. Pensou o que seria e a mente o obrigou a lembrar. Voltou-se calmamente e a viu... Linda, vermelha, quase do tamanho de uma rosa. Mas não era uma rosa. Somente ela com sua planta a segurar como se fosse cair com o peso. Não havia vento, ela não se mexia. Mas era linda. A mais linda flor que ele tinha visto. Deu meia volta até a flor na beira do caminho. Quem pensaria que na beira do caminho tinha uma flor? Verdade, mas na beira do caminho tinha uma flor. Ficou de frente a ela. Viu que ela sorria e não se importava com os raios de sol que não penetravam nas suas pétalas. Tirou sua mochila e se agachou em frente a ela. Um perfume suave percorreu suas narinas. Gostoso, delicioso. Agradável de cheirar. Era um balsamo para manter o corpo firme. Aquela sublime fragrância jogava todo seu perfume no Escoteiro que caminhava no sol do caminho.

Ficou ali estático por minutos que se transformaram em horas. Ela a flor na beira do caminho o hipnotizava. Ele precisar seguir precisava chegar ao acampamento antes do anoitecer. Seus amigos da patrulha o esperavam. Então o sol se escondeu. Uma nuvem branca com pássaros esvoaçantes chegaram. Um vento sul começou a soprar. A flor balançou na sua planta, mas não caiu. O Escoteiro procurou um galho e o fincou junto à flor. Do seu cantil molhou a linda flor da beira do caminho. Precisava seguir adiante. O tempo não espera, e ele olhou a flor pela última vez. Grande, Vermelha, quase do tamanho de uma rosa. O Escoteiro partiu olhando para trás. Uma enorme tristeza o invadiu. A flor da beira do caminho balançou de um lado a outro. Como se estivesse agradecendo o que o Escoteiro fez por ela.

Era só uma flor, uma flor vermelha linda a beira do caminho. E ele viu que na beira do caminho tinha uma flor, tinha uma flor na beira do caminho, tinha uma flor, no meio do caminho tinha uma flor...

Baseado no poema de Carlos Drummond de Andrade – No meio do caminho tinha uma pedra.

## **Lendas Escoteiras.**

### **Era uma vez... São Pedro lá do céu!**

Não me lembro do seu nome. Pudera ele nunca disse, pois assim como chegou ele partiu. A gente o chamava de São Pedro, aquele que mora no céu. Uma barba branca que de tão branca ao ficar ao sol se tornava azulada. Magro e quem o olhasse bem de perto diria que suas carnes pelo corpo não existiam. Deveria ser formado de osso puro. Usava uma roupa simples, calça caqui curta bem puída e uma camisa verde com alguns rasgos no ombro. Usava um cinto. Era o nosso conhecido. Sem sombra de dúvida era um cinto escoteiro. Esquecemos até que em sua cabeça também morava um chapéu de abas largas, mas que agora estava decaído, pois se mostrava velho, com pequenos furos. No banco que estava sentado havia uma pequena mochila, diferente das que nos conhecíamos. Nunca vimos o que tinha dentro dela. Sua figura chamava a atenção, tinha os dentes perfeitos e quando sorria maravilhava a todos. Falava como se estivesse declamando poesias tipo aquelas que nosso professor de português declamava sem sorrir e querendo ser o que ele nunca foi. Um poeta.

Não lembro quem o viu pela primeira vez sentado no banco da Praça da Estação. Praça nova árvores recém-plantadas. Hoje lindas enormes e as palmeiras? Bem não estou aqui para falar dela e sim do velhinho de barbas brancas azuladas, ou melhor, São Pedro lá do Céu. Quando lá cheguei outros lá estavam. Pudera gente estranha na cidade e se fosse Escoteiro era motivo de jubilo por parte de todos. Mas o cinto e o chapéu identificavam alguém que poderia ser e claro poderia não ser. Em volta daquele simpático velhinho nós pequeninos Escoteiros agachados em sua frente de olhinhos arregalados queríamos saber de tudo. Ele tinha um leve sorriso e de vez em quando seus olhos fechavam parecendo que iria dormir. Sonhador chegou correndo. Era e sempre foi nosso porta voz. As patrulhas confiavam nele. Sabia falar como ninguém, um proseador que não perdia nunca o fio da meada.

Todos nós esperávamos que nosso acólito trouxesse a tona e desvendasse o segredo do Chapéu e do cinto que acintosamente aquele

velhinho, ou melhor, São Pedro lá do céu portava. Ao menos a fivela estava limpa. Não brilhava, mas ainda tinha a cor da originalidade quando produzida. O chapéu mesmo limpo não mantinha as abas retas e planas. Tinha um semblante que encantava. Sonhador disse que o ouviu falar que estava com fome. Nós não ouvimos nada. – façamos uma vaquinha! Conseguimos doze paus. Perna Seca e Orelhudo foram correndo ao bar do Zé Moreno. Voltaram com quatro coxinhas, seis bolinhos de carne e dois pães. São Pedro lá do Céu comeu com gosto. Educadamente. Mastigava como se estivesse contando cada mordida. Beleleu levou Narigudo até sua casa na bicicleta. Voltaram em dez minutos com um cantil cheio de água e uma garrafinha de groselha. Ele sorria e falava baixinho com Sonhador.

Lá pelas tantas discutimos onde ele iria dormir. Velho assim era difícil levar para a casa dos vinte e oito meninos Escoteiros que se juntaram em sua frente na Praça da Estação. Seus pais poderiam estranhar. Bororó Monitor da Onça Parda sugeriu trazer a barraca de duas lonas da chefia e um cobertor do exército que ganhamos. Na grama atrás do banco a barraca foi armada. Sonhador disse para ele que podia dormir tranquilo. O Guarda Noturno era o Zé Biroasca, antigo Escoteiro. Ele estava em casa. Ficamos lá até por volta de nove da noite. Fui embora pensativo. De onde era? Como chegou? Seria um antigo Escoteiro ou um Chefe? Dormi pensando e durante todo tempo de escola nem vi o que os professores disseram. Queria que as aulas terminassem para correr até a Praça da Estação.

Encontrei Bico Doce e Orelhudo conversando. Ele se foi me disseram. A barraca estava desarmada e bem dobrada nos moldes Escoteiros. Os espeques limpos e enrolados em um jornal. Se ele dormiu ali levantou cedo. Antes do alvorecer. Zé Biroasca o Guarda Noturno disse que não viu ele ir embora. Seu Nonô Fogueteiro Chefe da estação disse que o maquinista Zé Be Deu o levou como carona no trem de carga das cinco da matina. Fiquei decepcionado. Se ele fosse um dos nossos quantas novidades para nos contar? Sabíamos que nossa fraternidade era enorme, mas só umas fotos apagadas de uma revista que um viajante nos presenteou vimos Escoteiros de outros países. Será que eles seriam iguais a nós?

Na semana seguinte eu e Orelhudo encontramos Zé Be Deu o maquinista. – Desceu em Crenaque. Disse que iria atravessar o Rio Doce em uma jangada que ele guardava na Caverna do Morcego. Falou baixinho que iria rever seu amigo o Cacique Abaeté dos Aimorés do outro lado do rio. Eram amigos de séculos e séculos. Séculos? Pensamos no que disse o maquinista. Perguntamos mais e ele não disse mais nada. Olhei para Orelhudo que balançou a cabeça. Imortal? Seria ele realmente São Pedro lá do Céu? Meninos Escoteiros a filosofar. Durante muitos anos nos Fogos de Conselho e em Conversas ao Pé do Fogo nós levantávamos a história de São Pedro lá do Céu. Falou-se tanto que agora para os novos ele era um Santo. Santo Escoteiro e alguém sugeriu que fosse o patrono da tropa. Porque não?

A minha vida fechou-se duas vezes antes de se fechar –  
Mas fica por saber  
Se a imortalidade me revela  
Um evento maior

Tão largo, tão incrível de pensar  
Como estes que sobre ela duas vezes tombaram.  
Partir é tudo o que sabemos do céu,  
Tudo o que do inferno se pode precisar.

[Emily Dickinson](#)

Passado. Uma época de ingenuidade e sonhos de meninos Escoteiros. Ainda com aquele amor preso no coração sabendo que eram do mesmo sangue de BP. Se ele era São Pedro lá do Céu nunca disse. Partiu como chegou. Ninguém sabe ninguém viu. Dizem alguns que ele de vez em quando aparece em uma nuvem branca lá no céu. Minha época, ainda sou um deles, um menino escoteiro ingênuo que acreditou!

## **Lendas escoteiras.**

### ***Era uma vez... Um menino triste que aprendeu a sorrir.***

Era uma vez... Um menino que sonhava. Sonhava com o sol com a lua, sonhava com o verde da mata, das águas dos córregos que corriam serenas para o mar. Não era um menino rico, não era não. Era um menino simples, pobre e que tinha a felicidade em seu coração. Ele sabia que não existia dinheiro no mundo que pudesse substituir a alegria que tomava conta de toda sua vida. Na escola um exemplo, de olho na professora, aprender era tudo que ela ensinou a ele. Nunca foi inteligente, mas era um esforçado. Tinha um sonho, ter uma bela casa e dar a sua mãe tudo que ela quisesse. Dizia sempre a ela que era feliz e ela devia ser também. Mas não, sua mãe era triste, quase não falava; Ficava o dia inteiro lavando roupas nas pedras do Rio Mimoso.

Era uma vez... Isto mesmo. Sempre começo assim quando me lembro deste menino. Em sua casa humilde queria sorrir e não podia. Queria mostrar a sua mãe que ali morava a felicidade, mas ela não sentia. As noites quando ia dormir ouvia soluços no quarto da sua mãe. Enquanto seu coração enchia de felicidade a tristeza estava marcada na mente da sua mãe querida. Por quê?



Perguntava. Ela não respondia. Um dia ao chegar da escola a encontrou caída na cozinha. Gritou para os vizinhos ajudarem. Não adiantou mais. Sua mãe estava morta. Disseram que ela tinha uma doença grave a muitos e muitos anos. Pela primeira vez a felicidade que tinha foi substituída por uma tristeza enorme. Nunca chorou e agora chorava. – Porque mamãezinha nunca me contou?

Era uma vez... Um menino que cheio de felicidade agora vivia com uma profunda tristeza. Pensou que havia perdido a alegria de viver para sempre. Agora uma magoa profunda tinha invadido seu humilde coração de menino infeliz. Sua mãe disseram foi viver com Jesus lá no céu. – E porque não me levou? Porque me deixou aqui nesta casa onde ninguém me ama? Pobre menino. Viver com outros meninos ele não reclamava. Havia muitos bons e outros maus. Batiam-lhe, faziam coisas para machucar e doer. Pensou em fugir e fugir para onde? Não conhecia ninguém. Dormiu chorando e sonhou com sua mãe no céu. Ela lhe dizia para não desistir. Seria por pouco tempo e eles se encontrariam novamente.

Era uma vez... Naquela tarde cinco meninos mais velhos que ele lhe bateram tanto que ele foi parar no hospital. Ficou lá muitos dias e uma senhora morena, simpática, com um lindo sorriso nos lábios cantou para ele uma canção. A Arvore da Montanha. Amou tudo que ela cantou. Ela vestia um uniforme lindo e disse que era escoteira. Ele não sabia o que era isto e perguntou. Ela lhe contou lindas histórias dos Escoteiros e ele de novo passou a sonhar que poderia ter a felicidade que havia perdido se pudesse ser um menino Escoteiro. Falou com ela e ela parou de sorrir. Não sabia o que dizer. Um mês depois, ao sair do hospital o Monitor da casa onde morava com os outros meninos veio lhe buscar. Carrancudo, olhos felinos fixos no menino triste o pegou pelo braço quase lhe arrastando até a perua da casa de correção.

Era uma vez... A tristeza de novo tomou conta do menino triste que um dia teve a felicidade no seu coração. Uma tarde, não uma tarde sombria, mas ele sabia que era véspera de natal, pois as flores tomavam conta das árvores e dos jardins. De olhos fixos na janela ele chorava mesmo assim. Perdeu tudo, perdeu sua alegria, perdeu seu sorriso e seu coração agora era lugar da tristeza e de infelicidade. Pela manhã um Monitor do educandário havia lhe machucado com uma vassourada nas costas. Sabia que não podia reclamar. Se fizesse isto apanhava muito mais. A porta da grande salão abriu e a mulher escoteira apareceu a sua frente. – Meu menino, você vai comigo, consegui adotar você.

Era uma vez... Uma patrulha de meninos Escoteiros que cantava o rataplã. Não sei se eram os touros, se eram os tigres ou os águias. Mas sei que o menino triste agora sorria. Ele agora era um patrulheiro escoteiro. Pensou na sua mãe no céu e sentiu que ela sorria para ele. Ao atravessar a ponte do amor eterno onde iriam acampar, o menino sentia seu coração bater forte. Sabia que

agora era feliz. Sabia que tudo que quis encontrou junto aos amigos de sua patrulha. Sentiu as pernas bambas. Sentiu uma dor enorme no coração. Caiu de leve na grama da trilha que os conduzia ao campo sagrado do acampamento. Viu uma luz azul imensa se aproximando dele. Era sua mãe que vinha buscá-lo.

Era uma vez... O menino que encontrou novamente a felicidade e mesmo assim estava triste. Alegre por estar caminhando ao lado de sua mãe entre as nuvens do céu que o levaria para a cidade do amor junto a Jesus. Triste porque teve de deixar sua patrulha que não entendeu o porquê ele havia morrido assim sorrindo na trilha do campo sagrado do acampamento. Por quê? Perguntavam. Alguém disse e poucos entenderam: - Nascer, viver, morrer nascer de novo. O que seria isto? Pensaram os Escoteiros. Ninguém entendia. Os destinos de cada um de nós a Deus pertence. Os Escoteiros olharam para o céu e o viu dando seu Sempre Alerta sorrindo e sentado em uma nuvem branca cujo vento leve o levava para o alto de uma estrela no céu.

Era uma vez... Um menino que tinha a felicidade no coração. Um menino que ficou triste. Um menino que sofreu nas mãos de outros meninos e adultos; um menino que encontrou uma escoteira mãe que foi um anjo para ele, um menino que passou a sorrir junto com seus amigos de patrulha. Um menino que foi para o céu. Um menino que encontrou novamente a mãe que amava e agora tinha aprendido a sorrir. Ah! Escotismo. Fazer a felicidade dos outros, você sabe como fazer e por isto que eu o amo tanto! E assim termina a história do menino triste, que morreu feliz tendo o escotismo para sempre dentro de sua mente e preso em seu coração!

Se eu morrer antes de você, não culpe a Deus. Mas, se eu morrer antes de você, acho que não vou estranhar o céu. Ser seu amigo, já é um pedaço dele...



**FIM**